

ROCCO
JÓVENS LEITORES

COMPORTAMENTO

ALTAMENTE

ILÓGICO

JOHN COREY WHALEY



Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)



JOHN COREY WHALEY

COMPORTAMENTO ALTAMENTE ILÓGICO



TRADUÇÃO
Ana Carolina Mesquita

ROCCO
JOVENS LEITORES

PARA SCOTTY

Sumário

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Parte um: Primavera

[Capítulo 1 - Solomon Reed](#)

[Capítulo 2 - Lisa Praytor](#)

[Capítulo 3 - Solomon Reed](#)

[Capítulo 4 - Lisa Praytor](#)

[Capítulo 5 - Solomon Reed](#)

[Capítulo 6 - Lisa Praytor](#)

[Capítulo 7 - Solomon Reed](#)

[Capítulo 8 - Lisa Praytor](#)

[Capítulo 9 - Solomon Reed](#)

[Capítulo 10 - Lisa Praytor](#)

[Capítulo 11 - Solomon Reed](#)

[Capítulo 12 - Lisa Praytor](#)

[Capítulo 13 - Solomon Reed](#)

[Capítulo 14 - Lisa Praytor](#)

[Capítulo 15 - Solomon Reed](#)

[Capítulo 16 - Lisa Praytor](#)

Parte dois: Verão - um mês mais tarde

[Capítulo 17 - Solomon Reed](#)

[Capítulo 18 - Lisa Praytor](#)

[Capítulo 19 - Solomon Reed](#)

[Capítulo 20 - Lisa Praytor](#)

[Capítulo 21 - Solomon Reed](#)

[Capítulo 22 - Lisa Praytor](#)

[Capítulo 23 - Solomon Reed](#)

[Capítulo 24 - Lisa Praytor](#)

[Capítulo 25 - Solomon Reed](#)

[Capítulo 26 - Lisa Praytor](#)

[Capítulo 27 - Solomon Reed](#)

[Capítulo 28 - Lisa Praytor](#)

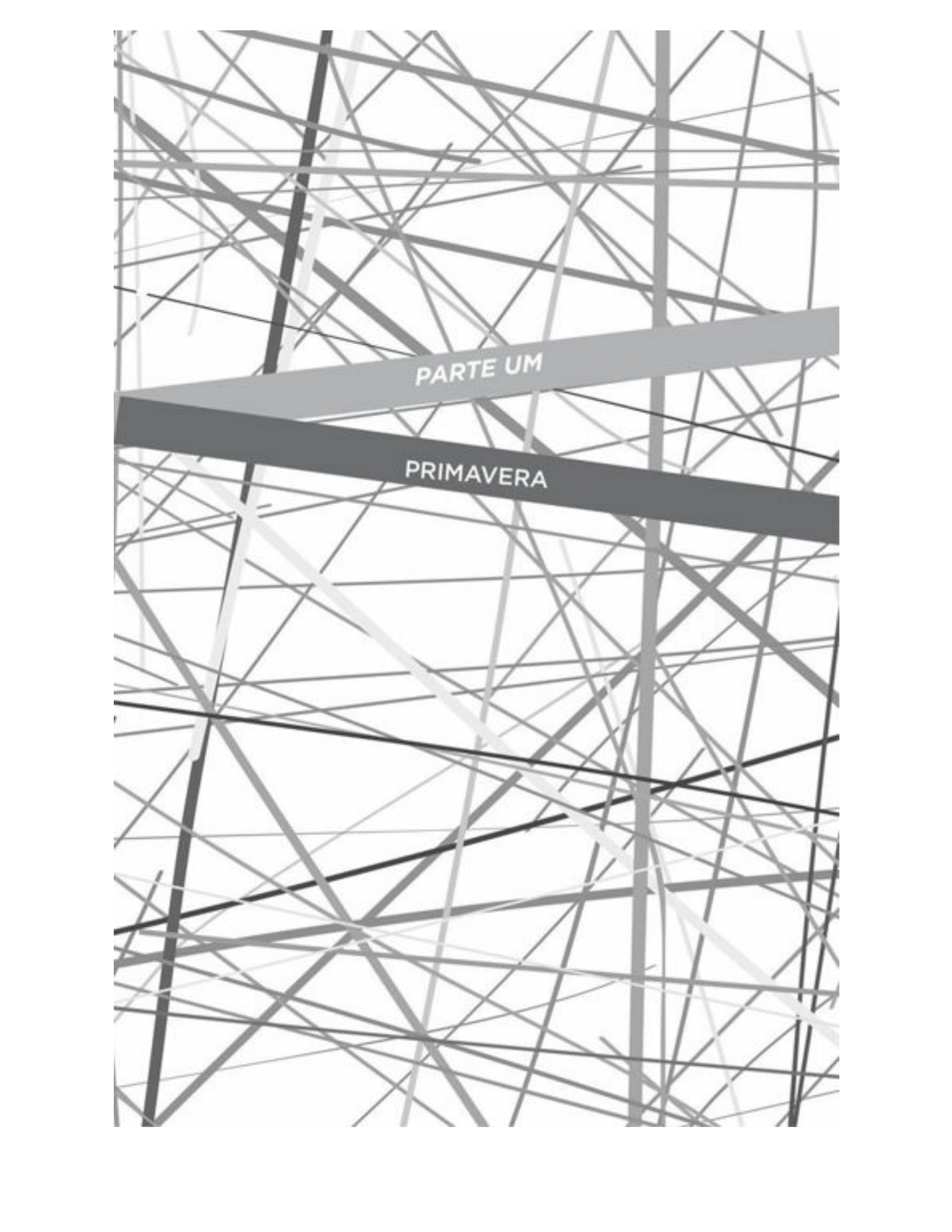
[Capítulo 29 - Solomon Reed](#)

[Capítulo 30 - Lisa Praytor](#)

Agradecimentos

[Créditos](#)

[O Autor](#)

The image features a complex, abstract background composed of numerous thin, overlapping lines in various shades of gray and black, creating a dense, web-like texture. Two prominent, thick, dark gray diagonal bands cross the image. The upper band contains the text "PARTE UM" in white, uppercase letters. The lower band contains the text "PRIMAVERA" in white, uppercase letters. The overall composition is dynamic and layered.

PARTE UM

PRIMAVERA



UM

SOLOMON REED

Solomon não precisava sair de casa para nada, afinal. Tinha comida. Tinha água. Podia ver as montanhas da janela do quarto, e seus pais estavam sempre tão ocupados que ele atuava, a maior parte do tempo, como o chefe da casa. Jason e Valerie Reed deixavam que fosse assim porque, na atual condição do filho, perceberam que essa era a única maneira de fazer com que o garoto se sentisse melhor. Então, no seu aniversário de dezesseis anos, ele completou três anos, dois meses e um dia sem que saísse de casa. Estava pálido e sempre descalço, mas deu certo. Aliás, foi a única coisa que havia funcionado.

Ele estudava a distância – em geral, terminava todas as tarefas escolares antes de os pais chegarem à noite, quando o encontravam ainda de pijamas e com o cabelo bagunçado. Se o telefone tocasse, ele deixava cair na secretária eletrônica. E, nas raras ocasiões em que alguém batia à porta, ele espiava pelo olho mágico até que a pessoa, seja lá quem fosse – uma bandeirante, um político ou, quem sabe, um vizinho – desistisse. Solomon vivia no único mundo que o aceitava. E que, apesar de quieto, mundano e de vez em quando solitário, nunca saía do seu controle.

Ele não tinha tomado aquela decisão de modo impensado. Verdade seja dita, ele, pelo menos, tinha se esforçado o máximo possível para se encaixar no mundo lá fora, fez tudo que alguém como ele era *capaz*. Até que em um belo dia esforçar-se deixou de ser suficiente, e ele despiu toda a roupa, ficou só de cueca boxer e sentou-se diante da fonte em frente à sua escola. E ali, sob os olhares de todos os seus colegas de classe e professores, e com a visão ofuscada pelo sol da manhã, devagarzinho ele inclinou o corpo para trás até submergir totalmente na água.

Foi a última vez que Solomon Reed apareceu na Upland Junior High e, poucos dias depois, começou a recusar-se a pôr os pés para fora de casa. Era melhor assim.

– Melhor assim – disse para a mãe, que toda manhã implorava para que ele fizesse uma forcinha.

Era melhor mesmo, sério. Seus ataques de pânico começaram aos onze anos, mas nos últimos dois anos as crises se tornaram mais frequentes e intensas – primeiro aconteciam de mês em mês, depois a cada quinze dias. Na época em que ele entrou na fonte como um lunático, estava sofrendo até três ataques severos de pânico por dia.

Era um inferno.

Após o episódio da fonte, ele entendeu o que deveria fazer: afastando-se de tudo o que lhe traz pânico, você não entrará em pânico. Aí, ele passou três anos se perguntando por que todos achavam isso tão difícil. A única coisa que ele estava fazendo era viver, em vez de morrer. Algumas pessoas têm câncer. Algumas pessoas enlouquecem. Ninguém tenta tirar uma pessoa

da química.

Solomon tinha nascido e, muito provavelmente, morreria em Upland, Califórnia. É uma cidade-satélite de Los Angeles, distante mais ou menos uma hora do seu centro. Fica numa região chamada Inland Empire, nome que agrada muitíssimo Solomon porque lembra algo saído de *Star Trek*, série de televisão que ele conhece bem até demais.

Já seus pais, Jason e Valerie, *não* conhecem *Star Trek* tanto assim, apesar de o filho insistir que se trata de um retrato brilhante da humanidade. Para agradá-lo, no entanto, de vez em quando assistem a um episódio com ele. Chegam até a fazer umas perguntas aqui e ali sobre os personagens, só para verem a empolgação de Solomon.

Valerie Reed é dentista e tem um consultório em Upland, enquanto Jason constrói cenários de filmagens em um estúdio em Burbank. Qualquer um imaginaria que é um trabalho que rende histórias ótimas, mas o problema é que Jason é o tipo de cara que confunde Dermot Mulroney com Dylan McDermott e, portanto, não dá para confiar quando ele conta que encontrou alguma celebridade.

Uma semana depois de completar dezesseis anos, Solomon estava impaciente enquanto seu pai tentava contar-lhe sobre um ator que havia visto no set naquele dia.

– Sabe quem é? Aquele cara bigodudo. Daquela série... sabe, aquela série que tem música de abertura...

– Todo seriado tem música de abertura, pai.

– Ah, não, mas você sabe quem é. Aquele cara da arma!

– Cara da *arma*? Como assim, pai?

– Aquele cara! O cara que aparece segurando uma arma na abertura. Eu sei que você sabe quem é!

– Sei lá. *Hawaii Five-O*?

– Isso aí é o nome do filme, não do ator – disse seu pai.

– Não, é série de TV, pai. Nem parece que você trabalha em Hollywood.

– Você já fez sua lição de casa? – perguntou a mãe de Solomon, entrando na sala.

– Hoje de manhã. Como foi no trabalho?

– Consegui uma paciente nova hoje.

– É isso aí; continue fazendo a grana entrar! – brincou o pai.

Ninguém riu.

– Ela disse que estudou na Upland Junior High. Lisa Praytor? Conhece de nome?

– Não – respondeu Solomon.

– É uma garota legal. Belos molares. Mas vai ter de tirar os sisos daqui a um ou dois anos, senão terá que usar aparelho nos dentes novamente.

– Você já precisou usar aparelho? – perguntou Solomon.

– Sim, aquele externo, tipo freio de burro. Foi horrível.

– Ah, agora entendi. Você quer fazer os outros passarem pela mesma tortura que passou na infância.

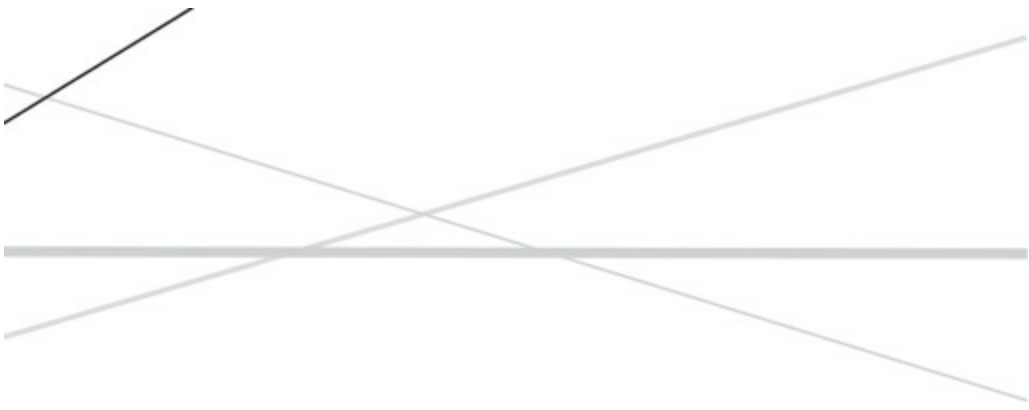
– Nem vem com essa de me analisar.

– Solomon, para de analisar sua mãe – disse o pai atrás de um livro, outro daqueles romances de terror assustadores que ele sempre lia.

– Enfim. Ela é bacana. E bonita também. Com apenas uma cárie – completou Valerie.

Solomon sabia muito bem o que estava acontecendo. Volta e meia sua mãe fazia aquilo: falava sobre alguma garota bonita na esperança de que isso pudesse curar o filho e o fizesse pôr os pés para fora de casa e voltar direto para a escola. Não tinha importância, mas seria ótimo se ela não ficasse tão desesperada para ele mudar. Porque, se esse desespero aumentasse, aqueles pequenos momentos, construídos entre os dois ao longo do tempo, acabariam se perdendo.

Ele já ouviu os dois conversando a seu respeito algumas vezes. Quando tinha dez anos descobriu que, se segurasse um copo de plástico contra a parede, dava para ouvir tudo o que os pais diziam no quarto deles. Na última conversa que escutou, a mãe perguntou ao pai se os dois “seriam obrigados a ficar com ele como um encosto, para sempre”. Depois que ela disse isso, Solomon não conseguiu escutar nada durante um tempo. Então percebeu que foi porque ela desatou a chorar assim que as palavras saíram da sua boca. Horas mais tarde, Solomon continuou acordado na cama, tentando encontrar uma resposta para a pergunta da sua mãe. Então, ele acabou se decidindo por um difícil sim.



DOIS

LISA PRAYTOR

A vida às vezes simplesmente lhe entrega a limonada pronta, num copo geladinho com uma rodela de limão na borda. Para Lisa Praytor, uma aluna do penúltimo ano do ensino médio que só tirava A na Upland High, conhecer a mãe de Solomon Reed foi esse copo de limonada. E isso mudaria sua vida.

Talvez você tenha conhecido uma Lisa Praytor. Era aquela garota que sentava na frente da classe e levantava a mão para responder absolutamente todas as perguntas do professor. Ficava na escola até mais tarde para ajudar nos preparativos do livro do ano e, tão logo chegava em casa, caía de cabeça nos deveres.

Sempre foi do tipo que tinha a agenda lotada e, aos onze anos, escolheu viver de acordo com os conselhos da sua tia-avó Dolores, que sempre dizia: “Nenhum dia no seu calendário deve estar vazio. Isso dá azar. São vinte e quatro horas de oportunidades perdidas.”

Nem mesmo um convite do namorado para irem até a praia assistir ao pôr do sol seria capaz de tentá-la a deixar os compromissos de lado. E olha que Clark Robbins era o tipo de cara que lhe chamava para fazer coisas desse tipo o tempo inteiro. Ele era bonito sem ser intimidante e partia o seu cabelo castanho-escuro de um jeito que Lisa achava especialmente atraente. Quando foi apresentado à mãe de Lisa, eles já namoravam há um ano e dezessete dias. Lisa sabia disso porque havia marcado na agenda.

No último ano do ensino fundamental, depois do episódio daquele garoto em frente à escola, Lisa escreveu uma coluna de opinião no jornal *Register*, da Upland Junior High, para defender o menino – um texto severo sobre a importância da empatia. Aquilo não pegou bem entre os colegas e, até o fim do ano, corriam boatos de que Lisa estava namorando escondido o cara doido que tinha se jogado na fonte.

Não fosse o corpo estudantil de quase mil alunos daquela escola, talvez Lisa não tivesse conseguido se safar da tentativa frustrada de heroísmo quando começou no ensino médio. Mas ela conseguiu, e o incidente acabou sendo esquecido pela maioria de seus amigos e colegas de turma.

Mas não por Lisa. Ela havia assistido à cena toda naquele dia – um carinha magricela de cabelo bagunçado tirando a camiseta e abaixando a calça, e caminhando de um jeito devagar e silencioso até a água. Ela não o conhecia, mas sempre pensou que fosse um garoto bacana, do tipo que, sem pensar duas vezes, segura a porta para alguém passar. E sempre torceu para vê-lo novamente ou, no mínimo dos mínimos, saber que ele estava bem.

Então, um dia Lisa viu no jornal local o anúncio do consultório odontológico de Valerie Reed. Bastou uma busca online para confirmar que sim, era mesmo a mãe de Solomon. Lisa nunca tinha de fato ido atrás do menino da fonte, apesar de pensar nele de vez em quando e

imaginar o que poderia ter acontecido com ele. Entretanto, assim que se deu conta de que o havia encontrado, soube que precisava vê-lo o mais rápido possível. E o único jeito de fazer isso era marcando uma consulta com a mãe dele. Na pior das hipóteses, Lisa receberia uma bela limpeza nos dentes e ganharia uma escova dental. Na melhor, todos os seus sonhos se tornariam realidade.

– Então, em que escola você estuda? – perguntou a dra. Valerie Reed enquanto se sentava para examinar os dentes de Lisa. Era 24 de março, uma terça-feira, e Lisa estava se controlando ao máximo para não fazer um milhão de perguntas sobre Solomon.

– Upland High. Você é a mãe do Solomon?

– Sou – respondeu Valerie, ligeiramente surpresa.

– Estudamos juntos no fundamental. Tem uma foto dele ali na parede. – Lisa sorriu, apontando para uma foto de Valerie, Solomon e Jason pendurada do outro lado da sala, ao lado da janela.

– Você o conhecia? – perguntou Valerie.

– *Conhecia?* – perguntou Lisa. – Oh! Quer dizer que ele...?

– Não. Meu Deus, não. Desculpe – disse Valerie. – É que ele não sai muito de casa.

– Ele estuda numa escola particular? Na Western Christian?

– Não, estuda em casa.

– Você dá aulas para ele e trabalha como dentista? – perguntou Lisa.

– Ele estuda pela internet. Ensino a distância. Certo, incline o corpo para trás assim. Abra bem a boca.

– Eu estava lá, sabe – disse Lisa, voltando a se sentar com as costas retas.

– Onde? – perguntou a dra. Reed, que estava começando a parecer meio frustrada.

– Naquele dia de manhã. Eu vi o seu filho... eu vi o “incidente”.

– Foi um ataque de pânico – disse Valerie. – Agora posso dar uma olhada nesses dentes?

– Antes só mais uma coisinha – disse Lisa.

– Diga.

– Por que ele não sai muito de casa?

A dra. Reed olhou para a garota em silêncio, a boca encoberta pela máscara de papel azul, mas os olhos buscando a resposta certa. E, justamente quando ela estava prestes a falar, Lisa a interrompeu: – É que... faz muito tempo que ninguém o vê. Ele sumiu do mapa. É estranho, só isso. Achei que tivesse ido para um internato ou algo assim.

– Ele estudou um dia na Western Christian. O que se pode fazer, se seu filho não quer sair de casa?

– Deixar ele ter aulas em casa?

– Foi nossa única opção. Abra bem a boca.

Assim que a dra. Reed terminou, Lisa retomou o assunto exatamente de onde havia parado, sem sequer esperar que a cadeira assumisse de novo a posição vertical.

– Quando foi a última vez em que ele saiu de casa?

– Você é mesmo curiosa, não é?

– Desculpe. Nossa, desculpe mesmo. Não queria ser intrometida. É que pensei muito nele nesses últimos anos e, quando percebi que você era a mãe dele, acho que me empolguei demais.

– Tudo bem – disse Valerie. – Fico feliz por alguém lembrar-se do Solomon. Faz três anos. Um pouquinho mais, na verdade.

– Ele está bem?

– No geral, sim. A gente se esforçou para dar certo.

– Ele deve se sentir sozinho – comentou Lisa.

– Imagino que sim.

– Ele tem algum amigo?

– Não mais. Antes tinha. Vocês crescem tão rápido; ele não conseguiu mais acompanhar esse ritmo.

– A senhora poderia dizer que mandei um oi? Duvido que ele saiba quem eu sou, mas, enfim, se não for estranho...

– Pode deixar, Lisa. Vejo você na terça que vem, para tratar dessa cárie.

Para Lisa, mentir para adultos era um pouco mais fácil do que mentir para gente da sua idade. Tal como ela, nenhum de seus amigos ou colegas confiava em ninguém, por isso era mais difícil fazer alguma mentira colar. Mas veja alguém como Valerie Reed, dentista, provavelmente nascida no final da década de 1970 numa família de pais liberais do sul da Califórnia: era um alvo fácil, alguém que deseja tanto confiar em todo mundo que não enxerga uma mentira nem quando a esfregam na sua cara.

Lisa sabia que aquela era uma mentira inocente, um passo necessário para fazer seu plano-mestre ser transformado de teoria em realidade. E que plano!

Ela iria curar Solomon Reed.

A vida dela dependia disso.



TRÊS

SOLOMON REED

Terapia não funcionou para Solomon Reed porque ele não quis que funcionasse. Quando tinha doze anos, ao perceberem que suas crises de rebeldia e surtos de choro eram mais do que apenas coisa de menininho rico mimado, seus pais tentaram convencê-lo a conversar com alguém. Ele, porém, se recusou a falar com o terapeuta. Nem uma única palavra. O que Jason e Valerie podiam fazer? Como disciplinar alguém que deseja passar o dia inteiro trancado no quarto? Se o proibiam de ver televisão ou usar o computador, ele ficava lendo livros o dia inteiro e pronto. E nenhum dos pais o proibiria de ler.

Ele tinha sido um aluno tímido e quieto na escola, do tipo que se senta curvado sobre a carteira no fundo da sala e ainda assim só tira A e B. Lá ele aperfeiçoara a arte da invisibilidade. Em casa, porém, ria e brincava com os pais. Até escutava música alto de vez em quando e cantava canções inventadas enquanto ajudava a lavar a louça ou arrumar a mesa.

Na época do episódio na escola, ele ainda fazia terapia, mas Jason e Valerie resolveram experimentar uma nova terapeuta – que cobrava o dobro do preço da consulta. Solomon compareceu à sessão marcada e, como de costume, não abriu a boca. Apenas ouviu. Ouviu direitinho e, assim que aquela primeira sessão acabou, inventou uma maneira de livrar-se também *daquela* terapeuta. E o melhor, nem precisaria mentir para isso.

– Ela acha que vocês dois estão abusando de mim ou algo do tipo.

– Ela disse isso? – perguntou seu pai.

– Nem precisou – respondeu Solomon. – Ela me perguntou sobre o ritmo de trabalho de vocês e se brigavam ou gritavam. Ela está a fim de sangue. Eu é que não volto lá.

E não voltou mesmo. Quem eram eles para argumentar contra isso, também? Em casa, ele ficava melhor. Ficava calmo, feliz, de trato fácil. Os ataques de pânico eram poucos e os intervalos entre eles, maiores, e, embora os pais jamais fossem admitir, aquilo facilitava muito a vida de ambos: nada de reuniões de pais e mestres, nem de levá-lo para a escola de manhã e buscá-lo à tarde. Apesar de ter apenas treze anos, Solomon dependia muito pouco dos pais, e menos ainda do mundo. Não se sentia entediado, solitário ou triste. Sentia-se seguro. Podia respirar. Podia relaxar.

Solomon nunca teve muitos amigos na escola, só colegas com quem trocava um oi ou as respostas das tarefas, de vez em quando. Mas, de alguma maneira, acabava sempre almoçando com um garoto chamado Grant Larsen. Grant era do tipo que estava sempre falando sobre *gatas gostosas*, filmes de ação e dos professores que mais odiava. Isso quando não ficava se gabando do “trabalho incrível” do pai numa montadora de carros elétricos.

– Então por que sua família não tem um desses? – perguntava Solomon.

– Ainda não temos condições de carregar a bateria desse tipo de carro lá em casa. Mas daqui a pouco, cara. Não vai demorar.

Grant não se incomodava que Solomon não falasse de garotas nem se gabasse do trabalho

incrível do *seu* pai, simplesmente gostava de ser ouvido e, por acaso, essa era uma das melhores qualidades de Solomon. Ele concordava e resumia alguma resposta em duas ou três palavras. Era a saída que encontrava para conseguir ficar ali, rodeado de centenas de garotos e garotas barulhentos, sem surtar. Ele se concentrava em Grant e ficava quieto. Se prestasse atenção em mais alguma coisa, corria o risco de ter um ataque de pânico na frente de todo mundo. Como aquele que, por fim, acabou selando seu destino e rotulando-o de maluco.

Grant *foi* visitar o colega depois do incidente da fonte, isso é ponto a seu favor. Entretanto, em casa, Solomon não era mais o ouvinte mudo que tinha sido na escola. Era ele mesmo. E isso pareceu não agradar muito a Grant.

– Quer jogar alguma coisa? – perguntou Solomon um dia, poucas semanas depois de abandonar a escola.

– Que tipo de jogo? Você tem PlayStation?

– Ah, não, sou péssimo em videogames. Eu quis dizer cartas, essas coisas. Você curte jogos de estratégia?

– Você está me perguntando se estou a fim de jogar Dungeons and Dragons? Porque, se é isso, cara, a resposta é não! Que inferno, eu não quero morrer virgem.

– Isso não faz o menor sentido.

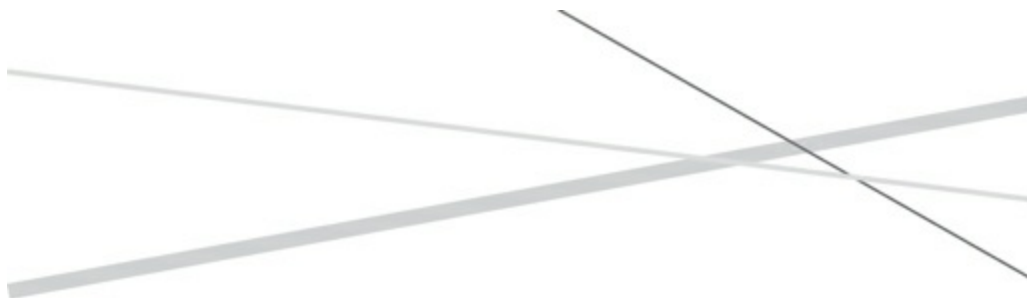
– Não? Vai dizer isso ao meu tio Eric, então. Ele joga esses jogos de nerd com os amigos nerds o tempo inteiro, e minha mãe diz que provavelmente ele vai acabar ficando sozinho para sempre.

– Sua mãe parece ser bacana – disse Solomon, baixinho.

– Deixa de bobaquice, eu só quis dizer que isso é meio idiota.

Não era idiota. Nem um pouquinho. E Solomon não levou muito tempo para perceber que não precisava de amigos. O que foi bom, porque depois de alguns meses e mais umas tentativas fracassadas de convivência, Grant parou de visitá-lo. Seus pais perguntaram algumas vezes o que tinha acontecido com Grant, por que agora ele andava tão ocupado, mas Solomon só dava de ombros e dizia que não sabia. Mas ele sabia. Agora Grant estava ocupado entediando outra pessoa até a morte.

Veja bem, o mundo de Solomon não era tão solitário quanto pode parecer. Não era escuro e triste. Era pequeno, claro, mas confortável. E por que precisaria ser mais do que isso? Solomon sabia, porém, que seus pais estavam preocupados – e essa era a única coisa que o incomodava. O que ele desejava, acima de tudo, era conseguir explicar para os dois o quanto se sentia melhor agora. Mas, a julgar pelo silêncio dos pais a esse respeito, e pelo fato de ele não fazer terapia, Solomon imaginou que disso eles já sabiam.



QUATRO

LISA PRAYTOR

Lisa aprendera algumas coisas importantes com sua mãe – tipo, como aplicar rímel ao volante e em que época do ano pode-se usar sapatos brancos. Porém, Lisa aprendera principalmente que, caso se acomodasse a uma vida que não desejava, terminaria igualzinha a sua mãe: com trabalho em excesso, levemente deprimida e fracassando no terceiro casamento.

Lisa desejava mais do que Upland, Califórnia. Não era o pior lugar do mundo, de jeito nenhum, mas não era o lugar *dela*. Alguém como Clark seria capaz de viver ali para sempre, feliz de ter uma vidinha sossegada e nunca produzir grandes ondas no mundo. Lisa, no entanto, precisava de voos maiores. Queria ser alguém importante. E isso não iria acontecer em Inland Empire. Por sorte, já pensava no futuro antes mesmo de terminar o ensino médio, e queria buscar logo uma saída. A nova consulta marcada com a mãe de Solomon deu-lhe bastante confiança para elaborar seu plano de fuga.

Ainda não tinha muita certeza do que faria com Clark, porém. Ela o amava. Era difícil não amá-lo, mas sempre que tentava elevar as coisas a outro nível aquilo não dava em nada. Ele não queria conversar sobre a universidade, dizia que ainda não se sentia preparado. E, apesar de sua aparência e confiança, ficava claro que ele não estava preparado para outras coisas também.

Clark queria esperar. Lisa não sabia exatamente o quê, mas o fato é que, sempre que ela tentava fazer alguma coisa que se aproximasse remotamente de uma transa, ele dizia que ainda não era a hora certa.

Claro que Lisa nunca pensou que o problema pudesse ser com ela.

– Ele é religioso – disse à sua melhor amiga Janis, pelo telefone. – Deve ser por isso, né?

Janis Plutko e Lisa se tornaram melhores amigas no primeiro ano. Porém, desde que Janis renasceu em Cristo no ano passado, Lisa sentia crescer uma grande distância entre as duas. Ela não se incomodava com a religiosidade da amiga, mas às vezes ficava em dúvida se Janis sabia a diferença entre o que era ser religiosa e agir como uma.

– *Dá um tempo* – disse Janis. – Namorei três caras da escola dominical e todos eles tentaram me bolinar. O problema não é Deus, Lisa.

– Bom, então qual é? Nem vem me dizer que sou eu. Não sou.

– Lisa... ele está no time de polo aquático e tem três irmãos mais velhos – disse Janis.

– E daí? De novo não, Janis. Ele *não* é gay!

– Tanto pelo lado científico quanto pelo superficial, ele não parece ser lá muito hétero.

– Do que você tá falando, hein?

– Dizem que, quanto mais irmãos mais velhos a pessoa tem, maior a probabilidade de ser homossexual. Pelo menos no caso dos homens. E será que eu *preciso* mesmo te explicar por

que polo aquático é coisa de gay?

– Tá, tá, carinhas de sunga jogando coladinhos numa piscina – disse Lisa. – Já entendi. Mas ele não é gay.

– Pode dizer o que você quiser a si mesma, Lisa, mas não elimine essa opção. Eu tenho faro para essas coisas. Sou o melhor radar de gay dessa cidade.

– Quer saber do que mais? Agora não estou nem aí pra isso.

– Lisa... Acho que você deveria se importar.

– Talvez as pessoas é que deversem parar de se importar. Mas enfim, eu tenho mais o que fazer. Sexo deveria ser a última das minhas preocupações.

– Sabe de uma coisa? Você daria uma ótima cristã. Comece a frequentar a igreja, quem sabe o cara não fica louco por você.

– Tenho medo de entrar em combustão assim que eu pisar lá.

– Eu teria medo disso também – interrompeu Janis.

– Eu amo o Clark. Tenho certeza de que ele também me ama. Então, por enquanto, qual o problema?

– Essa conversa só começou por causa da *sua* frustração sexual.

– Mesmo assim. Como eu disse: sexo é muito distrativo. Preciso focar na escola e em dar o fora daqui.

– E, agora, vai me contar da dentista? – pediu Janis.

– Ela era legal. E eu tinha razão. O cara não sai de casa há *anos*.

– Fascinante – comentou Janis. – Eu também não sairia, se tivesse feito o que ele fez.

– Não foi culpa dele – defendeu Lisa.

– Sinceramente, não sei por que você dá tanta importância para um cara que nem conhece.

O plano de Lisa vinha tomando forma algum tempo antes de ela de fato conhecer a mãe de Solomon, mas ainda não se sentia preparada para revelar nada a Janis. Às vezes, quando você está fazendo algo que não devia, a última coisa de que precisa é alguém como Janis vindo te repreender. Lisa era bastante esperta para conhecer os riscos, e já tinha tomado sua decisão.

Mais tarde, naquela noite, na casa de Clark, Lisa tentou tocar no assunto da faculdade para ver se conseguia entender o que estava se passando pela cabeça dele.

– E aí, andou pensando naquelas faculdades da Costa Leste? – perguntou ela.

– Eu estava pesquisando a respeito disso outro dia – respondeu Clark. – Mas aí me senti adulto demais e comecei a jogar videogame.

– Bom, eu finalmente me decidi. Então, talvez fosse legal você estudar em alguma faculdade perto da minha.

– Tá. E onde é a sua?

– É a Woodlawn University. Eles têm a segunda melhor faculdade de psicologia do país, segundo os rankings das universidades.

– Por que não tenta entrar na primeira?

– Porque eu *sei* que serei uma das melhores alunas da classe nesta, mas não tenho muita certeza de que isso aconteceria na outra.

– Você é que nem a Lady Macbeth, só que sem nenhum assassinato.

– Obrigada. Você não tem ideia do elogio que isso é para mim.

– Quer dizer então que preciso procurar uma universidade perto dessa? Onde fica Oregon?

– Maryland – corrigiu ela. – Baltimore.
– Sempre quis conhecer o túmulo de Poe.
– Ridículo – disse ela. – Nunca entendi esse fascínio geral por cemitérios. É mórbido e simplesmente... triste.

– Eu visito o túmulo do meu avô às vezes. É bonito.

– Desculpe.

– Não tem importância – disse ele. – Eu gosto das minhas coisas, você gosta das suas.

– O que você faz lá? Olha para o túmulo e fica triste?

– Não. Em geral eu rezo ou converso com meu avô como se ele ainda estivesse aqui. Sinceramente isso me deixa mais feliz do que triste.

– As pessoas são estranhas, não são?

– É por isso que você está tão decidida a consertar todo mundo? – perguntou Clark.

– Menos você – disse ela, rapidamente. – Você está bem do jeito que é.

– Valeu. Bom, então... Woodlaw...

– *Woodlawn* – corrigiu ela.

– Tá, isso. Será que você consegue passar pra lá?

– De olhos fechados.

– O que precisa fazer? Uma redação ou algo assim?

– É. *Minha experiência pessoal com doenças mentais*.

– Não vai ser muito difícil – riu ele. – Você pode escrever sobre sua mãe. Ou quem sabe sobre a *minha* mãe. Ela é insana, com certeza.

– Não. Precisa ser algo diferente de tudo. A melhor redação que a banca vai ler. Talvez a melhor que já leram *em toda a vida*. Eles concedem uma bolsa de estudos por ano. Integral.

E ela sabia exatamente sobre o que iria escrever. A ideia tinha praticamente caído no seu colo assim que ela viu o anúncio da dra. Reed no jornal. Precisava encontrar Solomon, seduzi-lo e fazer com que ele recuperasse a saúde mental. Então, registraria tudo aquilo em sua redação para entrar na Woodlawn e estaria a meio caminho de garantir lugar entre as maiores mentes da psicologia do século XXI. Batizariam um prédio com o seu nome quando fosse avó.

Mas tinha de começar logo se quisesse garantir seu sucesso. Principalmente porque, ao que parecia, poderia estar lidando com um agorafóbico em nível elevado. Isso não é coisa que se consiga superar em poucas semanas: Lisa precisaria de vários meses até fazer Solomon progredir como deveria – e ela já estava no penúltimo ano do ensino médio. Ou seja, teria um tempo curto e exato para inscrever-se na primeira chamada do processo seletivo. Ela não aceitaria ficar na lista de espera e não estava a fim de se inscrever na terceira melhor faculdade de psicologia do país. Seu lugar era na Woodlawn e era para onde iria, não importando o que acontecesse.

– Vou escrever sobre meu primo – disse Lisa.

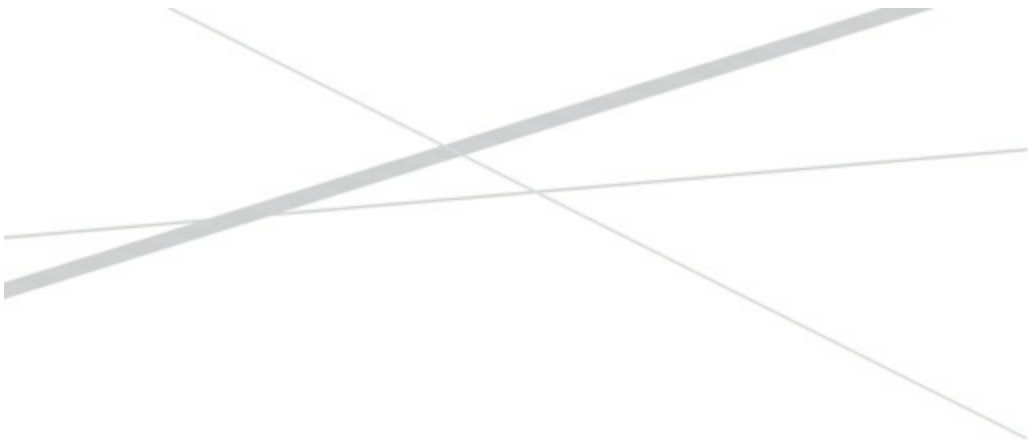
– O primo que está *naquele lugar*?

– Numa instituição – corrigiu ela. – Eu o vi uma vez. Ele às vezes sai de lá. Passa um ou dois fins de semana em casa por ano. É estranho. Sempre quis conversar com ele ou tentar conhecê-lo melhor, mas nunca fiz isso.

– Eu tomaria cuidado – aconselhou Clark. – Não dá para saber a complexidade do problema, já que ele precisa ficar afastado de todo mundo dessa maneira.

– Verdade, não dá mesmo – disse ela. – Mas acho que vou tentar conversar com ele mesmo assim.

Apesar de se interessar por psicologia, Lisa não estava realmente planejando conversar com o primo – nem com ninguém da família, aliás. Ela mal conseguia suportar ficar no mesmo ambiente que a mãe, e os cartões de aniversário do pai pararam de chegar quando ela fez nove anos. Precisava apenas de um bom álibi para que Clark não descobrisse nada sobre Solomon. Ainda não, pelo menos. Não dá para simplesmente dizer ao seu namorado que você vai passar um tempo com outro cara, durante uns meses, ainda mais se o outro cara em questão for portador de um histórico de instabilidade emocional e ataques de pânico em público. Ela contaria no momento certo. A ignorância seria, nesse caso, uma bênção para ele; na verdade, seria um favor se Clark esperasse um pouco antes de ser envolvido no projeto de Lisa. Afinal, esperar era algo que, pelo visto, ele adorava.



CINCO

SOLOMON REED

Segundo o padrão da maioria das pessoas, Solomon era um garoto bastante esquisito. Tinha o lance da agorafobia, óbvio; mas não era só isso. Ele tinha hábitos alimentares totalmente estranhos: recusava-se a comer qualquer coisa verde, sem exceção, e morria de medo de coco. Na maioria dos dias andava seminu, exibindo os cabelos sempre despenteados e uma linha avermelhada de um lado ao outro na barriga, no local onde apoiava a borda do laptop enquanto fazia o dever de casa ou assistia a filmes online. E, apesar de ser péssimo em videogames, pedia ao pai para jogá-los, só para ficar assistindo por horas e horas.

Ah, e pensava alto às vezes. Não sempre, mas o suficiente para seus pais saberem que, ao dobrar a esquina do corredor, corriam o risco de ouvir o filho dizer alguma coisa que só fazia sentido para ele mesmo. Sua mãe entrou no seu quarto exatamente num desses momentos, um dia depois de conhecer Lisa Praytor.

– Otário – disse Solomon sentado à escrivaninha, sem se dar conta de que a mãe estava logo atrás dele.

– Quem você está chamando de otário, otário? – disse ela.

Devagar, ele girou o corpo na cadeira até ficar de frente para a mãe. Suas faces estavam um pouquinho vermelhas, mas logo voltariam ao normal. Ele passava *muito* tempo com os pais, portanto poucas coisas eram capazes de constrangê-lo diante deles.

– Sabe aquela nova paciente de que eu falei? Aquela da sua escola?

– Lisa não sei das quantas?

– Praytor – disse ela. – Ela perguntou muito sobre você.

– Bom, pelo visto ultimamente a única coisa de que você consegue falar é dessa menina. Está tentando me dizer que não tenho molares perfeitos? Quer me trocar por ela, é?

– Ainda não descartei essa opção.

– E ela ficou perguntando muito sobre mim? Que medo, mãe.

– Ela não mete medo, não. Só um pouco enxerida, eu diria... mas nem um tiquinho assustadora. É bom saber que existe alguém lá fora que pensa em você, não é?

Solomon não sabia ao certo o que responder. Então existia alguém lá fora pensando nele. Maravilha. O que devia fazer a respeito? Convidar a menina para tomar um *brunch* em sua casa?

– Sei lá. Talvez.

– Não seria nada mal ter um ou dois amigos, sabia?

– Ei, e nós, não somos amigos? Está me dizendo que não somos amigos? – brincou ele, levantando a voz e imitando o sotaque de um mafioso.

– Estou dizendo que seus únicos amigos não deveriam ser de meia-idade e, com toda

certeza, não deveriam ser seus pais.

– Eu não vejo nada de errado nisso – disse ele.

– Ai, meu Deus. – Ela segurou o rosto do filho com as duas mãos. – Você é tão teimoso quanto o seu pai.

Valerie Reed morava com uma versão mais nova e uma mais velha do mesmíssimo homem: um minimalista introvertido que nunca falava de seus sentimentos e tinha obsessão por coisas ridículas. Ela até conseguia suportar as sessões semanais de filmes antigos de ficção científica e as conversas profundas que sempre as acompanhavam depois, mas gostava de brincar que assistir aos filmes com os dois era igual a “arrancar dentes”. Deu pra entender? Claro que deu.

– Sabe, acho que pela internet você conseguiria retomar o contato com alguns de seus antigos amigos – continuou ela.

– E por que eu desejaria fazer isso, mãe?

– Para se divertir. Sei lá.

– Eu já me divirto bastante – disse ele.

– Beleza, então. – Ela levantou uma das mãos e foi saindo. – Preciso pagar umas contas.

Solomon ficou pensando se um dia teria suas próprias contas para pagar. Ele não planejava sair de casa – nunca mais. Mas, apesar de ter apenas dezesseis anos, estava começando a se sentir culpado por ficar sempre ali... e por planejar ficar ali para sempre. Seus pais não eram do tipo de gente que fica sentada esperando a velhice chegar. Ele sabia que, depois que se aposentassem, os dois iriam querer viajar, ou talvez até mesmo se mudar da cidade. Às vezes – especialmente quando sua mãe soltava uma indireta de que ele deveria melhorar, mesmo que só um pouquinho – ele tinha a impressão de que era o grande problema da vida dos pais. E não queria que o preço da *sua* “cura” fosse a prisão perpétua deles.

Depois que a mãe saiu do quarto, Solomon voltou a fazer as tarefas escolares – porém, de vez em quando, entrava na internet para pesquisar. Não sentia falta de quase nada do mundo lá fora. Às vezes da Target, com suas prateleiras organizadas e sua música relaxante de loja de departamentos, ou de alguns de seus restaurantes preferidos, claro. Ah, sim: e sentia muita saudade do cheiro lá de fora quando uma chuva estava prestes a cair e da sensação das gotas pesadas batendo sobre a sua pele. Isso, porém, ele ainda conseguia desfrutar, colocando o braço para fora da janela às vezes. A água o acalmava. Ele não sabia o porquê, mas era fato. Ficava deitado na banheira por uma hora ou mais, de olhos fechados, concentrando-se no zumbido do exaustor do banheiro, e aquilo bloqueava todo o resto, qualquer coisa que pudesse fazê-lo piorar, qualquer pensamento que quisesse rodopiar incessantemente na sua cabeça. Ele sabia que, quando isso acontecia, era só fechar os olhos, contar até dez e respirar fundo devagarzinho, mas isso não funcionava tão bem quanto a água.

Portanto, há semanas ele vinha reunindo coragem para pedir uma piscina aos pais. Como poderia, porém, sequer mencionar a ideia, se não conseguia nem prometer que colocaria o pé para fora de casa? Solomon achava que, quando a piscina ficasse pronta, ele se sentiria preparado, pois não tinha um grande medo do quintal da sua casa. O que o amedrontava mesmo era o caos em potencial que existia além dele. E outra, a oportunidade de fazer exercícios ao ar livre seria ótima, pois correr na esteira já se tornara entediante. É que, quando se tem medo de morrer, você faz qualquer coisa para manter a saúde, e a piscina ajudaria. Há semanas ele fantasiava em começar o dia com uma longa sessão de natação. E, mesmo não

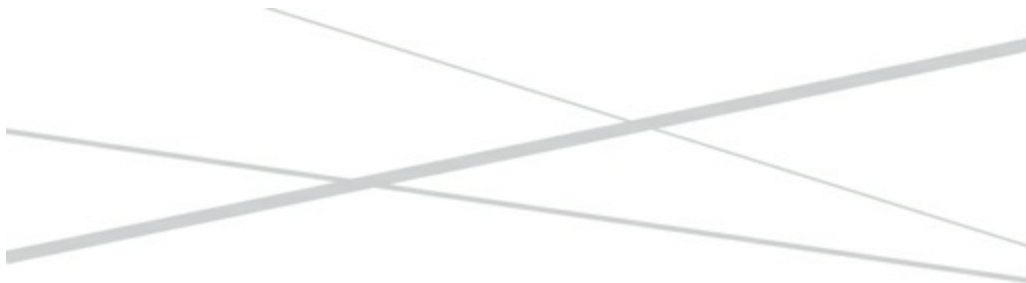
querendo admitir nem para si mesmo, imaginava os raios do sol aquecendo sua pele e ajudando-o a ficar um pouco menos parecido com um zumbi. Apesar da reclusão, Solomon não era completamente imune à superficialidade. Não sabia por quê, mas dava importância à sua aparência. E, no mínimo dos mínimos, torcia para que aquilo mostrasse aos pais que a vida dele era sustentável e não uma apologia contra a civilização.

A esperança de Solomon era que se seus pais concordassem com a ideia, se acreditassem que a piscina o ajudaria. No entanto, ali sentado na frente do computador e pensando no que teria de fazer, sua respiração começou a se acelerar. Óbvio que ele não queria desperdiçar o dinheiro dos pais, mas, acima de tudo, não queria lhes dar esperanças e depois desapontá-los. Deu as costas ao computador e inclinou o corpo para a frente, apoiando os cotovelos sobre os joelhos e abaixando a cabeça o máximo possível.

Era assim que começava, sempre: tudo estava bem e então, de repente, a sensação de estar afundando tomava conta dele, como se em seu peito se abrisse um buraco. Ele sentia o coração batendo com força na caixa torácica, querendo escapar, cada batida mais acelerada que a anterior e depois irradiando-se pelos braços até alcançar suas têmporas. Faziam seu corpo vibrar, e tudo o que ele via parecia saltar ao redor, como se o mundo fosse formado por fotografias que iam passando depressa na sua frente, uma após a outra. E enquanto o som de todas as coisas em volta se amortecia, embora o mundo continuasse barulhento, a única coisa que conseguia fazer era concentrar-se na respiração, fechar os olhos com toda a força e contar.

Cada número vinha conectado a uma imagem. Ele viu a si mesmo parado diante da porta dos fundos, olhando para uma piscina novinha em folha, com os pais ao seu lado. Então viu o olhar desapontado no rosto deles e percebeu que estava imóvel, sem conseguir se mexer, e que tudo tinha sido para nada.

Quando chegou no número cem, recostou o corpo para trás e fechou o laptop. Precisou dar um tempo. Não conseguiu mais pensar na piscina. Não conseguiu imaginar o significado da piscina, nem para ele, nem para os pais. Não conseguiu fazer mais nada – a não ser ir até a garagem, deitar no piso de cimento frio e tornar a fechar os olhos. Os ataques de pânico sempre esgotavam suas forças, como se ele tivesse acabado de correr uma maratona, e, portanto, Solomon sempre demorava um tempinho para se restabelecer. Ficou deitado no escuro, sem que os pais desconfiassem que ele não estava bem – pois aprendera, muito tempo atrás, que, quanto melhor acreditassem que ele estava, mais tempo Solomon poderia continuar vivendo daquele jeito.



SEIS

LISA PRAYTOR

Uma semana depois da primeira consulta, Lisa voltou ao consultório da dra. Reed e ficou aguardando na sala de espera para fazer sua obturação. Havia escrito uma carta e a guardara num envelope azul, que agora estava enfiado no bolso da frente do seu casaco de capuz. Começaria assim e, se aquilo não a ajudasse a se aproximar de Solomon, encontraria outro jeito. Tinha quase certeza de que conseguiria convencer a dra. Reed de que seu filho precisava de amigos, mas torcia para que a carta pudesse abreviar todo o processo.

O dia na escola tinha sido longo, com três provas e a reunião do Conselho Estudantil, porém, de alguma maneira Lisa conseguia transpirar mais energia do que qualquer pessoa no pequeno consultório odontológico. Apesar de aquele não ser seu comportamento normal – ela fazia mais o tipo sabichona e controladora –, Lisa era bastante esperta para saber que com mel se apanha mais abelhas e, assim, aquela versão animada e curiosa de si mesma parecia a melhor maneira de encantar a dra. Reed.

Depois que se sentou na cadeira de dentista, ficou batendo papo com a higienista, Cathy, que organizava alguns instrumentos. Seus olhos, entretanto, não paravam de focar na foto de família pendurada na parede ao lado da janela – a foto mostrava Solomon Reed tal como ela se recordava dele na última vez em que o viu, com a diferença de que ali não estava encharcado e ofegante. Depois de ter presenciado em primeira mão o que três anos na vida de um adolescente são capazes de fazer, imaginou como ele estaria hoje. Três anos antes, Clark era um rapaz gordinho do oitavo ano cheio de espinhas – e olhe só como estava hoje.

– E então, Lisa, pronta para fazer a obturação dessa cárie? – perguntou a dra. Reed, entrando e sentando-se ao lado da cadeira de dentista.

– Claro – disse Lisa. – Como anda a vida?

– A vida anda bem. Como na semana passada. Bastante ocupada.

Não deu a Lisa muita chance de falar depois disso: pediu logo para que abrisse bem a boca e começou a aplicar a anestesia. Valerie Reed era uma bela mulher, com linhas de riso ao redor dos olhos e da boca, daquelas que dão inveja. Lisa havia imaginado que a mãe daquele garoto perturbado fosse uma pessoa endurecida, quem sabe até amarga, mas Valerie Reed parecia tão feliz quanto se pode ser.

– Como ele é? – perguntou Lisa, com o rosto meio dormente.

– Quem? Solomon? Deus do céu, ele é o Solomon e pronto.

– Ah... E o que ele gosta de fazer?

– Assistir à TV e ler livros. Igualzinho ao pai.

– Então por que esta é a foto mais recente dele por aqui?

– Não sei, Lisa. Não costumamos bater muitas fotos da gente de papo para o ar em casa. E

acho que talvez eu tenha dado a sorte de ter o único adolescente que não fica tirando *selfies* o tempo inteiro.

– Isso é insegurança – disse Lisa. – Eu também não entendo. Talvez Solomon e eu sejamos maduros demais para a nossa idade, sei lá.

– Ah, ele tem suas fases.

– Pode entregar isto para ele? – Lisa sacou a carta do bolso. – Sei que parece estranho, mas achei que ele pudesse gostar. Você pode ler antes, se quiser.

A dra. Reed olhou para o envelope e deu um ligeiro sorrisinho, como se não estivesse nem um pouco surpresa com a atitude de Lisa em escrever aquela carta.

– Não, não. Não precisa. Pode deixar que entrego para ele. Não prometo que ele vá responder, mas garanto que irá recebê-la.

– Muito obrigada.

Enquanto a dra. Reed preenchia a cárie do seu segundo bicúspide inferior direito, Lisa fechou os olhos e deixou a mente vagar: o som da broca cobria todos os outros ruídos do consultório. Pensou no solitário Solomon Reed, sozinho em casa sem fazer a menor ideia de que ela estava prestes a mudar a vida dele. E, apesar de em sua boca haver dois dedos e um sugador, Lisa conseguiu sorrir.

Quando chegou em casa, Clark estava esperando por ela na porta com um milk-shake. Ele fazia coisas assim o tempo todo, e isso ainda a surpreendia.

– Não consigo sentir metade do meu rosto – disse ela, depois de sair do carro.

– Sente isso? – perguntou Clark, avançando um passo e cutucando a bochecha dela com o dedo.

– Não.

– Estranho. Nunca tive uma cárie, por isso, entende, não tenho como saber.

– Tá, tá. Passa meu milk-shake para cá.

– Ah, este milk-shake aqui? Não, este milk-shake é meu.

Ele deu um gole e depois levantou o copo bem alto acima da cabeça, onde ela não conseguiria alcançá-lo. Clark era alto, tinha mais ou menos 1,85m, mas contra aqueles braços compridos, que pareciam até ser de um macaco, Lisa estava em tremenda desvantagem. Portanto, ela apelou para a maior fraqueza do namorado e começou a fazer cócegas nas suas axilas. Cócegas o deixavam fisicamente enjoado, um resquício de sua infância com tantos irmãos mais velhos. Ele praticamente atirou o milk-shake em cima da namorada para fazê-la parar.

– Malvada – disse ele. – Você é fria e malvada.

– Podemos entrar em casa agora? Acho que a lidocaína me deixou meio tonta.

No quarto de Clark, enquanto Lisa se concentrava no dever de casa, ele folheava uma revista e lhe fazia companhia. Ele também tinha dever de casa, mas era o tipo de cara que dizia que iria acordar cedo para isso, depois o plano ia por água abaixo e ele acabava copiando as respostas de algum colega. Era inteligente, mas não tanto quanto era bonito. E nem de longe tão inteligente quanto atlético. O polo aquático era a sua vida, basicamente, mas a temporada chegara ao fim e agora ele passava a maior parte do tempo livre com Lisa – tanto que ela estava começando a se perguntar onde diabos estariam os amigos dele.

– Cadê seus amigos? – perguntou ela, enrolando a língua anestesiada.

- A galera do time? Sei lá, provavelmente com as namoradas.
- É que... sei lá, parece que ultimamente você não tem andado muito com eles.
- Com certeza não me fazem grande falta – disse Clark. – Eles só ficam tomando cerveja e falando de sexo. Exatamente como se esperaria que fizessem.

Quer dizer então que Clark estava de saco cheio dos amigos. Fazia sentido, considerando que a maioria deles era de fato bem chata. Lisa fazia mais o tipo que só tinha um ou outro amigo mais próximo, e sempre sentiu dificuldade em se enturmar com os colegas de time de Clark e suas namoradas, mas era a primeira vez que ela se dava conta de que, talvez, Clark sentisse o mesmo.

- Como anda a redação para a faculdade? – perguntou ele.
- Devagar – disse ela.
- Vai mesmo escrever sobre aquele seu primo?

Lisa precisava contar a ele sobre Solomon. Sabia que podia continuar sustentando a mentira, mas já tinha reservado toda a primavera e o verão para ajudar Solomon a melhorar e garantir que teria assunto para sua redação – algo que fosse surpreendente o bastante para lhe garantir a bolsa de estudos. Além do mais, Clark confiava em Lisa e, mesmo que *achasse* o plano dela antiético, jamais tentaria dissuadi-la. Ou, pelo menos, nunca conseguiria fazer isso.

– Ei, você se lembra que eu te contei de um cara do ensino fundamental que se jogou na fonte? – perguntou ela.

- Lembro – disse Clark. – O que tem ele?
- Eu o encontrei.
- Não sabia que você estava procurando o cara.
- Não estava. Aconteceu a coisa mais esquisita do mundo. Minha dentista é mãe dele. Eu só juntei as coisas quando vi uma foto dele no consultório. Doideira, né?
- Total. E ele, por onde anda?
- Em casa.
- Ah. Que chato. Estava esperando algo mais impactante.
- Ele não *saiu* de casa – disse ela. – Nunca.
- Desde aquela época?
- ã-hã.
- Que estranho. E qual é o problema dele?

– Bem, um monte de coisas, provavelmente. Ninguém se tranca em casa por nada. A mãe disse que ele sofria de ataques de pânico, tipo aquele da fonte, portanto imagino que as crises devem ter piorado. Assim, preliminarmente, eu diria que ele sofre de um severo distúrbio de ansiedade, que contribuiu para potencializar um caso bastante persistente de agorafobia. E não ficaria surpresa se ele também tiver tendências obsessivas compulsivas.

- Que triste.
- Vou lhe perguntar uma coisa, mas você precisa prometer que vai ser totalmente sincero comigo, tá?
- Tá...
- Quero me encontrar com o Solomon. Não sei por que preciso fazer isso, mas preciso, e acho que talvez eu consiga.
- Certo. – Clark riu. – Isso é meio... inesperado.

– É que... sabe... pensei muito nele, imaginando se estaria bem; e pode até parecer loucura, mas preciso vê-lo com meus próprios olhos.

– Lisa, você nem sequer conhecia o cara.

– Eu sei, mas e se eu puder ajudá-lo, Clark? É isso o que eu quero fazer da minha vida, e tenho a sensação de que, se eu deixar passar essa oportunidade...

– Não sou idiota – interrompeu ele. – É para a redação, né?

Ela não disse nada, mas assentiu, de olhos baixos, com medo de ver a desaprovação no rosto dele.

– Há quanto tempo você anda planejando isso?

– Há semanas – confessou ela. – Desculpa, não queria fazer disso um problema caso o plano desse errado. Mas agora a mãe dele vai entregar a carta que eu escrevi, e que torço para que ele responda.

– Carta? Você escreveu uma carta para ele? Quem é você, Lisa? Meu Deus.

– É importante pra mim, Clark. Eu posso ajudá-lo.

– Você nunca me escreveu nenhuma carta.

– Ah, dá um tempo. Você está com ciúme? Se você se trancar na sua casa por três anos, eu lhe escrevo uma carta.

– Não tem graça – disse ele.

– Tem um pouco sim. Eu sei que parece horrível, mas eu posso ajudá-lo. Preciso dele e ele precisa de mim. A questão não é só a bolsa de estudos, mas, se você disser que não concorda, eu paro por aqui.

Ele nunca impediria Lisa de fazer nada, e ela sabia disso. E não podia esperar que Clark sentisse ciúme de Solomon, principalmente depois de ter sido tão franca com ele. Lisa sabia que era mesmo estranho procurar o garoto daquele jeito, mas sabia também que existia um monte de pessoas no mundo arrependidas de não terem feito o que achavam certo por medo de parecerem estranhas ou malucas. Lisa não se acomodaria numa existência medíocre como a dessas pessoas, limitada por convenções sociais. E tinha a intuição de que alguém como Solomon Reed apreciaria isso.



SETE

SOLOMON REED

Solomon nunca tinha recebido uma carta. Jamais. Era o ano de 2015, afinal de contas, e, ainda que ele fosse uma pessoa mais sociável, ou talvez se não tivesse se trancado mais de um quinto da sua existência, poderia tranquilamente ter passado a vida inteira sem receber nenhuma. Portanto, quando sua mãe entregou o envelope azul com seu nome desenhado na frente, ele a olhou como se tivesse recebido um telefone de disco ou algo assim.

– O que eu faço com isso? – perguntou.

– Lê, seu bobo – disse ela, revirando os olhos enquanto se afastava.

Solomon rasgou uma das extremidades do envelope, deslizou a carta de seu interior e desdobrou o papel, olhando ao redor da cozinha como se aquilo pudesse ser uma pegadinha ou algo do gênero.

Estava escrito:

Querido Solomon,

Você não me conhece e duvido que já tenha ouvido falar de mim, mas eu me chamo Lisa Praytor e quero ser sua amiga. Eu sei que parece ridículo. Claro que sim! Mas também sei que a gente não pode deixar passar a vida inteira sem ir atrás do que realmente quer, e, por algum motivo, neste momento da minha vida, agora, quero ser sua amiga. Eu te vi no último dia em que você foi à escola. Te vi e senti tanto medo por você. Se ainda estiver lendo esta carta, quero que saiba que passei anos tentando descobrir por que razão aquele menino pulou na fonte aquela manhã na Upland Junior High. E aí, por alguma ação divina, por acaso descubro que a minha nova dentista é a sua MÃE. O universo nos manda sinais às vezes e, quer você acredite ou não, isto tem um significado. Eu sei que a sua situação é bem diferente da minha; sei que você escolheu viver de determinada maneira e respeito isso. Portanto, espero que pelo menos pense como seria receber uma amiga aí. Um amigo bem que me viria a calhar e aposto que, na pior das hipóteses, você acharia bacana ter alguém com quem conversar – alguém que desconhece a palavra “caução”.

Atenciosamente,

Lisa Praytor

909-555-8010

– Eu não preciso de amigos – disse ele em voz alta para si mesmo.

– Está ouvindo vozes, Sol? – brincou sua mãe, no outro cômodo.

Solomon saiu com a carta na mão e encarou a mãe. Ela balançou ligeiramente a cabeça, e

ele percebeu que ela estava se controlando ao máximo para não sorrir.

– Vai acontecer a mesma coisa que aconteceu com Grant – disse ele. – Então por que me dar ao trabalho?

– Meu amor, Grant era um idiota.

– Ele era normal, só isso – defendeu Solomon. – Não sei como conviver com pessoas assim.

– Está querendo dizer que eu sou esquisita? E que seu pai também é?

– Sério, mãe – disse ele. – O que vou dizer pra ela? Sobre que assunto a gente vai conversar? Eu não vou à escola. Não vou a lugar *nenhum*.

– Seu problema é que você nunca teve um amigo de verdade, Sol – disse ela. – Por que não tenta?

– De jeito nenhum – disse ele, depois deixou a carta de lado e voltou para o quarto.

Uma hora depois, Solomon ainda estava deitado no chão olhando para o teto. A casa fora construída na década de 1970, portanto o gesso que recobria os tetos era do tipo misturado a uma espécie esquisita de glitter dourado. Solomon gostava de contar os pequeninos pontos dourados, mas antes de chegar aos cem seus olhos sempre começavam a ficar turvos e todos os pontinhos pareciam piscar e cintilar como se fossem estrelas de verdade, como se o teto tivesse sido arrancado daquela casa e ele agora fosse capaz de vê-las novamente.

Ele não sabia se de fato desejava ter um amigo. Alguns dias eram solitários, óbvio – e sempre silenciosos, mas isso era algo com o que ele havia se acostumado há muito tempo. Porém, como bem disse sua mãe, há tempos ele não tinha nenhum amigo *de verdade*, portanto o que poderia saber sobre *ser* um amigo de verdade? Nada. Ele não se encaixava na época em que ia à escola, portanto como se sentiria agora ao lado de alguém cuja vida pertencia ao mundo lá fora, onde ele não passava de um alienígena? O que mais temia era que aquele seu esconderijo o impossibilitasse de um dia ser encontrado novamente.

De qualquer maneira, Solomon sentia que algo estava estranho naquela situação: acabara de receber uma carta de uma *stalker* e sua mãe se comportava como se eles devessem comemorar aquilo. Ele não conseguia confiar nela em assuntos como esse – pois ela podia estar simplesmente tentando pressioná-lo a sair de casa de novo. Seu pai, contudo, sempre sabia o que dizer.

– Pai – disse Solomon, entrando na sala.

– Ah, ele tá aí. Han Solo em pessoa. O rebelde sem causa.

– Mamãe te contou da carta?

– Ela leu para mim.

– Ah, imaginei – disse Solomon.

– Que esquisito, hein?

– Muito.

Solomon sentou-se no sofá e apanhou a carta que estava sobre a mesinha de centro. Leu as primeiras linhas mais uma vez antes de olhar para o pai, com ar preocupado.

– É um dilema – disse o pai. – Por um lado, ela parece bastante sincera. Por outro...

– Não se deve confiar em quem manda cartas para estranhos pedindo que sejam seus amigos, né?

– Exato! Mas sua mãe disse que você não tem nada a perder.

– É, só que isso não é verdade. Eu tenho muito a perder, sim. Eu gosto daqui, pai: do jeito

que está. Eu sei que sou o único que enxerga as coisas dessa forma, mas será que vocês dois poderiam pelo menos tentar entender que trazer outra pessoa para cá, mudar tudo, poderia fazer com que eu ficasse louco de novo?

– Você nunca ficou louco. Não fale assim.

Solomon sabia muito bem que usar a palavra “louco” era tiro e queda para fazer seu pai ficar sério. Jason era capaz de inserir um trocadilho ruim em qualquer conversa. Na maioria das vezes, Solomon adorava esse lado do pai, mas não quando ele estava desesperado querendo a sua ajuda.

– Me diga o que fazer, pai, por favor.

– Espere um pouco até decidir – disse ele.

– Tenho medo de não conseguir fazer isso.

– Então não sei, Sol. O que o robô faria?

– Ele é um androide, mas você é um gênio, pai – disse Solomon, levantando-se do sofá.

– Você pensou que tivesse herdado isso da sua mãe?

O androide não era real, claro, mas sim personagem de *Star Trek: A Nova Geração* (ou *STTNG*, *Star Trek: The Next Generation*). Solomon tinha visto todos os episódios bacanas de *STTNG* no mínimo nove vezes, e os não tão legais três vezes ou mais, dependendo do quanto não eram legais. Portanto, conseguia até imaginar onde podia buscar respostas. E, sim, conseguia encontrar as respostas para muitas questões da vida assistindo à série. Quando se tem apenas seus pais e sua avó com quem conversar, você acaba descobrindo maneiras de aprender sobre o mundo – e Solomon, por motivos que faziam todo o sentido para ele, escolhera uma série dramática dos anos 1990 para servir como sua eterna bússola.

Depois de se acomodar em sua poltrona preferida com uma quantidade alarmante de doces, Solomon assistiu a oito episódios sem parar. Deve ser bastante óbvio para vocês a razão pela qual ele sentia uma conexão tão forte com Data, um personagem que, por ser androide, vivia à beira da humanidade. Por este motivo, Data sempre conseguia dizer algo sábio e dolorosamente simples sobre a existência, e, mesmo antes de se trancar em casa, Solomon proclamara aquele personagem como seu herói pessoal.

Na metade do oitavo episódio, Solomon descobriu o que estava buscando. Nele, dois personagens são tidos como mortos depois de um embate com outra nave. E num determinado momento o tenente-comandante Data diz que Geordi, um dos homens considerados mortos, tratava-o exatamente igual a todas as outras pessoas. Ele o aceitava como era. E isso, concluiu Data, era a verdadeira amizade.

Talvez Solomon nunca tivesse se dado conta disso antes, mas, quando ouviu aquilo, de repente entendeu por que Lisa Praytor o deixara completamente apavorado: porque, tal como Data, ele não queria ser tratado como diferente.

Entretanto, ele já sabia que estava apavorado, por isso as sábias palavras de Data serviram apenas para confirmar que ainda não tinha coragem suficiente para convidar Lisa. Talvez ele precisasse ouvir alguém ainda mais sábio do que Data, embora fosse difícil admitir. Precisava de sua avó. Por sorte, iriam jantar todos juntos. Ela, com certeza, não era como a maioria das avós. Primeiro, porque era razoavelmente jovem: tivera Jason, seu único filho, aos vinte anos, pouco tempo depois de abandonar sua cidadezinha na Louisiana e mudar-se para Los Angeles para virar atriz. Um comercial e um casamento em Vegas depois, e ela passara de esperança

em Hollywood a dona de casa suburbana. E adorou. Agora, com sessenta e poucos anos, dirigia o carro esportivo de seus sonhos e agia como a estrela que nunca se tornara. Ela entrou para o ramo imobiliário depois da morte do avô de Solomon, nos anos 1980, e, quando Solomon nasceu, já tinha construído um império. Se ele pudesse sair de casa, veria o rosto dela estampado em placas nos jardins de toda Upland.

– Isso é MARAVILHOSO! – berrou ela imediatamente depois de ler a carta, deixando transparecer seu sotaque sulino em cada palavra.

– *Maravilhoso?*

– Sim. Ela parece ser o tipo de garota que eu gosto. Sabe o que quer e corre atrás.

– Mas por que ela me quer? Quero dizer, por que quer ser minha amiga?

– Olha só para você. *Eu* seria sua amiga se não estivesse com o pé na cova.

– A senhora já é minha amiga, vó.

– Bom, então pronto.

– Acho que isso não me ajuda em nada – disse ele.

– Está com medo de que seja uma pegadinha ou algo assim? Que uns vândalos sacanas estejam tentando zombar da sua cara?

– Não – disse ele, dando risada. – Não diga *vândalos sacanas*, vó.

– Eu conheço muita gente nesta cidade, Solomon, e grande parte dos filhos dessa gente não passa de merdinhas mimados. Isso não me surpreenderia.

– Ninguém nem sabe que eu existo.

– Essa menina sabe! – disse a avó em voz alta. – Então é assim, Solomon? Vai passar a vida inteira vendo apenas a mim, seus pais e o entregador de pizza? Se quer ficar aqui para sempre, por mim tudo bem, mas pelo menos deixe alguém novo entrar. No mínimo, isso ajudaria a impedir que você ficasse completamente louco um dia e matasse todos nós.

– É isso o que a senhora acha que eu vou fazer? Pirar e matar todo mundo?

– Menos eu; você não me mataria. Eu guardo um spray de defesa na minha bolsa. Nunca se sabe que tipo de pessoa maluca quer comprar uma casa.

– Peraí... como é que é?

– Convida a menina, Sol. Faça algo diferente só para ver o que acontece. Poxa, sei que *eu* faria isso. Quando se tem a minha idade, você aprende a começar a dizer sim às coisas, mesmo que sinta um pouco de medo.

– Vou pensar – disse ele. – Papai falou que era para eu decidir sem pressa.

– Seu pai foi um garotinho solitário. Você sabia? Ele jamais lhe diria para pensar no assunto, ele só estava sendo legal.

– Eu não sou solitário.

– Ainda não – disse ela. – Mas você ainda é jovem. Vai ficar cada vez mais difícil à medida que envelhecer. Ninguém quer andar com um recluso de meia-idade que mora com os pais.

– Minha nossa, vó. Pega leve comigo, pode ser?

– Só estou tentando ajudar. Enfim. Mais alguma novidade por aqui? O que você anda aprontando?

Ela caminhou pelo quarto de Solomon e abriu seu laptop. Havia muitas coisas na tela de seu computador que ele não queria que a avó descobrisse, e surpreendentemente um site sobre piscinas estava no topo da lista.

- Por favor, não conte nada para eles – pediu Solomon. – Não ainda.
- Você quer uma piscina? – disse ela, mal contendo a empolgação.
- Não fique procurando coisa onde não tem, por favor. Eu só sinto falta da água.
- A piscina ficaria *lá fora*, Solomon. Como é que eu poderia não ficar feliz?

Ela correu e abraçou o pescoço do neto. Ele não moveu nenhum músculo, apenas esperou que o soltasse e parasse de balançá-lo de um lado para o outro. Quando ela fez isso, havia lágrimas nos seus olhos.

– É exatamente por isso que não quero mostrar nada para eles ainda – disse ele. – Por causa da pressão.

– Eu pago, Solomon. Faça seus pais aceitarem, que eu construo a melhor piscina em Upland para você.

– Isso não significa que vou sair de casa – disse ele. – Quer dizer, eu quero sair, mas não prometo nada.

– Mas você precisa fazer uma coisa para mim, pode ser? – disse ela, levantando uma sobrancelha.

– Não – disse Solomon, balançando a cabeça. – Sério?

– Uma visita – disse ela. – Deixe a pobrezinha vir aqui uma tarde e se dê a chance de descobrir se você vai gostar dela ou não. Independentemente do que acontecer, você ganha a sua piscina. E *talvez* ganhe também uma amiga com quem dividir essa piscina.

A avó lhe deu um beijo na testa e saiu do quarto. Quando ela chegou na cozinha, Solomon continuava ouvindo a voz dela, clara como o dia, como se jamais tivesse saído de seu quarto. Ficou escutando por algum tempo, para ter certeza de que ela ainda não iria divulgar seu segredo. A avó era uma pessoa de confiança, mas às vezes sua paixão pela fofoca atrapalhava tudo. E ele acabara de lhe contar a maior novidade que a família Reed já escutara em três anos.

– Sol! – gritou sua mãe da cozinha. – Telefone!

Solomon ficou sentado, parado, simplesmente olhando para o telefone sobre a sua escrivaninha. Todas as pessoas que ele conhecia estavam do outro lado do corredor. Então, quem diabos estava esperando ele atender?

– Alô? – disse ele, com hesitação.

– Solomon? – perguntou uma voz de menina do outro lado da linha. – É você?

– Sim.

– É Lisa Praytor. Você recebeu a minha carta?

Solomon afastou o fone por um segundo e respirou profunda e calmamente três vezes.

– Alô? – disse ela. – Ainda está aí?

– Estou – disse ele, talvez um pouco alto demais. – Recebi sua carta. Obrigado.

– De nada. – Ela parecia aliviada e também bastante empolgada. – Espero que isso não tenha, sei lá, apavorado você demais, nem nada do tipo.

– Só um pouquinho – disse ele. – Não muito.

Fazia muito tempo que Solomon não conversava com alguém tão jovem, e não sabia direito o que estava fazendo. Sentia que devia dizer coisas como “maneiro” e “não esquentar” e ficou muito aliviado que ela mal estivesse deixando ele falar.

– Enfim, desculpe por te ligar desse jeito, mas só queria saber se você recebeu a carta e dizer que vou entender completamente a sua decisão, independentemente de qual seja, tá? Mas uma

coisa eu preciso dizer: sou uma amiga sensacional. Pode perguntar à minha melhor amiga, Janis Plutko. Quer o telefone dela?

– Não... obrigado... eu...

– Ai, não. *Agora* sim, eu tô te apavorando, né? Acho que fico muito empolgada com as coisas, às vezes. Clark diz que eu fico empolgada demais com tudo. Até com o que me irrita. O que te irrita, Solomon?

– Hummm... não sei...

– Sabe de uma coisa? Desculpa. Não devia ter te ligado. Tá na cara que te peguei num momento ruim. Quer me ligar mais tarde, ou...

– Você pode vir aqui na quarta? – interrompeu ele.

– Esta quarta? Claro.

– Ótimo. O endereço é Redding Way, 125.

– Anotado. Que tal depois das três? Você vai estar livre?

– Estou sempre livre – respondeu ele. – Então, estarei sim.

– Demais. Valeu, Solomon. Prometo que não vai ser esquisito. Só divertido. Talvez meio esquisito, vai; mas esquisito de um jeito divertido. *Divertido*. Vamos focar na parte legal.

– Focar na parte legal, certo – disse ele. – Vou fazer isso.

– Até quarta-feira, então – disse ela.

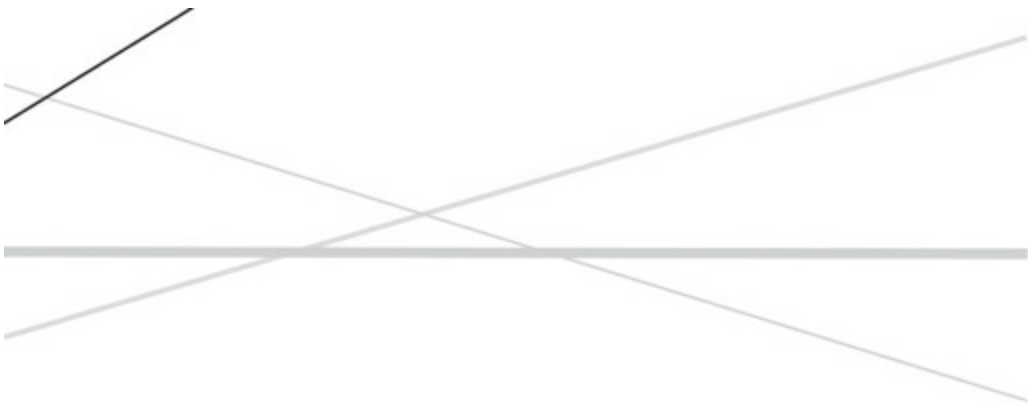
– Tá bem. Tchau.

Ele desligou o telefone e correu até o banheiro, que ficava na outra extremidade do corredor. Ajoelhou-se no piso frio de linóleo e olhou para o vaso sanitário. Podia enxergar o próprio rosto refletido ali, olhando-o de volta enquanto ele respirava devagar e profundamente. Ver-se no vaso sanitário não era a melhor forma de sentir confiança em relação à decisão de convidar Lisa para ir até a sua casa, mas qual era a alternativa?

Ele não vomitou o almoço, mas foi por pouco. Muito bem: precisava contar, respirar fundo e ficar sentado no piso do banheiro, para o caso de o pânico piorar. Só que isso não aconteceu. As batidas de seu coração se normalizaram. O ar ficou mais espesso. E ele se levantou. Foi até a pia, jogou um pouco de água no rosto e depois saiu para o corredor, deixando a água escorrer pelas faces e pelo pescoço, com algumas mechas de cabelo coladas à testa.

Pouco antes de Solomon virar para a sala, ouviu a avó dando com a língua nos dentes sobre a piscina, exatamente como ele tinha certeza de que faria. E assim que ele apareceu, todos o olharam em simultâneo. Então ele assentiu e todos sorriram.

– Acho melhor comprarem uma sunga pra esse guri – disse vovó.



OITO

LISA PRAYTOR

Solomon não pareceu tão ferido e frágil quanto Lisa imaginara. Pareceu meio nervoso, mas não mais do que qualquer pessoa ficaria ao receber um telefonema de um completo estranho. O primeiro pensamento dela foi de alívio: talvez fosse mais fácil ajudar esse garoto do que havia pensado. Entretanto, Lisa sabia que não podia supor grande coisa antes de conhecê-lo pessoalmente. E ele aceitara. Ela não tinha a menor ideia do que levaria alguém a concordar em vê-la depois de receber um telefonema como aquele, mas ele havia concordado, e agora ela estava prestes a se transformar na melhor coisa que já acontecera na vida de Solomon.

Queria contar a boa notícia para Clark, que estava no apartamento do pai em Rancho Cucamonga, onde passava cinquenta por cento do seu tempo por determinação judicial. Harold Robbins era advogado tributarista e era tão chato quanto se poderia imaginar que seria. Porém fazia qualquer coisa pelos filhos, e Lisa o adorava. Ligou para Clark e ele atendeu ao primeiro toque.

- Clark Robbins, a seu dispor.
- Rolou – disse ela.
- O quê?
- Solomon aceitou me receber. Vou lá na quarta-feira.
- Ah, uau. Que demais.
- É. Fiquei o dia inteiro esperando ele me ligar, mas então decidi que não dava mais para esperar.
- Peraí... você ligou pra ele? Lisa, é claro que esse cara quer ficar na dele.
- Bom, ele me atendeu. E imagino que teria desligado na minha cara se não quisesse escutar o que eu tinha pra dizer.
- Bom, acho que nisso você tem razão. O que você achou dele?
- Normal – disse ela. – Foi pego meio de surpresa, mas não daria para esperar o contrário, né?
- Então você se convidou para ir até lá?
- Não. Será que dá para ter um pouquinho mais de fé em mim? A ideia foi dele.
- Quer dizer que eu tenho de achar legal que outro cara te convide para ir na casa dele?
- Hummm... acho que nisso agora você tem razão.
- Tô falando sério, Lisa. Você precisa tomar cuidado.
- Eu sempre tomo.
- Quer vir pra cá? – perguntou ele, em tom meio derrotado. – Você pode passar um tempo comigo antes de conhecer seu novo namorado.
- Com certeza. Preciso estudar para a prova de cálculo de amanhã, mas adoraria uma

desculpa pra procrastinar.

– Valeu. Tem pipoca e Netflix. Traga uns doces.

– Não quero assistir a nenhum filme de guerra – disse ela, com firmeza. – Do contrário, vou embora.

Na manhã seguinte, depois de detonar em outra prova e *além disso* ser a primeira a terminá-la, Lisa passou o período vago na biblioteca da escola lendo sobre agorafobia. Já conhecia um pouco do assunto: sabia que se tratava basicamente de uma consequência da síndrome do pânico. E sabia também que Solomon tentaria defender suas escolhas, talvez argumentar que aquilo era melhor para ele, que reduzir o estresse causado pelo mundo exterior o ajudava a preservar a saúde. E por ela tudo bem, mas Lisa acreditava que o limite entre aceitar os próprios medos e ceder a eles era bastante tênue. E estava decidida a ajudá-lo a superar aquilo. Não seria fácil, especialmente quando fingia ser amiga dele em vez de sua terapeuta, mas Lisa sabia que no final ele acabaria agradecendo-lhe, mantendo ela segredo ou não.

Ela também sabia que não podia simplesmente entrar na casa dele e começar uma terapia cognitiva no primeiro dia. Precisava agir com sutileza. Era um novo tipo de terapia – que não se baseava em conversas intermináveis e na expectativa de mínimas melhoras emocionais, mas sim, segundo esperava, em ser uma amiga que poderia fazê-lo tentar esforçar-se mais para melhorar. Afinal, a redação era sobre a experiência *dela* com doenças mentais, e se ela pudesse provar que sua criatividade, compaixão e paciência foram suficientes para curar alguém como Solomon, então talvez fosse selecionada pela Woodlawn. Tinha certeza de que seria a única candidata esperta o bastante para realizar algo daquele tipo. Quem sabe talvez até já lhe oferecessem o diploma e deixassem que ela começasse a pós-graduação mais cedo.

– O que está fazendo? – perguntou Janis, aproximando-se por trás dela.

– Ah, oi. Só pesquisando um pouco para o meu trabalho de história.

Para evitar que a amiga tentasse dissuadi-la, e também para respeitar a privacidade de Solomon, Lisa não contaria nada sobre ele para Janis. Se ela se sentia meio culpada por tanto segredo? Talvez, mas estava determinada demais a fazer essa redação acontecer para escutar mais um sermão de Janis sobre moralidade.

– Ai, que chatice – disse Janis. – Quer dar uma volta depois da escola?

– Não dá. Vou ajudar a irmã do Clark com o dever de casa de geometria.

– Ela está te pagando por isso?

– O pai do Clark: dez pratas a hora.

– Cacete – disse Janis. – Quer dizer, *caramba*.

Lisa sabia que ajudar Solomon provavelmente desestabilizaria a sua amizade com Janis. Sabia que roubaria parte do tempo que ela passava com Clark, também, sem falar em todas as horas que precisava para estudar, trabalhar no projeto do livro do ano e presidir as reuniões do Conselho Estudantil uma vez por semana, às vezes duas. Mas valia a pena. Algumas pessoas se dispõem a fazer o impossível. E é delas que todo mundo se lembra.

Lisa já tinha visto aquela casa antes – não porque estivesse perseguindo Solomon, nem nada do tipo, mas porque, quando criança, fora numa festa de aniversário em uma casa do outro lado da rua. Quando ela saiu do carro, um gato laranja disparou pela calçada e a assustou, quase fazendo-a derrubar no chão os cookies que assara para Solomon. Isso mesmo, ela fizera

cookies para ele.

– Olha só! – exclamou Lisa nervosamente quando ele abriu a porta, apresentando o prato envolto em filme plástico com os braços esticados. – Cookies!

– Oi – disse ele.

Solomon, que estava alguns centímetros mais atrás, inclinou-se para a frente para apanhar o prato de cookies e Lisa então pôde dar uma primeira boa olhada nele. Era bonito. Seu cabelo escuro estava penteado para trás e partido de lado, e seus olhos eram grandes e castanhos – do tipo que parece meio esverdeado às vezes, sob a luz certa. Também era alto, muito mais alto do que ela havia imaginado. Tinha pelo menos 1,85m. Ele sorriu depois de cumprimentá-la, mas ela percebeu imediatamente o quanto estava inquieto com a situação.

– É seu gato? – perguntou Lisa, ainda de pé do lado de fora da casa.

– Ah, não. Esse aí é o Fred. O gato do vizinho.

– Ah. Sou alérgica.

– Eu também. – Ele concordou com a cabeça.

– Solomon? Será que eu posso entrar?

– Sim... claro... desculpe. Meu Deus. Entra.

Ele se afastou da porta para deixar Lisa passar. Então, com o pé, fechou-a suavemente, e Lisa se perguntou se aquilo seria o máximo de aproximação que ele se permitia do mundo lá fora.

– Então... hummm.... – arriscou Solomon. – Na verdade eu não...

– Me mostra a casa? – interrompeu ela. – Talvez seja um bom jeito de começar.

– Certo, certo – disse ele. – Hã... esse é o foyer, acho.

– Lindo – comentou ela.

Ele lhe mostrou a sala de estar, a sala de jantar, a cozinha e o escritório sem dar mais detalhes. Ela, porém, fez diversas perguntas, que ele respondeu com o mínimo de palavras que pôde.

– Você cozinha? – perguntou ela.

– Não muito.

– Esse Xbox é seu?

– Não, é do meu pai.

– Posso ver seu quarto?

– Claro.

No seu quarto, com suas paredes brancas e vazias, Solomon sentou-se na beira da cama e observou Lisa andando ao redor, inspecionando as estantes de livros e as bugigangas que estavam espalhadas pela mesa dele. Estava tentando parecer natural, mas era difícil com ele olhando-a daquele jeito.

– Você gosta de ler, pelo jeito.

– Faz passar o tempo.

– É. Acho que sim.

– Lisa – disse ele –, posso te perguntar uma coisa?

– Claro. – Ela se sentou na cadeira da mesa dele.

– Por que você está aqui?

– Você sabe a resposta – disse ela. – Para ser sua amiga. Só que você vai ter de ser mais

falante para me acompanhar.

– Desculpe – disse ele. – Não sei bem sobre o que conversar.

– Que tal começar explicando essas paredes? Parece um quarto de hospital isso aqui.

Solomon riu. E quando ele riu, Lisa respirou normalmente pela primeira vez desde que atravessara a porta.

– Acho que gosto assim.

– Minimalista.

– Hã?

– *Minimalista* – repetiu ela. – Tá super na moda agora, na verdade.

– Ah – disse ele, dando de ombros. – Quando tem coisas demais me sinto sufocado.

– Você odiaria a minha casa – disse ela. – Minha mãe não suporta uma parede vazia. Se ela tivesse bom gosto artístico, vá lá; mas só tem desses quadros baratos de perus e paisagens que se comprem no Walmart. Uns anos atrás ela teve uma fase de estampa de vaca e eu quase morri.

Outra risada. Definitivamente Lisa estava sentindo que ele começava a apreciar o humor dela. E parecia um pouco menos ansioso do que quando ela chegou. Frases completas eram bom sinal.

– Talvez seja porque fico muito em casa – disse ele. – Mas acho que me agrada a ideia de meu quarto parecer interminável ou algo assim.

– É – disse ela. – Eu gosto disso. Ou talvez porque dessa maneira você possa imaginar o que quiser.

– Não – disse ele. – Para isso eu uso a garagem.

– Ah. Tá bom.

Alguns minutos depois, quando ele abriu a porta da lavanderia que levava até a garagem, olhou para Lisa com uma expressão muito séria, e depois deixou a porta se abrir lentamente e ficou de lado. Ela atravessou a porta, e Solomon a observou sem dizer nenhuma palavra.

A garagem inteira tinha sido pintada de preto absoluto e estava coberta de listras amarelas que formavam quadrados. Era uma das coisas mais estranhas que Lisa tinha visto, e ela não fazia a menor ideia do que estava olhando.

– Você já assistiu *Star Trek: A Nova Geração*? – perguntou ele, indo até o meio da garagem.

– Algumas vezes – disse ela. – Meu namorado assiste. Eu meio que gostaria que todo mundo na face da Terra tivesse a voz do Patrick Stewart.

– Quem dera.

Lisa fechou a porta e descobriu que até mesmo isso tinha sido pintado com o mesmo padrão visual do restante da garagem. Quadrados e mais quadrados de escuridão, iluminados com aquelas listras interligadas que cobriam não apenas o piso e as paredes, mas também o teto.

– Esta é a minha versão de um *holodeck* – disse ele. – Da série. Bom, em várias versões de *Star Trek* eles usam uma sala como esta para simular realidades. Treinam, resolvem enigmas, coisas assim. Legal, né?

Lisa estava meio sem chão com o fato de ele, de repente, começar a conversar com ela com tanta naturalidade, sem que quase se notasse mais o nervosismo em sua voz. Sendo alguém que se esforçava muito para conseguir o que queria na vida, ela aprovava aquele nível de dedicação. A única coisa em que conseguiu pensar foi no quanto Clark adoraria ver a garagem.

– Então, bom, o que você faz aqui?

– Bem, venho para cá, sento no meio do piso e fico pensando coisas para me entreter. Dizem que usar a imaginação é bom para a longevidade.

– É verdade – concordou ela. – Quer dizer que você fica simplesmente pensando e imaginando coisas acontecendo ao seu redor?

– Claro – disse ele. – Você não faz isso? Imagina ser outra pessoa?

– Eu penso em estudar numa universidade – disse ela. – O tempo inteiro, para ser sincera. Bem longe de Upland.

– Hum. Então, é mais ou menos assim. Só que sem a parte da universidade. Não sei o que existe em meu futuro.

– Nunca se sabe.

– Você sabe – disse ele. – O que quer estudar?

– Medicina – respondeu ela. – Não sei bem ainda o quê, mas me tornar “Dra. Prayton” com certeza faz parte do sonho.

– Não admira que minha mãe goste tanto de você.

– Posso tentar? – pediu ela, indo até o meio da garagem e sentando-se no chão.

– Ah... hummm... claro.

– O que eu faço? – perguntou ela.

Ele aproximou-se e sentou-se ao lado de Lisa. Era o mais próximo que já tinham ficado, com os joelhos quase se tocando, e ela percebeu que aquilo o deixou tenso.

– Certo. Feche os olhos – disse ele. – Quer dizer, se quiser.

Então ela fechou os olhos, e estava tão silencioso ali que ela podia ouvir a respiração de Solomon.

– Tá. Agora abra de novo – disse ele. E Lisa obedeceu. E viu um ambiente preto coberto de quadrados amarelos e um adolescente olhando para ela no escuro, sorrindo.

– Que foi? – perguntou ela.

– Está vendo?

– Vendo o quê?

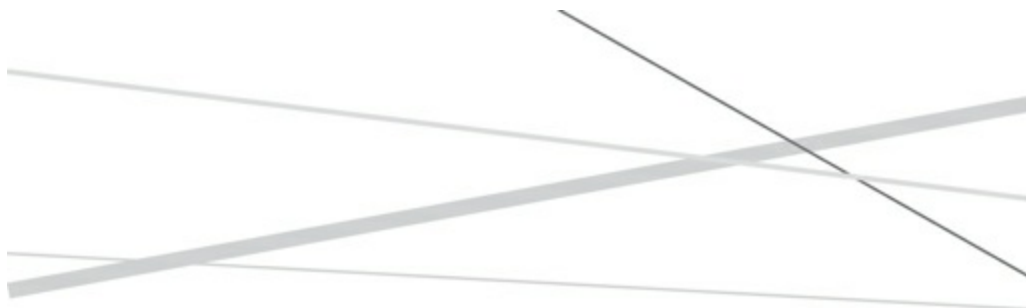
– Estamos num campo. É tudo tão verde. À nossa volta. E uma pipa flutua no céu. Está vendo? – Ele apontou para o teto.

Ela olhou para cima e não viu nada além dos mesmos quadrados amarelos de um canto a outro, em seguida olhou para ele. Solomon estava encantado com o ambiente ao redor. Pela sua expressão, parecia que o céu tinha se aberto para engolir a Terra. O cara era deste planeta? Pipas? Ela não sentia medo dele, nem um pouco. Apenas, subitamente, percebia que talvez não fosse capaz de ajudá-lo.

– Lisa?

– Sim – respondeu ela.

– Só estou te sacaneando.



NOVE

SOLOMON REED

Era verdade. A garagem-*holodeck* não era um lugar onde ele imaginava cenários elaborados e interagia com pessoas fictícias nem nada do tipo. Era uma garagem pintada de modo a parecer-se com algo que ele adorava. E isso, em si, era tudo o que ele precisava que fosse. Um lugar para onde fugir quando apenas fechar os olhos não funcionasse mais. Às vezes, como no ataque de pânico que tivera alguns dias antes, era a única maneira de bloquear tudo da sua mente e tentar reprogramar os pensamentos.

– Isso não tem graça – disse Lisa, segurando uma risada nervosa.

– O quadriculado é feito de fita amarela, na verdade – disse ele. – Levou uma eternidade para terminar.

– Ah, nossa! – disse Lisa, tocando a fita com a ponta dos dedos. – Você costuma trazer todas as garotas que conhece para esse lugar bizarro?

– Haha, muito engraçado – disse ele, ficando de pé num pulo e estendendo a mão para ajudá-la a se levantar.

– Valeu.

– Desculpe – disse ele.

Solomon e sua família tinham uma maneira taquigráfica de demonstrar afeto uns pelos outros, e em geral isso envolvia fazer piada até das coisas mais sérias. Na semana anterior mesmo, ele havia chamado o pai de “bobalhão” e recebeu de troco um “recluso” simples e rápido, e não achou nada de mais. Eles eram assim – espertos o bastante para zoarem antes que outra pessoa o fizesse.

– Sem crise – disse ela, cutucando o braço dele.

Foi apenas um toque do cotovelo que durou um segundo ligeiro, mas ainda assim, para ele, a sensação foi estranha e empolgante. E, sem sequer se dar conta, enquanto iam até a sala, ele foi segurando ligeiramente a área do braço onde ela o cutucara.

– Obrigada pelo tour – disse ela.

– Não deixe de visitar a nossa lojinha na saída.

– Você parece o Clark.

– É seu namorado, adivinhei? – perguntou ele.

– ã-hã. Estamos juntos há um tempo.

– Nunca achei que eu pudesse parecer alguém para alguém.

Lisa riu e balançou a cabeça.

– É um elogio, claro.

– Como ele é? Aposto que não tem um *holodeck*.

– Bom, ele joga polo aquático. É inteligente, mas não um sabe-tudo. A mãe dele é um

pesadelo, mas o pai é bacana. Os dois são separados. Ele é alto, só que um pouquinho mais baixo que você, eu acho. A temporada do polo aquático acabou faz pouco tempo e ele está meio deprimido por causa disso, ou algo assim, porque anda desmarcando demais com a galera nos últimos tempos... com todo mundo, menos comigo. Tentei conversar com ele a respeito, mas Clark não gosta muito de falar sério. É realmente um problema, mas eu estou tentando ajudar.

– Certo... uau, *quanta* informação sobre o Clark. Saquei.

– Além disso, ele esconde as revistas em quadrinhos embaixo da cama quando os amigos vão na casa dele. É ou não é uma idiotice?

Lisa mexeu um pouco em seu celular e o mostrou para ele. Era uma foto dela com Clark, os dois em trajes sociais, tirada em algum baile da escola ou coisa do gênero.

– Agora me diga por que uma pessoa com esse visual deveria se envergonhar de alguma coisa na vida.

– Não faço a menor ideia – disse Solomon rapidamente, mal olhando para a tela. – Para mim, ele parece o rei do ensino médio. Eu morreria aí, não é?

– Você assiste televisão demais – disse ela. – O ensino médio não é o que você acha que é.

– Será que não é mesmo, nem um pouquinho? O cara esconde revistas em quadrinhos...

– Tá bem, talvez um pouquinho – disse ela. – Mas você não teria problemas, aposto.

– Tem alguma fonte por lá? – perguntou ele, com uma expressão de quase seriedade.

– Você é uma pessoa bastante diferente do que eu esperava, Solomon Reed.

– Espero que isso seja bom.

– Com toda certeza.

Solomon ficou contente por Lisa não ter se demorado muito em sua casa porque, apesar de ter gostado da visita, toda aquela conversa e as tentativas de encontrar coisas novas para dizer ou perguntas a fazer estavam lhe dando dor de cabeça. Então, assim que fechou a porta, começou a sentir falta de ar. Encostou-se na parede por um instante, tentando respirar, esperando que aquilo passasse. Mas não conseguiu. Ofegante, ele atravessou o corredor cambaleando e foi para o quarto, onde engatinhou para baixo das cobertas para esperar que aquilo acabasse, seu corpo tremendo por todos os lados, seus olhos fechados com tanta força começavam a doer. Foi breve, mas intenso, e depois Solomon simplesmente ficou ali deitado, ouvindo a própria respiração se normalizar. Às vezes isso é tudo o que se pode fazer nesses momentos: esperar até que o mundo pare de balançar. Existe um motivo para as pessoas confundirem o pânico com um ataque cardíaco e, sempre que acontecia, uma pequena parte de Solomon duvidava se seu peito não acabaria explodindo. Noutras vezes, perguntava-se se isso não faria as coisas melhorarem.

– E aí? Como foi? – perguntou sua mãe quando chegou do trabalho.

– Tudo bem – respondeu ele. – Ela é legal.

– Solomon – disse a mãe, com dureza. – Pode ir soltando o verbo. Eu só consegui pensar nisso o dia inteiro. Devia ter ficado em casa. Como você conseguiu convencer a gente a deixá-lo sozinho nesse momento é algo que eu nunca...

– Desculpe – interrompeu ele. – Pois é... ela chegou e eu mostrei a casa para ela e tal. Conversamos por um tempo. Nada de mais, mãe.

– Você mostrou a garagem para ela?

- Talvez.
- É o tipo de coisa que seria melhor preparar seus amigos para ver.
- *Amigos?* Mãe, não começa a pirar. Sabe-se lá se eu vou ver essa garota novamente?
- Isso não me interessa nem um pouco – respondeu ela. – O importante é saber se você *quer* ou não quer vê-la novamente.

Solomon pensou naquilo pelo resto da noite. O simples fato de encontrar com a Lisa dera a seus pais muito mais esperança do que haviam tido em muito tempo. Então, agora ele tinha duas escolhas: poderia recusar a próxima visita e quebrar o coração dos dois, ou poderia seguir em frente com aquela história de amizade e ver no que ia dar.

Na manhã seguinte, ele acordou com a sensação de que o mundo estava acabando. Já conhecia a cena: ele assistindo da sua janela chamas caindo do céu, tendo ao fundo o som do noticiário em volume máximo e os gritos dos vizinhos, e, quem sabe, seus pais correndo até seu quarto para abraçá-lo pela última vez. Mas nunca havia imaginado que o barulho seria tão alto, um rugido que vinha de todas as direções. Podia ser um terremoto, decidiu, saltando da cama, e disparou até a porta. Esperou ali por um minuto, a adrenalina despertando-o a cada piscadela nervosa dos seus olhos, até que se deu conta de que a casa nem sequer estava tremendo.

Ele saiu correndo até a sala e, antes mesmo de conseguir alcançar as portas deslizantes de vidro que davam para o quintal, viu o que estava acontecendo. Uma escavadeira cavava um buraco gigantesco atrás da sua casa.

– Não brinca – disse ele em voz alta.

Agora não daria mais para voltar atrás, não? Entre as pouquíssimas surpresas que teve na vida, aquela o atingiu com mais força. Sentou-se na beira do sofá e inclinou o corpo para a frente, deixando a cabeça pender entre as pernas. Cobriu as orelhas, fechou os olhos e balançou o corpo de leve, apoiado nos calcanhares. Podia até não ser terremoto, mas, apesar disso, o mundo continuava vibrando e chacoalhando ao seu redor. Seus pensamentos o dilaceraram como facadas e, de repente, seus ombros passaram a pesar tanto que mal conseguia evitar cair no chão. Ofegou, sem fôlego, como se seus pulmões jamais conseguissem ar suficiente para mantê-lo vivo. Se alguém estivesse em casa, teria ouvido aquilo, o barulho de alguém sufocando com a própria respiração. Pelo som, parecia que Solomon estava morrendo, e era exatamente isso que ele sentia naquele instante.

Depois de alguns intermináveis minutos, ele se recompôs, foi até a cozinha apanhar um copo d'água e sentou-se diante da bancada. Seus pensamentos continuavam espiralando e seu corpo doía com uma falta de energia que só tomava conta dele depois de um ataque repentino como esse. Será que ele conseguiria sair, para agradar aos pais? Seria capaz de botar o pé lá fora sem surtar? Poderia isso matá-lo?

Então ele pensou em Lisa. Ela não tinha ideia do que significava para eles, tinha? Provavelmente se sentia uma estranha invadindo o espaço daquela família, e com certeza era mesmo, mas, no fim, bem que poderia acabar salvando a todos. E que diabo ele iria fazer se Lisa não quisesse mais voltar? E se aquele período de pouco mais de uma hora com ele já tivesse sido o suficiente para saciar a curiosidade dela? Solomon não se surpreenderia se ela nunca mais desse as caras, e agora sentia-se mal por isso também.

Mais ou menos na hora do almoço, ele estava fazendo seu dever de casa sentado à bancada

da cozinha, de olho no quintal. Umas duas vezes fez contato visual com alguns dos caras que estavam trabalhando lá fora e imediatamente abaixou a cabeça, como se aquilo não tivesse acontecido. Não gostava daqueles estranhos andando pelo seu quintal, bem ali, onde ele podia vê-los de todos os ângulos da sala de estar e da cozinha. Aquele era o seu santuário interior, e estava sendo violado por máquinas barulhentas e desconhecidos com botas de borracha.

Pensou em ir para a garagem e resolver suas matrizes, mas a única lampadazinha de lá era fraca demais. Acomodou-se no escritório do pai, imaginando que ali teria silêncio caso fechasse a porta. Então, assim que retomou o dever, foi interrompido pelo telefone. Ele só costumava atender se fossem seus pais ou se reconhecesse o número, mas, apesar de não ser nenhum dos dois casos, teve a intuição de que era Lisa Praytor e por isso atendeu.

– Alô.

– Solomon! – disse Lisa, com um rompante de entusiasmo.

– Alô – repetiu ele.

– E aí? Fugi da aula de pesquisa para tirar umas cópias para o evento beneficente do Conselho Estudantil. *Esta* é a minha vida.

– Oh – disse ele. – Eu... na verdade estou fazendo o dever de casa.

– Ah, é? Nem pensei nisso. Acho que dever para você é sempre de casa, né?

– É – disse ele.

– Olha, hummm, quais são seus planos para sábado à noite?

– Lisa, já falamos sobre isso.

– Certo. – Ela deu uma risadinha. – Bom, quer companhia?

– Tá falando sério? Quero, claro. Quer dizer... não tem muito o que fazer por aqui.

– Não existem lugares chatos, só gente chata – disse ela, cheia de si.

– Beleza – disse ele.

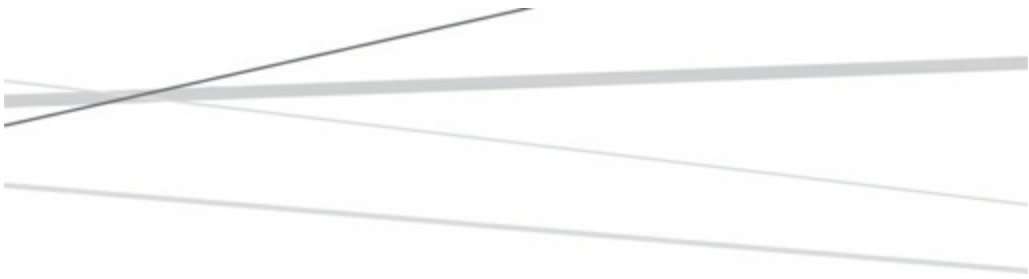
– Ótimo. Chego aí umas seis, se for bom pra você.

– Claro – disse ele.

– Até mais então, Solomon Reed.

– Tchau.

Então ela queria voltar. Uma garota adolescente de verdade, que podia passar o tempo fazendo todas as coisas que os adolescentes normais fazem com outros adolescentes normais, queria passar a noite de sábado com Solomon Reed. Era o bastante para fazer o estômago dele começar a gorgolejar e sua cabeça ficar meio zozza. Não havia como negar. Agora sabia que era a mais absoluta verdade: ele tinha uma amiga. E estava morrendo de medo dela.



DEZ

LISA PRAYTOR

No primeiro ano do ensino médio, Lisa tinha cursado e sido aprovada na única disciplina de psicologia destinada a alunos avançados da Upland High School. Na verdade, tirara a nota mais alta da turma, formada basicamente por alunos do penúltimo e do último anos. Entretanto, era apenas uma introdução à psicologia e nem de longe serviria para qualificar Lisa como alguma espécie de especialista da área. Estava prestes a fazer dezessete anos, em poucos meses, mas talvez acreditasse mais em si mesma do que a maioria das pessoas acredita em Deus e no diabo, ou no inferno e no paraíso. Ela sabia que tinha razão e não precisava de nenhum livro teórico para provar. Agora, agendada a sua segunda sessão com Solomon Reed, ela acreditava mais do que nunca que conseguiria tirá-lo daquela casa e se mandar de Upland.

Na sexta, depois da aula, correu para casa para trocar de roupa e fazer um lanche antes de visitar Clark. Não esperava encontrar a mãe, mas o carro dela estava estacionado na garagem. Sua mãe trabalhava demais e, nos horários livres, procurava ficar o mínimo possível em casa. Lisa achava que a mãe a odiava ou odiava Ron, seu padrasto. Seja como for, ela estava em casa hoje, num dia de semana antes das cinco da tarde, e isso era estranho. Quando Lisa entrou, viu louça suja na bancada da cozinha ao lado da pia e ouviu a TV ligada em volume indecente na sala. Tentou entrar de fininho, mas sua mãe berrou seu nome assim que ela alcançou a geladeira.

– Lisa! – chamou, da sala de estar. – É você?

– Sim, mãe.

– Vem cá, meu amor!

Ela foi até a sala e encontrou a mãe estirada no sofá, coberta até o queixo com uma manta acolchoada. Lisa não conseguia se lembrar de quando tinha sido a última vez em que vira a mãe num dia útil.

– Tá tudo bem? – perguntou, apanhando o controle remoto e colocando a TV no mudo.

– Só estou resfriada, querida – disse ela. – Vem conversar um pouco comigo, estou me sentindo sozinha.

Lisa sentou-se na poltrona reclinável em frente ao sofá que em geral era reservada a Ron, o padrasto. Ron não dava as caras havia dias, portanto Lisa não tinha ideia do que estava acontecendo. Os dois brigavam demais e não seria nenhuma surpresa descobrir que dessa vez ele tinha sumido para nunca mais voltar. Exatamente como o Tim, o padrasto, fizera dois anos atrás. Além disso, Lisa sabia muito bem a diferença entre doença e tristeza.

– Hum. Resfriado, é?

– Não seja respondona, Lisa.

– Eu não estava sendo – defendeu-se ela. – Cadê o Ron?

- Viajando a trabalho. Pelo menos foi o que ele me disse.
- Você acha que ele está mentindo ou algo assim? – perguntou Lisa.
- Eu não sei de mais nada.

Então a mãe começou a chorar. Ela sempre chorava quando falava de Ron. Lisa tinha parado de sentir pena havia muito tempo, mas mesmo assim se dispôs a ficar ali sentada ouvindo-a matraquear sem parar sobre uma briga que os dois tiveram na antevéspera. Aquela tinha sido por causa de dinheiro, o que não surpreendeu Lisa. Sua mãe trabalhava oitenta horas por semana e Ron havia trocado várias vezes de emprego ultimamente, o que não era um bom sinal. E vem cá, flebotomistas viajam a trabalho?

- Tenho certeza de que vai ficar tudo bem – disse Lisa.
- Vai sim, meu amor. Você sabe como fico emotiva às vezes. Só preciso chorar um pouco, depois vou voltar ao normal.

Lisa, entretanto, não sabia qual era a definição de *normal* adotada pela mãe. As coisas com ela sempre foram esquisitas, e também não tinha o que se poderia chamar de um histórico de relações saudáveis. Na verdade, aquela era a conversa mais longa que tivera com a filha em muitos meses.

Por fim, Lisa conseguiu trocar de roupa. Ao descer as escadas, viu a mãe dormindo. Ela lavou a louça e levou o lixo para fora. Escreveu um bilhete avisando que estaria na casa de Clark, depois deixou um copo d'água e duas aspirinas na mesinha ao lado da mãe, antes de sair.

Quando chegou, o namorado estava jogando basquete na frente de casa com a irmã caçula. Drew tinha apenas treze anos, mas era quase tão alta quanto Clark, que tinha dezessete, e jogava muito melhor do que ele.

- Por que você continua insistindo, hein, Drew? – perguntou Lisa, assim que saiu do carro.
- Verdade – respondeu ela, fazendo um arremesso.
- Ei, ei, ei – disse Clark. – Eu tô deixando ela ganhar.

Ele aproximou-se de Lisa e lhe deu um abraço, e ela deixou-se ficar ali por mais tempo do que o normal, apesar de que jogar basquete na primavera o deixava meio fedido.

- Melhor você salvar o Clark, Lisa – disse Drew. – O jogo está ficando feio.

Eles subiram até o quarto de Clark e, assim que fecharam a porta, Lisa começou a beijá-lo. Era basicamente sempre a mesma coisa. Ele a beijava como se os dois estivessem fazendo uma cena para um filme ou algo do gênero, cheio de paixão, sem restrições. Então, assim que as coisas começavam a esquentar, ele recuava e passava a beijá-la como se os dois estivessem num baile de escola dos anos 1950. E aí dela se tentasse descer as mãos para a linha abaixo da cintura dele: do jeito mais gentil e sutil possível, ele puxava suas mãos para a barriga ou o peito, todas as vezes. E, apesar de a barriga e o peito de Clark serem bastante interessantes, não bastavam para saciar Lisa.

- Eu te amo – disse ele, depois de um longo beijo.
- Eu também te amo – respondeu ela, descendo as mãos mais uma vez.
- Por favor, para com isso.
- Para com isso você – retrucou ela, tentando novamente.
- Lisa! – gritou ele, dando um pulo.

Envergonhada demais para dizer alguma coisa, ela simplesmente caiu sobre a cama,

apanhou um travesseiro e cobriu o rosto. Pensou que fosse chorar, mas não o fazia com frequência e aquilo sempre a desgastava tanto que não valia a pena.

– Lisa? Meu amor? – disse Clark baixinho, sentando-se ao lado dela e esfregando seu braço.
– Desculpa, de verdade. Eu não queria ter agido assim.

– Tem alguma coisa que você queira me dizer, Clark? Alguma coisa que estou fazendo errado? – perguntou ela, com a voz abafada pelo travesseiro.

– Não. De jeito nenhum. Olha, é que... eu mal posso esperar pra fazer isso com você, mas já lhe disse que não estou preparado. E estou me esforçando pra não morrer de vergonha.

Ela sentou e deixou o travesseiro cair de lado. Parecia que ele tinha chorado, ou que estava prestes a fazer isso. Ela nunca o fizera chorar antes, nunca nem sequer o vira chorar. Já tinha visto o seu padrasto, porém. Era um estranho talento da sua mãe – transformar qualquer briga num banquete de culpa que sempre terminava com Ron emotivo. Lisa não se achava parecida com a mãe com frequência, e aquilo a fez se retorcer, lançando uma pontada aguda de dor em sua barriga.

– Clark... eu... – disse ela, com um sorriso triste. – Tudo bem. Desculpe.

Lisa se inclinou para abraçá-lo, e deixou que ele apoiasse a testa em seu ombro. Ele estava respirando com muita dificuldade. Ela roçou a ponta do nariz na ponta do nariz dele e então fechou os olhos.

– O que você está fazendo? – perguntou ele.

– Um antigo ritual de meditação – sussurrou ela. – Repita o que eu disser.

– Tá – respondeu ele, também sussurrando.

– A única coisa que importa é Lisa – disse ela, quase num cântico. – Lisa é minha vida. É a rainha de tudo o que é bom.

– Você diz isso pra si mesma? – perguntou ele, segurando o riso.

– Autoestima é muito importante.

– Vamos tirar uma soneca – disse Clark, abraçando-a com força. – A rainha precisa descansar.

Ela não sabia precisamente por quanto tempo haviam dormido, mas com certeza estava escuro lá fora e a família de Clark já estava em casa. Ela ouviu a voz da mãe dele lá embaixo, provavelmente conversando com Drew.

– Clark – sussurrou. – Acorda.

– Que horas são? – perguntou ele.

Ela apanhou o celular, que estava na mesinha de cabeceira, e a luz da tela quase cegou os dois. Sete e treze da noite.

– Merda – disse ela. – Sua mãe. Levanta. Merda, merda, merda.

– Tudo bem. Talvez ela ainda não tenha chegado em casa.

– Tô ouvindo a voz dela. Agora levanta e me ajuda a dar o fora de fininho.

– Ela não vai ligar – disse ele. – Prometo.

Em nenhuma das vezes em que fora para a casa de Clark depois da escola Lisa ficara o bastante para topar com Patty Robbins na volta do trabalho. Sempre supôs que os dois estariam fritos caso ela os surpreendesse trancados no quarto dele. Afinal de contas, a mãe de Clark frequentava a igreja, e Lisa imaginava que sexo na adolescência não devia estar no topo da

lista das atividades aprovadas por Jesus.

- Ai, meu Deus. – Ela foi até a janela e olhou para o quintal lá embaixo.
- Seu carro está estacionado na frente de casa, Lisa. Ela já está sabendo que você tá aqui.
- Merda.

Ela o olhou de um jeito inexpressivo e começou a calçar as meias e os sapatos. Então prendeu o cabelo e tentou se recompor.

- Ah, que vergonha – disse ela. – O que vamos fazer?
- MÃE! – berrou Clark.
- Você pirou? – sussurrou Lisa.

Sentiu as bochechas ficarem vermelhas e quentes. Alguns segundos depois, Patty Robbins enfiou a cabeça pela porta.

- Sim, querido?
- A Lisa tá aqui em casa. A gente estava tirando uma soneca.
- Ah. Oi, Lisa. Que bom. Janta com a gente?
- C... claro – Lisa conseguiu dizer.
- É a sexta do taco! – exclamou a mãe dele em voz alta, e sumiu de vista.
- Eu já disse para ela que é a terça-feira do taco, mas ela não me ouve – disse Clark.

Lisa se sentou na cama e começou a rir.

- Eu estava com tanto medo – disse, dando um tapinha no braço de Clark.
- Aqui nós trabalhamos em regime de completa transparência.
- Como assim?
- Ela confia em mim – respondeu ele, encolhendo os ombros.

E por que não confiaria? Ele já tinha ficado sozinho em seu quarto com a namorada inúmeras vezes e, em todas elas, falhara em terminar o que começava. Lisa balançou a cabeça e olhou para ele. Clark era tão legal que era difícil ficar brava com ele, algo que às vezes a deixava absolutamente louca da vida – mas não esta noite. Ela não queria brigar. Só queria jantar com a familiazinha bacana e normal do namorado.

Depois do jantar ela ficou mais um pouco por ali, assistindo à televisão com Clark e Drew, sem saber o quanto ainda precisaria demorar-se para não dar de cara novamente com sua mãe. Por volta das onze, resolveu que era melhor voltar para casa, portanto Clark a acompanhou até seu carro.

- E aí, topa um filme no sábado? Vamos ver alguma coisa bem assustadora? – perguntou ele, inclinando-se na janela do motorista.
- Ah – disse Lisa. – Hummm... Eu meio que já tenho compromisso, na verdade.
- Compromisso? Que tipo de compromisso?
- Solomon – disse ela, entredentes.
- Solomon... – repetiu Clark, devagar.
- Sério mesmo? Você ficou chateado porque eu...
- É que... acho que fiquei meio confuso agora, só isso.
- Agora? Clark, isso não vai acontecer todos os finais de semana. Eu prometo.
- Quero que você seja sincera comigo – disse ele.
- Claro.
- Eu preciso me preocupar com esse cara? Porque você diz que isso tudo é por causa da tal

da sua redação, mas acho meio estranho você voltar lá tão cedo.

– Você não tem nada com o que se preocupar – disse ela. – Acho que ele joga no mesmo time que eu, se entende o que quero dizer.

– Conveniente.

– Para com isso – disse ela. – Já falei a seu respeito para ele. Você não tem motivo para se preocupar.

– Tente ver as coisas pelo meu lado, Lisa.

– Bem, quem sabe um dia vocês dois poderão se conhecer – disse ela. – Ele gosta de *Star Trek*. Eu te contei isso?

– Não – disse Clark, virando-se para ela, com uma expressão empolgada. – *Nova Geração*?

– ã-hã.

– Retiro tudo o que eu disse – falou Clark. – Esse cara parece ser fantástico.

– Ele é... interessante. Legal. E engraçado, também. Eu não pensei que ele seria engraçado.

– Você acha que *eu* sou engraçado? – perguntou Clark.

– Você é engraçadinho – disse ela.

– Me poupe. Aposto que você sonha com este rosto à noite.

– ã-hã. – Ela embarcou na brincadeira. – A única coisa que povoa meus sonhos é esse seu rosto lançando lasers pelos olhos.

– Irado.

– Enfim, deixa primeiro eu ter certeza de que ele não é um psicopata total e depois descubro o melhor momento para apresentar vocês dois.

– Ele não sai de casa há três anos, Lisa. Ele não é louco. É um gênio. Só assiste à TV e joga videogame vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Acho que ele é o meu novo herói.

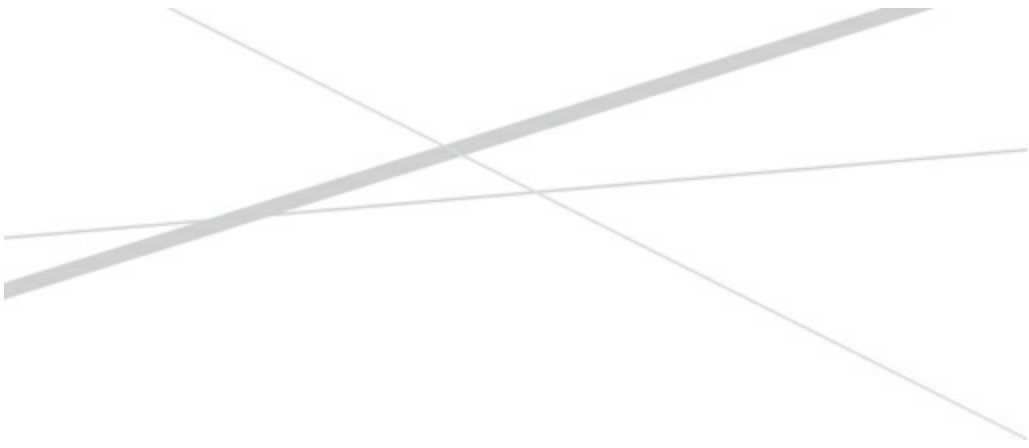
– E quem era o antigo?

– Um velho do supermercado Vons, da Foothill, que cumprimenta todo mundo que entra. Acho que provavelmente ele era imbatível, até agora.

– Você é tão estranho. O cara do supermercado que cumprimenta as pessoas é seu herói?

– *Era* meu herói. Presta atenção, cara.

Na volta para casa, Lisa pensou pela primeira vez que poderia usar o ciúme de Clark em benefício próprio. Imaginava que a maior parte daquilo era brincadeira, mas, se conseguisse levar o namorado até a casa de Solomon, suas chances de curar o rapaz aumentariam – talvez aquilo até acelerasse o processo. Afinal, o tratamento consistia em mostrar-lhe que o mundo não era o lugar aterrorizante e caótico que ficara impresso em sua lembrança. E Lisa sabia que apresentá-lo a Clark Robbins talvez fosse a melhor maneira de provar que nem tudo o que existe do lado de fora é tão ruim assim.



ONZE

SOLOMON REED

Não havia escapatória: ele teria que contar para Lisa. Seria a primeira vez que ele diria aquilo em voz alta. Solomon era gay. Descobrira isso mais ou menos aos doze anos de idade. Não foi algo difícil de sacar, na verdade. Ele enxergava meninos e meninas de maneiras diferentes, e preferia sair com uns a sair com outras. É simples assim quando se é jovem. E Solomon tinha certeza de que, para ele, sempre seria simples assim – por que precisaria falar sobre sua sexualidade, se não planejava jamais botar o pé para fora daquela casa?

Porém, agora teria que contar para Lisa porque, com esse quase-encontro no sábado à noite, talvez ele tivesse despertado algum interesse romântico em sua nova amiga. Solomon não tinha como saber, na real. Ele não era de se jogar fora, e sua mãe o obrigara a pentear o cabelo antes da primeira visita de Lisa. Então, de repente, ele podia *mesmo* ter impressionado a garota em uma única e breve tarde juntos. Até ele ficara surpreso com as suas próprias piadas, brincadeiras e falação. Afinal de contas, não era basicamente o que os casais faziam juntos? Faziam palhaçadas, conversavam e nos intervalos transavam e coisas assim?

O que ele não conseguia entender, entretanto, é por que motivo Lisa o preferiria a Clark Robbins. Ele vira a foto do rapaz no celular dela e estava cansado de saber que nenhuma garota em sã consciência escolheria dar o fora num cara como aquele para ficar com um camarada recluso e quase albino que não tinha sequer um par de sapatos. Então, talvez estivesse sendo paranoico. Talvez estivesse vendo coisas demais na simpatia dela.

– O que vocês vão assistir? Nada impróprio para menores de dezoito, espero – perguntou seu pai no sábado à tarde, enquanto aguardavam a chegada de Lisa.

Solomon estava deitado de costas no chão da sala, olhando para o teto e ouvindo o som da televisão.

– Não consegui me decidir – respondeu ele. – Nenhum filme de ficção científica.

– Por que não?

– Bom, ela viu a garagem. Não quero que ela pense que sou uma pessoa unidimensional.

– E por que você se importaria com isso? – perguntou seu pai, naquele tom de pai enxerido que usava às vezes.

– Esta é uma ótima pergunta, pai.

Solomon levantou-se assim que ouviu a campainha. Porém, quando ficou de pé, quase tornou a cair. A crise de pânico chegou mais rápido do que qualquer outra até aquele momento – um rubor repentino, uma pulsação incessante no peito. Ele apoiou todo um lado do corpo na parede e concentrou-se em contar. Se você chegar até dez, pensou, vai conseguir respirar. E ele conseguiu. E respirou.

– Pai – murmurou, entre uma arfada e outra.

– Merda! – disse seu pai, colocando-se de pé num pulo e correndo para acudir o filho. – Vem, vamos voltar para o seu quarto.

A mãe de Solomon saiu da cozinha quando a campainha tocou pela segunda vez e, sem perguntar nada, entendeu exatamente o que estava acontecendo. Portanto, estampou um grande sorriso no rosto e foi abrir a porta.

– Lisa!

– Oi – cumprimentou Lisa, entrando.

– Ele já vem. Acho que provavelmente deve estar tentando pentear o cabelo ou algo assim – disse ela, com uma expressão divertida. – Pode se sentar que eu vou lá em cima dar uma olhada.

Ela atravessou o corredor e foi até o quarto do filho. Ele estava sentado na cama, o pai ao seu lado, inclinado ligeiramente para a frente de olhos fechados. Estava respirando. E contando. Ficaria bem, mas saber disso não tornava mais fácil vê-lo daquele jeito. Nunca era fácil para eles.

– Quer que eu peça para ela ir embora? – perguntou a mãe.

– Não. – Solomon conseguiu responder, ainda de olhos fechados.

Quando Valerie voltou para a sala de estar, Lisa estava sentada no sofá, com o corpo inclinado para ver uma foto emoldurada sobre a mesinha de canto.

– Big Bear Lake – disse Valerie. – Tínhamos um chalé lá. Íamos pelo menos uma vez por mês.

– Adoro esse lugar.

– Eu sinto muitas saudades – disse Valerie. – Sempre gostei mais do clima frio.

– Adoro as montanhas – disse Lisa. – Deve ser a única coisa que vale a pena em Upland.

– São mais como colinas – acrescentou Valerie. – Ele já vem num minuto.

– Tá tudo bem?

– Ah, sim. Quando fui lá em cima, ele estava procurando um par de meias casadas.

– Nem *eu* consigo fazer isso – disse Lisa, imediatamente dando-se conta do quanto aquilo tinha soado insensível. – Desculpe... não quis dizer que...

– Deixa pra lá – interrompeu Valerie, antes de fazer uma pausa por alguns longos e silenciosos segundos. – Não sou ingênua, Lisa. Sol é diferente. Não consegue encontrar um par de meias casadas porque provavelmente não usa meias que combinam desde a última vez que saiu de casa, o que, pelas minhas contas, faz muito tempo.

Lisa sorriu para ela, mas ficou quieta. Então Valerie riu de si mesma e foi sentar-se no sofá. De repente seu humor mudou e ela deslizou o corpo para apoiar os cotovelos sobre os joelhos antes de falar com Lisa num sussurro: – Me diga uma coisa. Você gosta dele?

– Como assim? – perguntou Lisa.

– Do Solomon. Você gosta dele? Ele é “gostável”?

– Sim. Totalmente.

– Você não está mentindo, não é? Nem tente proteger meus sentimentos. Solomon nunca conseguiu se safar com nenhuma mentira em toda a vida.

– Estou falando sério – defendeu-se Lisa. – Eu tinha medo de que ele fosse chato.

– É importante que você saiba de uma coisa, Lisa.

– Certo.

– Eu estava com muito medo por causa do Solomon, por ele passar tanto tempo sozinho nesta casa. Então você apareceu e de repente ele começou a falar que queria nadar e se bronzear. Não sei se é loucura acreditar na palavra dele ou não, mas estamos voando com a construção da piscina.

– Vocês estão construindo uma piscina? – perguntou Lisa, olhando para as janelas que davam para o quintal.

– Ele disse que queria uma – respondeu Valerie. – Disse que sairia de casa.

– Não brinca!

– Você precisa me prometer uma coisa, Lisa.

– Tá.

– Prometa que vai ficar por perto tempo o bastante para fazer com que ele bote o pé lá fora. É só o que lhe peço. Se por acaso você ficar entediada ou simplesmente enfiar na cabeça que ele não é o tipo de amigo que você queria que ele fosse... por favor, espere apenas até a gente conseguir fazer ele sair de casa, tá?

– Tá – disse Lisa. – Mas eu...

– Obrigada – interrompeu Valerie.

Justamente quando ela estava prestes a perguntar sobre a piscina, Solomon entrou na sala e disse:

– Oi.

Ele estava visivelmente nervoso, mas não mais do que da primeira vez em que ela o visitou. Usava camiseta e shorts, sem meias. Lisa olhou para seus pés descalços e depois para a mãe dele.

– Certo. Vocês dois podem ficar com a sala de estar. Preciso dar um pulo no consultório e... Sol, cadê seu pai?

– Bem aqui – disse Jason, entrando na sala. – Oi, Lisa. Sou o Jason.

Lisa se levantou e os dois se cumprimentaram com um aperto de mãos. Ele olhou para Solomon e sorriu, com uma piscadela.

– Certo, vamos deixar os dois em paz. Ninguém quer dois velhos por perto – disse a mãe dele.

– Eu quero – brincou Solomon, nervoso. – Falem pra gente sobre impostos.

– E o que exatamente é um plano de aposentadoria 401k? – acrescentou Lisa.

Jason e Valerie saíram da sala, ainda rindo. Lisa sentou-se numa das pontas do sofá e Solomon na outra, deixando uma almofada inteira de espaço entre os dois. Navegou no menu de filmes da tela da televisão em silêncio, sem olhar para Lisa.

– Tá com vergonha de mim, Sol? – perguntou ela.

– Desculpa.

– Tudo bem. Algum filme em mente?

– Na verdade, não – disse ele. – Melhor tirar esse troço da minha mão. Toma, escolhe você.

– Certo – disse ela, estendendo o braço para apanhar o controle remoto que ele lhe passava.

– Sejamos inteligentes então. Comédia, ficção científica, drama ou terror?

– Nada de ficção científica – disse ele imediatamente, firme em suas convicções.

– Fechado.

– Sua vez – disse ele.

– Ah... Hummm... nada de drama.

– Ótimo. Nem filme de terror. Odeio filmes de terror.

– Eu também. Clark me obriga a assistir a esses filmes e depois fico uma semana sem conseguir dormir.

– Isso na verdade é abuso conjugal – brincou ele. – Certo, então comédia.

– Graças a Deus – disse ela. – O que te faz rir, Solomon Reed?

– Sei lá... pastelão?

– Eu sabia! – disse ela. – Sei que parece velharia, mas você é fã do Mel Brooks?

Um sorriso gigantesco espalhou-se pelo rosto dele.

– De onde você veio, hein? – perguntou ele.

– De Upland – respondeu ela. – Então me acompanha, tá legal? Eu voto em *A louca! A louca história de Robin Hood*.

– Minha mãe por acaso está pagando para você vir para cá?

– Não – disse ela, procurando na tela o título do filme. – Mas *é verdade* que eu adoro nadar. E, sabe como é, um tratamento de canal de graça não seria nada mau, se a oportunidade surgisse.

– Ela te contou sobre a piscina, imagino.

– Contou sim. E você vai nadar nessa piscina, né?

– Isso mesmo – respondeu ele.

– Sua mãe parece bastante empolgada – disse Lisa. – Por você ter pedido a piscina, quero dizer.

– Sem pressão – disse ele. – Ela te contou que a minha avó me subornou?

– Não, não contou não. Como assim?

– Ela disse que pagaria pela piscina se eu me encontrasse com você.

– Inteligente da parte dela – disse Lisa, antes de cair em completo silêncio.

– Só precisava ser uma vez – disse ele. – Agora *eu* quero que você venha me visitar.

– Ah, que bom. Fiquei com medo que essa situação arruinasse para sempre *Robin Hood* para mim.

– Isso seria uma tragédia – disse ele. – Acho que minha avó está torcendo pra você se apaixonar por mim e me salvar de mim mesmo.

– Pena que eu já tenho o Clark – brincou ela.

– Pena que eu sou gay – soltou ele num impulso, fechando os olhos e esperando um silêncio ensurdecedor.

– É, pena mesmo – disse ela, com um sorriso enorme.

Lisa levantou a mão para que Solomon batesse e ele ficou meio que apenas olhando para a mão dela, até ela voltar a abaixá-la.

– Eu nunca contei isso para ninguém antes.

– Oh, meu Deus – disse ela. – Obrigada.

– Por ser gay ou por te dizer?

– Pelas duas coisas, acho.

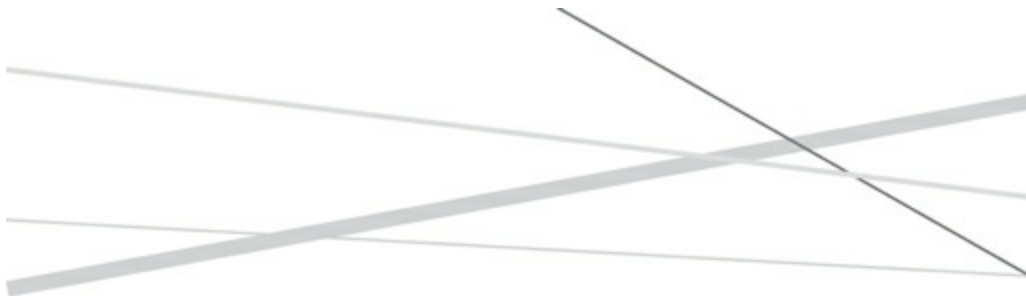
– De nada. Acho que tive um ataque de pânico quando você chegou.

– Imaginei. Sua mãe disse que você estava tentando encontrar meias.

– Ela mente muito mal – disse Solomon, levantando os pés e mexendo os dedinhos.

- Dê crédito a ela por pelo menos ter se esforçado. Ela parece muito legal.
- Ela é mesmo. Meu pai também. Nada disso funcionaria se eles não fossem legais, imagino.
- E, hummm... por acaso *eles* sabem? Que você é gay?
- Por que desperdiçar o tempo deles com isso? Nunca vai ser uma questão, mesmo.
- Certo, mas... é o que você é, né?
- Acho que sim – disse ele. – Não sei ser diferente.
- Quando descobriu?
- Quando eu tinha uns doze anos. Foi meio que um estalo, algo que eu simplesmente soube um dia, embora não soubesse no dia anterior.
- Então é assim? Uma sensação? Não se trata apenas de ser a fim de outros caras?
- Ah, não; *isso* também conta. Claro! Mas tem outras coisas, acho. Não é tanto uma sensação, é mais como reconhecer um fato, tipo ter olhos azuis ou cabelos castanhos. Só que talvez a gente só descubra quando está pronto para entender melhor.
- Tipo que nem ser hétero – disse ela. – Com a diferença de que não precisamos lidar com toda essa baboseira de sair do armário.
- Isso aí! – disse ele.
- Ela tirou os sapatos e levantou os pés como Solomon.
- Ah – disse ele, levantando-se. – Tem doce.
- Manda ver, capitão.

Depois que ele voltou da cozinha, trazendo numa das mãos uma caixinha de balas Mike and Ike e na outra, uma de Hot Tamales, sentou-se muito mais perto dela, tanto que seus cotovelos de vez em quando se roçavam ao longo do filme. E, como se tivessem feito aquilo um milhão de vezes antes, sem sequer pensar a respeito, os dois passavam as balas um para o outro em total silêncio, com os olhos grudados na tela.



DOZE

LISA PRAYTOR

Lisa terminou ficando na casa de Solomon até bem depois da meia-noite. Então, quando estavam prestes a se despedir na porta de casa, ela perguntou se podia lhe dar um abraço.

– Claro – sussurrou ele. – Mas seja rápida.

Ela não foi. Lisa o abraçou por um longo tempo para ele saber que ela queria abraçá-lo. E ela queria mesmo. Ele havia lhe contado algo que nunca dissera a ninguém na vida. Se isso não é amizade, então o que é? Ela agora fora admitida em seu círculo de amigos. Caramba, ela *era* o seu círculo de amigos! E todo o avanço que havia feito em somente duas visitas à casa de Solomon foi suficiente para ajudá-la a ignorar a pontinha de culpa que estava sentindo na barriga.

– Pode contar ao Clark também – disse ele, antes de Lisa ir embora. – Provavelmente vai ser melhor ele saber que não tem motivo nenhum para se preocupar.

Apesar de ser uma da madrugada, ela precisava falar com Clark antes de chegar em casa. Ele estava com o pai de novo, portanto ela sabia que ficaria acordado até tarde comendo porcarias e jogando videogame ou algo do gênero. E estava mesmo.

– Alô – atendeu ele. Ela ouviu o barulho da televisão ao fundo.

– Bem, não precisa mais sentir ciúmes do Solomon.

– O encontro romântico não deu certo? – brincou ele.

– Ele é absolutamente gay.

– Ah. Que engraçado.

– Engraçado?

– Não engraçado tipo *hahaha*; engraçado tipo *o outro namorado da minha namorada é gay*.

– Ah, cala a boca – disse ela. – Enfim. Só queria te contar.

– Legal. Vou avisar minha mãe. Ela vai mandar umas bíblias para ele pelo correio o mais depressa possível.

– Isso não é motivo de piada, Clark.

– Desculpa. Acho legal ele ter te contado. Pelo jeito, parece que ele precisava de alguém com quem conversar.

– Acho que sim – disse Lisa. – Ele pediu uma piscina para os pais.

– Ele saiu de casa? Agora fiquei confuso.

– Não, mas disse que vai sair.

– Que doideira – comentou Clark. – Não doideira *doideira*. Você entendeu o que eu quis dizer.

– Foi meio triste – disse ela. – Ele me disse que não sabia se contaria para os pais. Disse que não é uma questão.

- E ele não está errado, né? Se ele nunca sai de casa, que importância isso tem?
- Mas a questão não é só isso, certo?
- Sei lá. Se eu nunca mais saísse de casa e não tivesse você na minha vida, acho que ser hétero ou gay não teria a menor importância. Bom, exceto pelas minhas buscas no Google.
- Que nojo.
- Foi mal.
- A questão é outra – disse ela. – Talvez isso faça parte do que está errado com ele. Solomon não sabe como ser ele mesmo porque pensa que isso não tem importância. Talvez esse fato tenha uma grande influência sobre a sua fobia social.
- Lisa, você encontra esse cara uma única vez e na segunda ele já vai abrindo o coração para você. Não me parece coisa de quem não está sendo ele mesmo, parece?
- Não – respondeu ela. – E é o que torna a coisa toda mais confusa. Ele é um pouco ansioso, claro, mas fora isso é como nós. Papo fácil. Engraçado. Engraçado mesmo, se quer saber. Não sei por que ele não consegue mais lidar com as coisas do mundo aqui fora. Eu acho que ele tem tanta capacidade quanto qualquer outra pessoa para isso.
- Tá na cara que não – disse Clark. – Mas você acha que ser amiga dele é a melhor maneira de ajudar o cara?
- O plano é esse – respondeu Lisa. – Continue comigo que uma hora vou colocar você na jogada. Para mostrar pra ele o que está perdendo aqui fora.
- Ah, é? Agora eu faço parte do esquema?
- Só se você quiser. Você mesmo disse que está ficando de saco cheio dos caras do time.
- Saco cheio é pouco – disse Clark. – Com aqueles otários é só disputa o tempo todo.
- Bom, lá vem você.
- Sabe, você podia simplesmente inventar alguma coisa para colocar na sua redação. Acho que conseguiria a bolsa de qualquer maneira – disse ele.
- Eu sei. Mas quero ajudar o Solomon. Não se trata mais apenas da bolsa, agora.
- Promete?
- Prometo – respondeu ela. – Me dá mais algumas semanas com ele. Não quero assustá-lo e, tendo em vista que você provavelmente vai acabar me destronando do papel de melhor amiga dele, eu gostaria de conhecê-lo um pouco melhor.
- Verdade, eu *sou* muito engraçado – disse Clark.
- Deixa eu adivinhar. Neste exato momento você está vestido só com a calça do pijama e provavelmente mais nada, e tem um saco de Doritos à vista em algum lugar por aí. Talvez inclusive um ou dois donuts.
- Impressionante! Como você faz isso?
- Mágica – disse ela. – O que a sua irmã está fazendo?
- O mesmo. Estamos jogando videogame há umas, sei lá, cinco horas. Não sinto orgulho disso, Lisa, mas por outro lado sinto orgulho, sim. Entende?
- É engraçado – disse ela. – Assim que eu começo a andar com um recluso bobão, você se transforma em outro. Que sina a minha!

No dia seguinte, Lisa ficou feliz ao ver o carro de Ron estacionado em frente à sua casa. Não gostava muito dele, mas a sua mãe sim. E ela ficava muito mais feliz quando ele estava em

casa. Era terrível que os dois fossem um desses casais que estão se agarrando ou estão se matando, mas algumas pessoas simplesmente são programadas para agir dessa maneira, pensou Lisa. Ficava feliz por não ser uma delas.

Mais ou menos na hora do almoço, enquanto revisava algumas anotações da aula de história, o seu telefone tocou. Era Solomon.

– Ei, a gente não se falou há poucas horas? – atendeu ela.

– O que aconteceu na noite passada?

– A gente assistiu ao melhor filme do mundo e você saiu do armário para mim.

– Sim, sim – disse ele. – Sair do armário é exaustivo. Acordei tipo uma hora atrás.

– E o que fez desde então? Porque eu já corri três quilômetros, escrevi uma resenha de livro e comecei a estudar para uma prova.

– Pois é. Eu passei vinte minutos assistindo a um documentário sobre enguias, até ficar assustado demais para continuar.

– Beleza... quer dizer então que você está tendo um dia produtivo. Que bom.

Solomon gargalhou mais alto do que ela esperaria. Era uma risada ótima – do tipo em que se consegue escutar de fato o *ha, ha, ha*, se você prestar atenção.

– Pois é... hummm... sabia que uma enguia vive em média oitenta e cinco anos?

– Que horror. Solomon, você ligou para me convidar para ir aí?

– Talvez.

– Então convide. Vá em frente. Não se acanhe.

– Tá falando sério? – perguntou ele.

– Se quer que a gente seja amigo, vai ter de fazer o que os amigos fazem. Eles se telefonam e convidam uns aos outros para fazerem uma visita. Você já está na metade do caminho.

– Beleza. Você vem?

– Vem para onde?

– Quer vir aqui em casa hoje?

– Na verdade estou bastante ocupada – disse ela, segurando o riso.

– Você está me zoando.

– Estou. Que me diz de umas duas da tarde? Tenho mais umas trinta páginas de anotações para revisar.

– Perfeito – disse ele. – Quer dizer, se você quiser.

– Solomon – repreendeu ela. – Você estava indo tão bem. Que negócio é esse de “se você quiser”? Eu quero, tá legal?

– Ótimo – disse ele. – O que você está a fim de fazer?

– Você sabe jogar xadrez?

– Sei. Muito mal.

– Maravilha. Então vai ser xadrez. Você tem as peças?

– Tenho – respondeu ele. – É do *Hora da aventura*. Por favor, não zoe.

– Tá brincando? Clark e eu assistimos a esse desenho o tempo todo.

– Fala sério! – disse ele.

– Tô falando sério.

Quando ela chegou na casa dele algumas horas mais tarde, as peças de xadrez estavam

preparadas sobre a mesa da sala de jantar. Ela nunca havia ficado muito tempo ali e, pelo visto, parece que ninguém ficava. Talvez a família fosse do tipo em que cada um come num horário diferente, como a dela sempre foi. Por algum motivo, porém, ela esperava que não.

– Qual sua comida preferida? – perguntou ela, sentando-se.

– Estamos no jardim de infância?

Ela olhou para o jogo de xadrez e depois para ele novamente, com a sobrancelha arqueada.

– Tá bem – disse ele, sentando-se. – Pizza, provavelmente.

– Ugh – disse ela. – Que coisa mais chata, Solomon.

– Pode me chamar de Sol, se quiser – disse ele. – Ou Solo.

– Posso ser sincera contigo?

– Claro.

– Acho que *Solo* soa como um apelido cruel.

– Que nada – disse ele. – Pense em “Han Solo”, não em “agorafóbico solitário”.

– Ah... é, funcionou.

– Mas eu gosto de Sol. Meu bisavô se chamava Sol.

– O meu se chamava *Gator* – disse ela.

– *Gator* Praytor?

– ã-hã – disse ela, abaixando a cabeça com falsa vergonha. – E ele era zoólogo. Não estou brincando.

– Mas como era o nome verdadeiro dele?

– Dick – disse ela.

– Bem, veja, foi apenas um homem que fez boas escolhas.

– Certo, certo. Pronto para ser aniquilado no xadrez?

– Nunca estive tão pronto – disse ele. – Quem começa?

– Ah, Sol... isso não está começando bem.

– Ah, é, merda. Os brancos começam – disse ele. – Lembrei.

– Sabe, você tem uma boca bem suja para quem nunca frequentou o ensino médio.

– Não deixe meus pais te enganarem. Quando não tem ninguém por perto, os dois falam que nem marinheiros.

– Minha mãe me obrigou a lavar a boca com sabão no ano passado – disse ela. – Porque eu chamei meu padrasto de *filho da puta*. O mais engraçado é que ela só ficou brava com o palavrão.

– Eu não xingo muito quando eles estão por perto.

– É apenas a *sua* forma de rebeldia. Se eles fossem criminosos, você provavelmente se tornaria um policial. O mundo é um lugar misterioso.

– Ou talvez você traga à tona meu lado ruim – disse ele, movendo o peão duas casas.

– Duvido – disse ela, movendo um dos cavalos.

Ela não estava nem aí para quem iria ganhar o jogo, na verdade: estava tentando fazer algo que lera naquela manhã, na internet. Ludoterapia. Supostamente relaxava e distraía o paciente de modo a ajudá-lo a abrir-se e falar mais sobre assuntos pessoais e dolorosos. Agora que Solomon demonstrara tanto progresso em tão pouco tempo, ela queria ver o quanto poderia dar-lhe uma forcinha sem que ele percebesse que estava sendo pressionado a isso.

Lisa ganhou a primeira partida, encurralando o rei de Solomon com um peão e uma torre.

Então, sem dizer uma palavra, observou-o reposicionar todas as peças sobre o tabuleiro e cuidadosamente virá-lo, de modo que as peças brancas estivessem de frente para ela.

– Eu jogo melhor com as pretas – disse ele.

Na metade da partida, parecia que Solomon iria ganhar. Estava tão concentrado no jogo que fazia quinze minutos que nem sequer levantava o olhar. Talvez estivesse funcionando, pensou ela. Talvez aquela fosse uma boa hora para ela bancar a terapeuta.

– Então, fora perder esta partida, qual o seu maior medo?

– Ser enterrado vivo – respondeu ele, sem hesitar.

– Isso é compreensível.

– E o seu?

– De tornados. Não me pergunte o motivo, nunca estive perto de um.

– São vórtices de vento gigantescos que destroem cidades inteiras – disse ele. – Eu respeito.

– E, não sei... acho que ficar em Upland para sempre, também.

– É *aí* que a gente difere – disse ele, movendo um peão. – Para onde você gostaria de ir?

– Para qualquer lugar – disse ela. – Algum lugar maior. Uma cidade grande. Os subúrbios me entediam profundamente.

– Mas são cheios de velhos, crianças pequenas e caras malucos como eu – disse Solomon. – Como não amá-los?

– Você faz isso sempre? – perguntou ela. – Chamar você mesmo de *maluco*?

– Só quando é engraçado ou quando quero escapar das tarefas de casa.

– Então o seu maior medo é ser enterrado vivo. Certo. E um medo de algo que *realmente* possa acontecer com você?

– Tipo alguém me perguntar quais são meus maiores medos quando estou tentando derrotar você no xadrez?

– Foi mal – disse ela. – O mistério terá de permanecer um mistério, acho.

Ele tirou os olhos do tabuleiro e olhou fundo nos olhos dela, como se estivesse perguntando o que ela achava que estava fazendo, sem dizer nada. Lisa respondeu olhando para baixo e capturando um dos bispos dele com sua rainha.

Quando o jogo terminou, ela o seguiu até seu quarto, onde ele vasculhou dentro de algumas caixas no guarda-roupa até encontrar uma pequena pilha de revistas em quadrinhos.

– Aqui – disse ele. – Dê isso para o Clark. Eu já li todas elas umas cem vezes.

– Sério? – exclamou ela, folheando a primeira. – Valeu.

– Sem crise. Minha única condição é que estas ele não vai poder esconder. Devem ser exibidas com orgulho na casa dele, para todos verem. É só o que peço.

– Vou transmitir o recado – disse ela. – Quem sabe, pode ser que vocês dois se conheçam um dia.

– Pode ser – disse ele. – Se você acha que ele iria gostar...

– Tá brincando? Ele só fala disso. Acho que está com ciúme.

– Ciúme do garoto gay maluco? Não faz sentido.

– Ei, Sol – disse ela, falando em tom sério por um segundo. – Essas são apenas duas características suas, dentre um milhão. Não se esconda por trás de rótulos.

– Tarde demais – disse ele, olhando ao redor do quarto com um sorrisinho pouco convincente. – Tarde demais mesmo.



TREZE

SOLOMON REED

A avó de Solomon sempre trazia um presente. Sempre. Vinha a cada duas semanas, mais ou menos, sem avisar, entregava a Solomon uma caixa belamente embrulhada ou uma sacolinha de presente de onde saía papel de seda. Então ficava observando com olhos arregalados e animados enquanto ele desembulhava o que ganhara, e sempre tirava uma foto com o seu celular. Ele gostava de imaginar uma enorme parede na casa dela coberta com centenas destas fotos quase idênticas dele segurando videogames ou DVDs, com um sorriso forçado.

Mas, quando veio naquela segunda-feira de abril para comemorar a nova vida social do neto, sua avó chegou com as mãos repletas de brinquedos de piscina. Espaguete de hidroginástica oscilavam no ar acima da cabeça dela e trombavam nas paredes enquanto ela mostrava para Solomon e seus pais cada presente que trouxera.

– Isso é para mergulhar – disse ela animadamente, deixando que cinco argolas de plástico amarelo deslizassem por um de seus braços até o chão. – Óculos de natação. Até umas boias, sabe como é, para o caso de você ter se esquecido de como é que se nada!

Solomon deu um passo à frente e começou a ajudá-la: encontrou mais argolas de mergulho, três outros pares de óculos de natação, alguns calções de banho e até mesmo uma sunga. Ergueu a peça de um tom vivo de cor de laranja e olhou intrigado para a avó.

– Nunca se sabe – disse ela. – Com todo o tempo livre que tem, você pode treinar para as Olimpíadas.

Solomon pegou a sunga e a atirou como se fosse um estilingue para o pai, que a apanhou em pleno ar e depois a segurou diante da cintura.

– Ah, uau, eu vou ficar *gato* com essa belezura aqui.

– Vó, cancela a piscina – disse Solomon.

– Tudo bem – disse ela. – Vocês ficam aí tirando sarro, mas na Europa os homens só usam isso. Um pouco de cultura não faria mal a ninguém nesta casa.

– Anotado – disse o pai de Solomon, apanhando um dos espaguete de hidroginástica e depois batendo com ele no topo da cabeça do filho.

– Valeu, vó – disse Solomon, experimentando um par de óculos de natação. – E aí, ficou bom?

– Perfeito.

E, como parecia que sua avó iria chorar, ele fingiu que estava nadando no ar em direção a ela e deu-lhe um abraço rápido.

Mais tarde, sentado no chão da sala, Solomon encheu de ar um grande tubo verde brilhante, enquanto seus pais e sua avó tomavam café e comiam a sobremesa batendo papo sentados no sofá. Quando ele terminou, levantou-se e caiu no meio do tubo.

– Parece confortável – disse a avó. – Seu pai quebrou o cóccix no ginásio e teve de ficar sentado sobre algo bastante similar. Só que menor, óbvio. Lembra, Jason?

– Eu quebrei a bunda, mãe. Claro que me lembro.

– Eu me senti a pior mãe do mundo – disse ela, rindo tanto que lágrimas saíam dos seus olhos. – Me acabava de rir toda vez que via aquela almofadinha. Não conseguia evitar.

– Tá vendo, Sol? – disse seu pai. – É por isso que nunca o deixamos dormir na casa da vovó quando você era pequeno.

– Não é verdade – disse ela. – Eu ficava com você o tempo todo. Você era meu pequeno parceiro.

– Ela te usava para vender casas – acrescentou seu pai. – Botava um terninho e uma gravata em você e te levava com ela para mostrar as propriedades.

– Ser inventiva *não* é uma coisa da qual vou me desculpar – defendeu-se ela. – É assim que se constrói um negócio.

– Joan Reed Imóveis – disse o pai de Solomon. – Levaremos você para casa... depois que nos der todas as suas economias.

– Sinto saudades de colocar você de castigo – disse vovó, fazendo uma careta para o filho. – Sol, me conte sobre essa tal de Lisa.

– Ela é bacana – disse ele.

– Bacana? – perguntou ela, olhando para o filho e a nora. – Esse filho de vocês, como ele é... eloquente, sabiam?

– Nós nos esforçamos muito na educação dele – brincou o pai de Solomon.

– Vamos, desembucha, guri – disse vovó.

– Certo, hummm... ela é engraçada, também. E, sei lá, *despachada*, acho. Não foi tão difícil quanto eu pensei que seria.

– Que bom – disse ela, olhando para cada pessoa da sala e assentindo.

– Pois é – concordou ele. – Ela veio no sábado à noite, também.

– E ontem – acrescentou seu pai.

– Mesmo? – exclamou vovó. – Solomon, você arrumou uma namorada?

– Não, não é nada disso – disse ele.

– Certo, então o que você e a sua *amiga* fizeram todo esse tempo então?

– Assistimos a filmes e jogamos xadrez, basicamente.

– Falando nisso – disse vovó –, que tal um joguinho para você me contar todas as fofocas de verdade?

– Claro.

Na sala de televisão, ele armou uma mesinha dobrável e os dois começaram a embaralhar cartas sem dizer uma palavra. Skip-Bo não era brincadeira para Solomon e sua avó, e, uma vez que ele andava ganhando todas as partidas ultimamente, sabia que ela iria querer tirar seu sangue. Entretanto, assim que as cartas foram distribuídas e o jogo começou, a única coisa que ela queria era falar sobre Lisa.

– Uau – disse ela. – Você está conseguindo mesmo, não?

– O quê?

– Você fez uma amizade nova. Disse que vai sair pro quintal em breve. Você está melhorando, rapazinho.

- Por favor, não diga isso.
- Por que não? Por que a gente não deveria comemorar uma coisa dessas?
- Porque é exagero, tá? Não tem tanta importância assim.
- Pra mim, tem – disse ela. – Quem sabe daqui a alguns anos você não esteja preparado para enfrentar o mundo novamente?
- Confie em mim – disse ele. – Não é uma chavinha que eu posso ligar e desligar, vó.
- Devagar se vai ao longe – disse ela.
- Não tenho certeza se isso se aplica neste caso.
- Mesmo assim – disse ela –, não descarte a possibilidade de melhorar, tá?
- Vou tentar.

Quando ela foi embora, abraçou-o mais forte do que o normal, e ele soube o motivo. Sua avó estava sentindo orgulho dele. E isso era algo bastante novo. Solomon sabia receber pena e incompreensão, mas ser admirado ainda não era uma de suas especialidades. Porém, com certeza, era algo com o qual ele poderia se acostumar.

Ele terminou as tarefas escolares supercedo no dia seguinte para poder relaxar um pouco antes de Lisa chegar. Não sabia o que poderiam fazer, então pensou em ensiná-la a jogar Munchkin, um jogo de cartas de estratégia que seus pais haviam comprado para ele, mas que não curtiavam muito jogar. Solomon não conseguia nem mesmo acabar de explicar as regras para a sua avó antes de ela dizer: “Parece complicado demais para alguém da minha idade.” Curioso como ela só mencionava a própria idade quando não estava a fim de fazer alguma coisa.

Mas ele sabia que Lisa pegaria o jogo com facilidade, principalmente depois de tê-la visto jogando xadrez. Ele desejava uma revanche, mas decidiu desafiá-la com algo com que não estivesse muito familiarizada. Sabe, para lembrá-la de quem era o dono daquela casa e coisa e tal. Aquele era o território *dele*. Era *sua* fortaleza de solidão, impenetrável ao mundo exterior.

Só que isso não era mais verdade, era? Havia algo novo ali, na forma daquela garota de dezessete anos surpreendentemente familiar. Assim que Solomon abriu a porta da casa naquela tarde, Lisa entrou sentindo-se quase tão à vontade quanto a sua avó no dia anterior. Ela acenou e sorriu para ele, e foi até a sala de estar para sentar-se no sofá.

- Não demora e a piscina fica pronta – disse ela, indicando a porta de vidro deslizante que dava para o quintal.
- Espero que não seja uma armadilha – disse ele, sentando-se.
- Não é uma armadilha nem um pouco ruim – comentou ela. – Tenho certeza de que seus pais vão usá-la, de todo jeito.
- Claro que vão – disse Solomon. – Mas *eu* é que vou ter que sair lá fora.
- Ótimo – disse ela. – Posso vir pra todas as suas festas *mutcho locas* na piscina?
- Ah, não – brincou ele. – A confraternização entre homens e mulheres é estritamente proibida por aqui.
- Bem – disse ela, apanhando a sunga de cima da almofada ao seu lado. – Mas, pelo visto, rapazes de sunguinha não são.
- Minha vó. Ela comprou uma loja inteira de artigos esportivos ou coisa parecida.
- Sua avó comprou uma sunga pra você?
- É... nem tente defendê-la, tá legal?

- Ei, eu estou mais do que acostumada com sungas.
- Não sei o que dizer.
- Clark – continuou Lisa. – Por causa do polo aquático.
- Ah, é. Não deve ser nada confortável.
- Ele adora – disse ela. – Acho que deve ser um exibicionista.
- Fique à vontade para fornecer evidências fotográficas a seu bel-prazer – disse ele, corando.
- Solomon Reed! Você acabou de fazer uma piada sexy sobre meu namorado ou escutei errado?
- Talvez. Como é mesmo polo aquático?
- Pensa em hóquei, só que na piscina e com muito menos roupa.
- Sensacional – disse ele. – E ele é bom?
- Quando quer. Tem problemas de motivação. Eu meio que esperava que ele tentasse conseguir uma bolsa numa universidade, mas não consigo descobrir o que está planejando fazer.
- Ainda tem bastante tempo pra decidir, não é?
- Na verdade, não. A maioria das universidades encerra os processos seletivos em dezembro.
- Que medo.
- Mal posso esperar – disse ela. – Creio que sou mais madura que meus colegas.
- Eu sou seu colega – disse ele, com a maior cara lavada.
- Meus *outros* colegas – corrigiu Lisa.
- Até mesmo Clark?
- Principalmente Clark.
- Ah – disse ele, e depois se calou, porque o que ele sabia sobre relacionamentos basicamente esgotava-se aí.
- Desculpa. Eu só queria que ele levasse as coisas mais a sério, às vezes. Eu gosto de fazer planos.
- Você não curte surpresas – disse ele. – Tá na cara que veio para o lugar certo.
- Até agora, você foi uma surpresa atrás da outra.
- Certo. Bom, atingi minha cota então.
- A Terra de Solomon – disse ela. – Desfrute do *holodeck*, veja o garoto branquelo de sunga.
- Eu *não vou* usar essa coisa. E você entende que passo noventa e oito por cento do meu tempo lendo e assistindo à televisão sozinho, né?
- Eu entendo que isso era o que você *fazia* – disse ela, com confiança.

Lisa veio todos os dias da semana seguinte. Ficava apenas duas ou três horas, o bastante para jogar alguns jogos ou assistir a um filme, e, quando chegou o fim de semana, Solomon sabia que podia esperar a chegada dela por volta das três e meia ou quatro da tarde, todos os dias. E sentia-se mais relaxado a cada visita.

No sábado, sua mãe insistiu em preparar um almoço para eles. Solomon sabia que uma hora aquilo iria acontecer: uma refeição feita basicamente em silêncio, na qual ele seria obrigado a observar, horrorizado, os pais se revezando em entrevistar Lisa entre um bocado e outro de comida. Até aquele momento os dois haviam ficado na deles. Solomon desconfiava que

deviam estar esperando até terem certeza de que ela continuaria por perto, antes de se afeiçoarem.

– Espero que você goste de *enchiladas*, Lisa – disse sua mãe, quando se sentaram à mesa.

– Gosto sim. E quanto mais queijo, melhor.

– Estas são veganas – disse Solomon, com ar sério.

– Ah... bem, veganas parecem ótimas também. Veganas no geral.

– Ele está brincando – disse o pai.

– Mas você passou num teste importante – acrescentou a mãe.

– Muito importante. – Solomon fez coro. – Sempre adore o que quer que a cozinheira prepare, certo, pai?

– Certo. A menos que seja *tofurkey*, aquele peru de tofu.

– Eu tentei preparar isso *uma única vez* e agora os dois não me deixam em paz – disse a mãe. – Quem quer fazer a oração de graças?

– É Natal? – perguntou Solomon, olhando para a mãe como se ela tivesse se oferecido para sacrificar um cordeiro na mesa do jantar.

– Vocês fazem oração de graças na sua casa? – perguntou Lisa.

– Mãe... tá falando sério? As únicas duas regras de um jantar são não discutir política nem religião.

– Lisa, você é fã da democracia? – perguntou o pai, sorrindo.

– Sou uma conservadora fiscal agnóstica, na verdade – respondeu Lisa. – Mas acho que vocês deviam obrigar o Sol a fazer a oração de graças mesmo assim.

– Tudo bem – disse ele, abaixando a cabeça. – Obrigado pelo mundo ser tão bacana. Obrigado pela comida que comemos. Obrigado pelos pássaros que cantam. Obrigado, Deus, por tudo. Amém.

– Amém – disseram em uníssono seus pais e Lisa.

– Ah, salve também Xenu – acrescentou ele.

– Salve – ecoaram os outros.

– Isso foi fofo – disse Lisa.

O resto do almoço transcorreu melhor do que Solomon havia esperado. Seus pais de fato entrevistaram a garota, mas de maneira razoavelmente inocente, e, na altura da hora da sobremesa, ele estava apenas relaxado na cadeira observando os três compartilharem histórias e rirem das piadinhas uns dos outros. Ela era novidade, afinal de contas. Observando seus pais atentos a cada palavra de Lisa, pensou que talvez eles tivessem precisado tanto de uma Lisa Praytor quanto ele.

Nas três semanas seguintes e no mês de maio, Lisa passou a maior parte de seu tempo livre na casa dos Reeds. Ficava para jantar na maioria das noites. Ajudava Solomon a pôr a mesa e lavar a louça, como se fossem irmãos dividindo as tarefas da casa. E, sem demora, ele sentia o ritmo da casa se transformar: o dia começava supersilencioso, mas era só Lisa aparecer que ele e seus pais começavam a disputar a atenção dela. Lisa, entretanto, parecia adorar aquilo: estava sempre disposta a ter conversas profundas sobre a história do cinema com o pai de Solomon ou a aprender confeitaria com a mãe dele.

– Ninguém aqui dá a mínima para bolos, Lisa. É um pesadelo – disse Valerie Reed uma noite para a garota enquanto elas despejavam a massa de bolo numa forma.

– Eu nunca imaginei que você gostasse de confeitaria – disse Lisa. – Pensei que não tivesse tempo para isso, sei lá.

– Eu vendia bolos de aniversário para ajudar a pagar minha faculdade. Minha tia tinha uma loja de bolos e me ensinou todos os macetes. Além disso, não se pode fazer tratamento de canal em casa. Fico entediada.

Um dia, Lisa e Solomon estavam montando um quebra-cabeça que há duas semanas tomava conta de uma das pontas da mesa de jantar. Escutavam o rádio enquanto buscavam as peças certas em silêncio, balançando a cabeça ao ritmo da música. Ter uma amiga não era mais novidade para Solomon, mas ele continuava sendo ele mesmo – ou seja, às vezes analisava cada coisinha que um tinha dito para o outro, deixando a conversa pairar no ar ao seu redor horas depois de ela já ter ido embora, torcendo para não ter dito nada idiota, ofensivo ou imaturo demais. Antes de Lisa, ele não tinha nada a perder exceto a segurança de sua casa, mas, agora que ela fazia parte dessa segurança, ele não podia se arriscar a perdê-la.

– Está me dizendo que você *nunca* conversou com ninguém pela internet? – perguntou Lisa.

– Os fóruns de *Star Trek* contam?

– Claro – disse ela. – Mas você nunca fala com ninguém pelo Skype?

– Conversar com um estranho me olhando pela tela de um computador? Não, muito obrigado.

– Concordo – disse ela. – Sabe... tem de sexo também. Tipo salas de bate-papo de vídeo.

– Eu sei. Qual o problema das pessoas, hein? Fala sério.

– Não tenho certeza – respondeu ela. – Mas faz tempo que cobri a minha webcam com um pedacinho de fita adesiva. Não confio em mais nenhum dos meus aparelhos eletrônicos. Meu celular provavelmente acabou de enviar nossa conversa inteira para um Wal-Mart ou algo do tipo.

– ã-hã. Vamos receber cupons de ofertas de camisinha e webcams pelo correio amanhã.

– *America, the beautiful*. Já dizia a canção.

– Nem mesmo nos fóruns eu posto muita coisa – disse ele. – Isso nunca foi muito a minha praia.

– Eu gosto disso. Um verdadeiro lobo solitário.

– O mundo é muito vasto – disse Solomon. – E a internet, vasta até demais. Eu não odeio as pessoas, espero que você não pense isso. Só preciso me proteger, e acho insuportável a ideia de conversar com um bando de estranhos que poderiam ser qualquer pessoa de qualquer lugar. Pra mim não parece real.

– Eu entendo.

– Lisa?

– Sim?

– Você não tem saudade do Clark?

– Hã? – disse ela, finalmente olhando para ele.

– Bom, você vem pra cá tipo todo dia, e, sei lá, acho que estou começando a sentir como se estivesse roubando você, ou algo assim.

– Tá se cansando de mim? É isso? – perguntou ela, tentando conter um sorriso enorme.

– Cala a boca; claro que não, é que... acho que talvez agora eu esteja preparado para conhecer o Clark.

– Ah, é?

– Quer dizer, faz mais de um mês que isso tá rolando. O cara vai me odiar se eu não começar a dividir você um pouquinho.

– Ah, ele tem os videogames dele – disse ela, rebatendo as palavras de Solomon.

– Mas eu estou falando sério – disse ele. – Acha que ele iria gostar de mim?

– E que importância tem o que eu acho ou deixo de achar?

– Ele é seu namorado. Talvez a gente não se dê bem.

– Seria uma lástima – disse ela. – Porém é impossível.

– Você não acha que ele se incomodaria com o fato de eu ser gay?

– Incomodaria? Ah, meu Deus, provavelmente ele se ofereceria para te levar numa parada LGBT ou algo assim.

– Ah, ele não pode ser assim *tão* legal.

– Eu tenho a teoria de que ele usa um uniforme de Super-Homem por baixo da roupa o tempo todo – disse ela.

– Então, não é à toa que se chama *Clark*.

Como se fosse um sinal do próprio Jor-El de Krypton, o celular de Lisa começou a piscar e vibrar em cima da mesa.

– Falando no diabo... – disse ela, apanhando o aparelho. – Me dá um segundo?

– Claro.

– Lisa Praytor, A Namorada dos Seus Sonhos – atendeu ela, lançando um enorme sorriso para Solomon. – ã-hã. Certo. Bom... tá bem. Pode me fazer um favor? Exato. Obrigada. Também te amo. Tá. Tchau.

– Como ele está? – perguntou Solomon, olhando para o quebra-cabeças.

– Perfeito – disse ela. – Mais tarde eu pergunto para ele, tá? Se ele quer vir para cá.

– Agora fiquei nervoso.

– Não fique. Estou felicíssima com isso, Sol. Você acredita em destino?

– Não muito. Mas gosto da ideia de que *você* acredita.

– Então estamos acertados, né? Você vai ver.

– Lisa – disse Solomon, sabendo que ela podia perceber sua respiração acelerada.

Solomon nunca tivera um ataque de pânico na frente dela, mas várias vezes chegara perto disso: em duas delas ele chegou a fingir que ia ao banheiro, só para poder acalmar-se e respirar fundo até voltar ao normal. Tinha certeza, porém, de que ela percebera tudo, apenas escolhera não comentar nada. Talvez aquilo a deixasse desconfortável, ou talvez ela fosse igual a todo mundo e simplesmente não soubesse o que falar ou fazer. A maioria das pessoas preferia não se envolver a arriscar fazer a coisa errada – isso foi algo que Solomon aprendeu muito antes de se isolar dos outros.

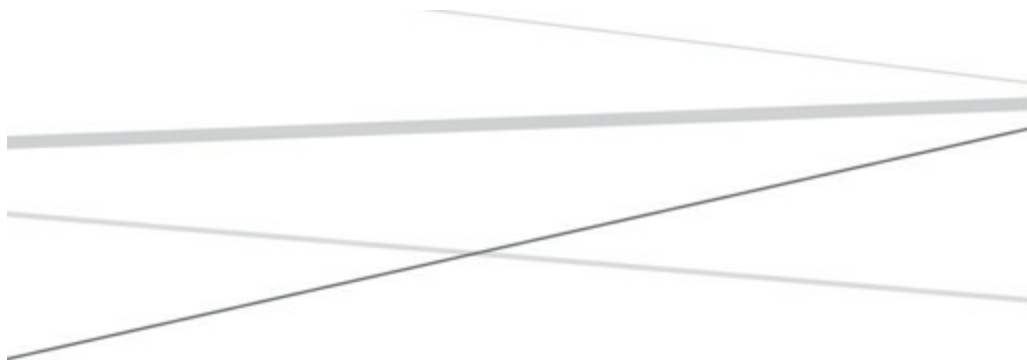
– Está tudo bem... está tudo bem... – disse ela, com toda a calma. – Está tudo bem. Você está bem, Sol.

– Desculpe – disse ele, inclinando o corpo para a frente e apoiando o rosto entre as mãos.

– Não precisa pedir desculpas. Simplesmente respire e conte até dez, combinado? Isso... agora expire e conte devagar até cinco. Isso mesmo, parceiro.

Ele olhou para ela, contando mentalmente, e, em vez de esconder o rosto com vergonha ou sair da sala, fez exatamente o que ela estava pedindo. Foram cinco minutos de pânico num dia

que, fora isso, transcorreria na mais santa normalidade – cinco minutos de quase silêncio absoluto que falaram mais coisas para ele do que qualquer conversa que já tivera com ela. Em vez de escolher não fazer nada, Lisa fizera alguma coisa. E, de repente, a ideia de destino não parecia mais tão absurda quanto antes.



CATORZE

LISA PRAYTOR

Assim que Solomon falou em convidar Clark para sua casa, Lisa soube que tinha conquistado a confiança dele completamente. Não chegava a ser uma surpresa, claro, a julgar pela maneira como ela praticamente se tornara um membro da família. O que podia ter sido uma amizade forçada com um garoto perturbado havia, na verdade, se transformado num dos relacionamentos mais saudáveis da vida de Lisa, com uma das pessoas mais centradas que ela conhecera. E que, caso vocês tenham esquecido, iria fazer com que todos os seus sonhos virassem realidade.

Finalmente chegara a hora de Solomon conhecer Clark e perceber que, não importa o quanto você se esconda, o mundo te encontra e te dá motivos para sair das sombras. Lisa já havia salvado Solomon da completa solidão, portanto, agora era hora de dar-lhe mais um amigo do mundo lá fora. Ela sabia que, assim que Clark entrasse na casa com aquele seu sorriso largo e sincero e seus olhos verdes como o mar, Solomon, gay ou não, ficaria apaixonado. Clark era um desses caras de quem você desejava cair nas boas graças. Aquilo era algo que qualquer um percebia só de olhar para ele – uma familiaridade e bondade que faziam desconhecidos o abordarem o tempo inteiro para pedir informações ou checar se ele era alguém que conheciam. Era um tipo específico de charme natural que Lisa não conseguia entender direito, mas do qual com certeza fora vítima. E apostava que algo parecido aconteceria com Solomon.

Quando saiu da casa do amigo mais tarde, naquela noite, Lisa foi direto para a casa de Clark. Assim que ele abriu a porta, olhou fundo em seus olhos e disse: – Chegou a hora.

– Hora de quê? – perguntou Clark simplesmente, enquanto a deixava entrar e ia sentar-se no sofá.

– Solomon. Você. Eu.

– Ah. Pensei que isso nunca iria acontecer. – Ele não tirava os olhos da televisão.

– Olha, sei que ando indo muito para lá.

– Muito? – perguntou Clark, virando-se para ela. – Se eu não te visse na escola acho que nem me lembraria mais da sua cara.

– Como se você pudesse esquecer isso – brincou ela.

– Nem vem – disse ele. – Eu tenho direito a me sentir frustrado, Lisa.

– Eu sei. Mas isso vai consertar tudo.

– Ah, você acha? – disse ele, com sarcasmo. – Mal posso esperar para segurar vela entre você e o garoto que você está enganando.

– Ei, menos – disse ela, lançando-lhe um olhar que o fez estremecer.

– Agora, sério. Preciso fingir que você não está usando o cara? Preciso mentir também?

– Não estou mentindo – disse ela. – Eu *sou mesmo* amiga dele. Essa parte é real. Não

precisava ser, mas é. E ele não precisa saber. Eu e você somos os únicos que sabem da redação.

– Merda. Então me diga de novo por que eu concordaria em fazer isso.

– Porque ele precisa de você – disse Lisa. – E eu também preciso de você. Sei que parece errado, sei mesmo, não sou ingênua, mas acho que essa é a única maneira. Além disso, é tarde demais pra desfazer o que fiz... e que é nada mais, nada menos do que impressionante, em termos de tratamentos psicológicos experimentais.

– Deus do céu, Lisa. Fale como um ser humano.

– Clark, você vai conhecer o Solomon e vai entender por que eu não posso desistir. Vai enxergar o que eu vejo. Precisamos ajudá-lo a sair dali. O mundo precisa dele.

– Beleza – concordou Clark. – Mas se ele for esquisito, eu não volto lá. Não estou nem aí se isso vai arruinar ou não o seu *tratamento psicológico experimental*.

Como Lisa tinha medo de que Clark mudasse de ideia novamente, planejou levá-lo à casa de Solomon já no dia seguinte. Aquilo daria supercerto, pois naquela noite Jason e Valerie tinham programado uma de suas saídas românticas. Para Lisa, quanto menos gente em casa, melhor, caso Solomon ou Clark se sentissem especialmente ansiosos.

Parados diante da porta de entrada da casa de Solomon no dia seguinte, Lisa olhou para Clark e, com o simples gesto de levantar a sobrancelha, perguntou se ele estava pronto.

– Tenho a sensação de que deveria ter trazido um presente ou algo assim – disse ele.

– Você não veio aqui convidar o rapaz para a festa de formatura. Relaxa.

Quando a porta se abriu, Solomon ficou parado em silêncio do outro lado. Usava calças jeans, algo que Lisa nunca o tinha visto usando, uma camisa social e, para grande surpresa dela, sapatos.

– Sapatos novos? – perguntou ela.

– Pois é – disse ele, olhando para os sapatos. – Minha mãe teve de adivinhar o meu número. Estão meio grandes.

– Por que você precisa de sapatos? – perguntou Clark. – Quer dizer, foi mal... é que... acho que eu nunca usaria sapatos se eu...

– Sol, este é Clark Robbins, o mestre da bola fora.

– Oi – disse Solomon.

– Ouvi muito a seu respeito, Solomon.

Clark estendeu a mão e Lisa observou os dois se cumprimentarem, o namorado do lado de fora, Solomon do lado de dentro, e a divisão entre o mundo dos dois nunca lhe pareceu tão evidente. Então, como se fosse um dia como outro qualquer, Solomon afastou-se para o lado e fechou a porta depois de os dois entrarem.

– Querem algo para beber? – perguntou. – Ou para comer, sei lá? Minha mãe mandou perguntar isso para vocês assim que chegassem.

– Não, obrigada – disse Lisa. – E não ofereça comida para Clark, ele come como um urso em pré-hibernação.

– É verdade – disse ele. – É nojento.

– Nada de comida então – disse Solomon. – Querem, sei lá, se sentar então?

Lisa adiantou-se até a sala e se sentou no sofá. Cruzou as pernas e olhou para eles com uma expressão que dizia: “Vocês dois deviam se sentar também, seus idiotas.” Então, Solomon

sentou-se na poltrona ao lado da lareira, enquanto Clark sentou-se ao lado da namorada e esticou o braço no encosto do sofá.

– Que esquisito, né? – comentou Solomon, olhando para o chão.

– Sabe o que é esquisito? – disse Clark. – Stonehenge.

– E a Ilha de Páscoa – acrescentou Lisa.

Solomon olhou para eles exatamente como deveria – como se estivessem falando coisas completamente sem sentido –, depois soltou uma risada.

– Bom, Clark – disse –, como pode ver, não saio muito de casa, então por favor me explique por que polo aquático é divertido.

– Polo aquático? E eu achando que estava num time de natação muito ruim!

Lisa revirou os olhos para Solomon, que, claro, estava rindo com Clark. Os dois tinham sido feitos um para o outro no paraíso das piadas ruins.

– Eu estava tentando fazer ele rir desse jeito faz um tempão – disse Lisa, cruzando os braços.

– Posso pedir uma coisa para vocês? – perguntou Solomon, com expressão subitamente séria.

– Manda.

– Como vocês conseguem? Esses trechos estão me matando.

Levantou uma das pernas e apontou para o sapato. Parecia um número maior e era meio fora de moda. Isso a fez gostar de Solomon ainda mais.

– Você vai ter de se acostumar com eles de novo – disse Lisa. – Seus pés se tornaram delicados demais.

– Pés virgens – acrescentou Clark, sem hesitação.

– Ótimo nome para uma banda – disse Solomon.

– *Clark Robbins e os Pés Virgens* – disse Lisa.

– Gostei. – Clark assentiu. – Ou talvez simplesmente *Pé Virgem*.

– Eca – disse Lisa. – Agora ficou estranho.

– Ficou? – perguntou ele para Solomon.

– Mais ou menos.

– Tá bem, tá bem... – disse Clark. – Posso perguntar uma coisa, cara?

– Manda – disse Solomon, parecendo meio preocupado.

– Você *nunca* sai de casa? Tipo, não põe nem o pé para fora? Escondido, de repente?

– Clark! – repreendeu Lisa.

– Não me leve a mal – continuou Clark. – Podia ser pior. Quer dizer... se é para ficar em casa o tempo inteiro, que bom que sua casa é legal. Mas você nunca sente vontade de sair?

– Bom, sim – respondeu Solomon, olhando para Lisa. – Ele tá sabendo da piscina? – Apontou para a porta de vidro à esquerda e para o enorme buraco no jardim.

– E você acha que vim pra cá só pra jogar xadrez? – disse Clark. – Me prometeram festas à beira da piscina, gatas de biquíni e maratonas de *Star Trek*.

– Prometeram talvez uma coisa e meia dessa lista – corrigiu Lisa.

– Tá valendo. Vai ser demais, cara. É nossa única defesa contra o aquecimento global.

– Nadar? – perguntou Solomon.

– Entra na piscina e me diz se o mundo tá pegando fogo. Acho que não.

– Isso não faz o menor sentido – disse Solomon.

– Ah, sim – interveio Lisa. – Clark não acredita em aquecimento global. É a única coisa com a qual concorda com a mãe.

– Bom, ela também me acha inteligente. E isso está fora de discussão.

– Nem sempre ele tenta ser engraçado assim – disse Lisa. – Esta é a versão Clark Nervoso. Um trocadilho atrás do outro.

– Culpado – disse Clark.

– Por que você estaria nervoso? – quis saber Solomon.

– Ah, por conhecer gente nova... sabe como é.

– Conte por que outro motivo você está nervoso – pediu Lisa.

– Ah, é – disse ele. – Espero que não seja mal-educado de minha parte; sei que a gente acabou de chegar e tal, mas ouvi falar de um *holodeck* e preciso transformar este sonho em realidade, quando você estiver preparado.

– Certo, hummm... claro, podemos ir até lá, se quiser – disse Solomon, levantando-se.

– Talvez seja melhor eu ficar por aqui e escapar dessa – brincou Lisa.

– Nunca – disse Clark.

Lisa teve dificuldade em acreditar na empolgação de Clark enquanto seguiam Solomon pela cozinha e chegavam em frente à porta da garagem. E achou que Solomon estava tão empolgado quanto o namorado. Quando mostrara o *holodeck* para ela, tinha sido quase com constrangimento.

Eles entraram e Clark segurou com mais força a mão de Lisa, antes de soltá-la. Ficou no meio da garagem e lentamente foi olhando em torno – para o chão, as paredes e o teto –, com uma expressão maravilhada. O rosto de Solomon tinha a mesma expressão, mas não era por causa da garagem: ele estava fitando Clark, até que Lisa percebeu e ele desviou o olhar. Então fechou a porta, e a garagem ficou escura como breu, exceto pela fita nas paredes.

– Incrível – murmurou Clark num sussurro, como se fosse dizer aquilo para si ainda que mais ninguém estivesse por perto.

– É meio ridículo, eu acho – disse Solomon.

– De jeito nenhum – contestou Clark. – Nem um pouquinho.

Lisa estava perto o bastante do namorado para vê-lo fechar os olhos e em seguida tornar a abri-los.

– Certo, depressa – disse ele. – Se você pudesse ser qualquer personagem da *Nova Geração*, quem você seria?

– Fácil – disse Solomon. – Data. Com toda certeza.

– Faz sentido – comentou Clark.

– E você?

– Sempre curti o Wesley Crusher.

– O quê? – Solomon estava horrorizado. – Ninguém gosta do Wesley Crusher.

– Por que não? – quis saber Lisa.

– Porque ele é uma Mary Sue – respondeu Solomon. – Perfeitinho demais.

– Mas ele está sempre tentando salvar o dia – argumentou Clark. – Tipo, toda hora.

– Exatamente. Ele não passa de um *deus ex machina* falante. Todo mundo na nave o trata como um menino retardado, aí ele salva a galera no último instante e todas as vezes, sem

exceção, os caras voltam a tratá-lo como um garoto retardado de novo. Será que eu preciso lembrar que a nave *Enterprise* está cheia de cientistas e engenheiros geniais? Por que este garoto que nem consegue entrar na Academia da Frota Estelar é mais inteligente do que todos eles?

– Boa pergunta – disse Clark. – Mas ele continua sendo a minha escolha. Então, hummm... cadê o interruptor desta garagem?

– Pois é, né? – disse Solomon. – É só tinta e fita fosforescente.

– Você assiste a *Community*? – perguntou Clark.

– Já vi um ou dois episódios.

– Um dos personagens tem um quarto como este. Ele o chama de Sonhatório. Só que o dele é mais ou menos real. Um dia eu te mostro.

– Seria demais – disse Solomon. – Por que este aqui não pode ser real? Cadê o futuro que nos prometeram, cara?

– Total! – concordou Clark. – Devíamos ter coisas mais maneiras do que drones que entregam papel higiênico.

– Nossa, seu papel higiênico é entregue por drones? – perguntou Solomon.

– Tá, isso *até que* seria maneiro mesmo... mas, mesmo assim! Cadê a minha realidade virtual? Cadê o meu carro flutuante? E *onde* diabos está o teletransporte?

– Por que não nos teletransportamos de volta para a sala, meninos? – sugeriu Lisa. – Desculpe informar, mas esta garagem meio que me dá dor de cabeça.

– Beleza – disse Clark, desapontado. – Mas posso perguntar mais uma coisa?

– Claro – disse Solomon.

– Você costuma ficar aqui com a porta da garagem aberta?

– Não, não costumo.

– Interessante – disse Clark.

De volta à sala de estar, eles se sentaram exatamente do mesmo modo que antes e o silêncio esquisito se instalou. Era inevitável, imaginou Lisa, mas ela estava decidida a não deixar nenhum instante daquele dia azedar, portanto, imediatamente pôs-se de pé num pulo, foi até o armário onde eles guardavam os jogos de tabuleiro e o escancarou, virando-se para olhar para os dois garotos.

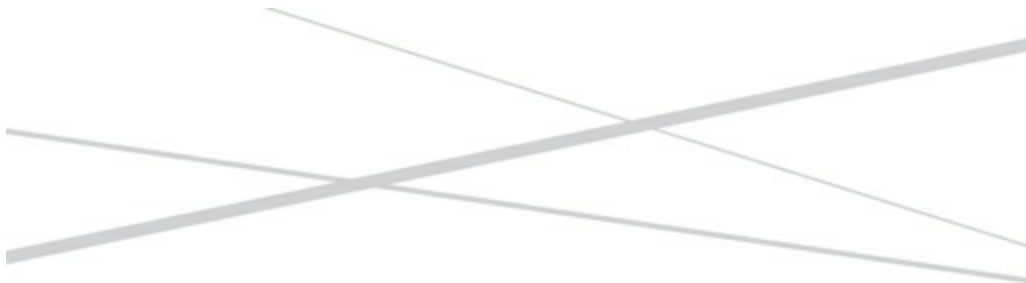
– Vamos ensinar o Clark a jogar Munchkin pra acabarmos com ele.

– Tô dentro! – disse Clark.

– Ela é ótima nesse jogo – disse Solomon, levantando-se. – É perturbador, na verdade.

– Não tenho a menor piedade – disse Lisa.

Quando estavam todos acomodados ao redor da mesa de jantar, Lisa teve certeza de que tinha tomado a decisão certa. Solomon parecia mais relaxado, enquanto embaralhava as cartas e começava a explicar as regras. Ela notou a diferença, entretanto, entre a maneira como ele lhe ensinou o jogo e a forma como o explicava para Clark. Na primeira vez, Solomon havia informado as regras básicas de modo casual e, por fim, decidira simplesmente começar a jogar e ir explicando o restante à medida que a partida andasse. Com Clark, porém, ele explicava com toda a calma cada regrinha e circunstância possível. Apesar de se demorar mais do que o necessário, Lisa sabia o motivo. Finalmente Solomon tinha algo a dizer a Clark, e não queria que aquilo acabasse tão cedo.



QUINZE

SOLOMON REED

Solomon não conseguia acreditar que aquele cara era real. Ele sabia cinco frases em klingon e *também* em dothraki. E exibia essas habilidades com uma confiança que em geral teria irritado Solomon, mas que, em Clark, era enternecedora e inocente. Solomon tinha a sensação de que o conhecia desde sempre. E, logo depois de Lisa vencer os dois na primeira partida, ele se deu conta de que praticamente a haviam ignorado o tempo todo.

– Desculpe – disse, olhando para ela. – Aposto que você deve estar morrendo de tédio com a gente.

– Passei do estágio da morte – disse ela, sorrindo. – O inferno foi demais. Tinha menos *referências* de *Star Trek*.

Terminaram jogando mais duas rodadas, fazendo um intervalo entre uma e outra para comer pizza. Lisa venceu a primeira e Clark, a segunda. Era estranho aquilo, ter amigos ali em sua casa jogando como se fosse a coisa mais normal do mundo. Para eles era, pensou Solomon. O que era perfeito, porque nada estava sendo forçado. Estavam ali só para se divertir.

Na maior parte do tempo, porém, ele só ficava observando Clark. A cada instante, silenciosamente inspecionava sua mão, olhando da mesa para as cartas dele antes de fazer alguma jogada. Quando Clark pegava uma carta boa, levantava a sobrancelha direita de modo quase imperceptível e, quando era uma carta ruim, franzia de leve o cenho. Mesmo notando essas coisas, Solomon estava distraído demais para derrotá-lo.

– Sorte de principiante – disse ele, depois da segunda rodada. – Sua hora chegará. Pode ficar tranquilo.

– Ah, é? – perguntou Clark. – Vamos tornar as coisas mais interessantes?

– Com certeza – respondeu ele. – Aposto a mão da sua dama.

– Peraí... como é? – disse Lisa, ajudando a guardar as cartas.

– Ah, pode ficar com ela – brincou Clark. – O que mais você tem?

– Muito engraçado – disse Lisa. – Está ficando meio tarde.

– É mesmo – concordou Clark. – Cadê seus pais?

– Saíram pra jantar e assistir a um filme – respondeu ele.

– Ah, aposto que *isso* é uma coisa de que você sente falta – disse Clark. – Ir ao cinema, quero dizer.

– Sinto, sim. Mas tenho wi-fi e uma televisão, então não é tão ruim assim.

– Mas e a *pipoca*! – acrescentou Clark.

– Às vezes eles me trazem um pouco.

– Cara, a gente pode te trazer umas coisas do mundo lá fora também, sabe.

– Ele não tá na prisão, Clark!

– Desculpa... não foi isso o que quis dizer.

– Beleza, não tem problema – disse Solomon. – Não sinto falta de muita coisa. É mais fácil do que vocês imaginam.

– Uma vez eu vi um filme chamado *Copycat – A vida imita a morte* – disse Clark, do nada.

– Eu conheço esse filme! – interrompeu Lisa. – É com aquela mulher que fez *Alien, o oitavo passageiro*.

– É. Sigourney Weaver. Enfim, ela fazia o papel de uma psicóloga criminal que não conseguia sair do seu apartamento. Só que então acaba se envolvendo numa trama para ajudar um detetive a encontrar um assassino em série.

– Ah, não. Vocês também estão precisando de ajuda para encontrar um assassino em série?

– perguntou Solomon. – Isso explica tudo.

– Ou talvez *outra pessoa* é que esteja precisando da *sua* ajuda para encontrar *a gente* – disse Clark.

– Faz sentido – disse Solomon. – Quer dizer que agora vocês vão me matar?

– Vamos assassiná-lo *em série* – corrigiu Clark.

– Agora você está sendo ridículo, cara.

– Por que é que todo seriado de televisão agora tem um assassino em série, hein? – perguntou Lisa. – Existem cinco assassinos em série no mundo e mil na TV. Toda semana aparece um novo sociopata que faz esculturas com partes do corpo humano.

– Você é tão jeitosa com as palavras, Lisa – disse Clark.

– Mas ela tem razão – acrescentou Solomon. – Se existisse essa quantidade de assassinos em série na vida real, todo mundo estaria se cagando de medo.

– Mas você já se cagou de medo alguma vez? – perguntou Clark. – Tipo assim, já sentiu tanto medo que não conseguia parar de cagar? Como se tivesse a sensação de que já deu, fim de linha.

– Como você é nojento! – disse Lisa.

– Você já? – perguntou Solomon para Clark.

– Já, sim. Teve uma vez... acho que foi mais ou menos um ano atrás... meu amigo TJ e eu entramos num quarto de bonecas na casa da avó dele, e juro pra você que vimos uma delas se mexer.

– Uma boneca? – perguntou Solomon.

– É. O quarto era lotado de cima a baixo por bonecas antigas e bizarras de porcelana. daquelas que têm olhos malignos, sabe, que te seguem aonde quer que você vá. A avó do cara tinha uma coleção. Devia ser uma maluca, porque, quando pisei naquele quarto, senti o diabo tentando entrar no meu corpo.

– Eu não acredito em diabo – disse Solomon.

– Nem eu – atalhou Lisa.

– Vocês dois não viram o que eu vi – disse Clark, com uma expressão genuína de pavor nos olhos.

– Ele ficou assustado por um bom tempo – disse Lisa. – Foi hilário.

– Ainda não consigo passar no corredor de brinquedos da Target.

– Gente, estou quase caindo de sono – disse Lisa, esticando os braços por cima da cabeça. – Valeu por deixar a gente vir para cá, Sol.

– Sem problema, venham quando quiserem.

Ele sorriu e esticou o punho para tocar o dela. Era assim que sempre se despediam, mas de repente Solomon ficou nervoso de fazer aquilo na frente do namorado dela. Quando os nós dos dedos dos dois se tocaram, Clark pousou uma das mãos sobre as deles e gritou: *Um, dois, três, u-hul!*

– Esquisitão – disse Lisa. – Se despeça, Clark.

– Bom, a noite foi curta demais, meu amigo – disse Clark, estendendo a mão para Solomon.

– O que vocês vão fazer amanhã? – perguntou ele, quando sua mão segurou a de Clark.

– Ah, hummm.... – Clark estava surpreso.

– Foi mal – disse Solomon. – Quer dizer, valeu por terem vindo.

– Eu estou livre amanhã – disse Lisa, olhando para o namorado com olhos arregalados.

– Ah, é. Eu também. É sábado, por isso vou passar metade do dia dormindo, mas fora isso não tenho mais nada marcado.

– Perfeito – disse Lisa. – Eu ligo quando a gente estiver saindo.

Depois que eles se foram, Solomon foi até seu quarto e caiu sobre a cama, deixando os pés pendurados em uma das beiradas. Estava escuro como breu, a não ser pelo brilho vermelho suave do seu relógio-despertador. De repente, a casa estava silenciosa demais, como sempre estivera. E, apesar de ele sentir certo alívio por finalmente estar sozinho, repassou a noite inteira na cabeça. Conseguira sobreviver, sem problemas, mas, em vez de comemorar, Solomon sentiu seu coração acelerar, sua respiração ofegar e suas mãos tremerem. Virou-se e apanhou o travesseiro. Pressionou o rosto no travesseiro e tentou respirar fundo algumas vezes. E ali, na escuridão, venceu a crise de pânico enquanto ouvia seus pais chegando em casa. Quando a porta do quarto abriu-se lentamente alguns minutos depois, fingiu que estava dormindo, com o rosto ainda escondido.

Na tarde seguinte, Lisa e Clark chegaram por volta das três e, assim que Solomon abriu a porta, entregaram presentes para ele.

– Pensei que eu não estivesse na prisão – comentou ele, corando, mas tentando superar aquilo.

– Bem, na verdade é para nós três – disse Lisa, segurando um prato coberto com filme plástico. – É uma receita secreta. Os melhores brownies que você já comeu na sua vida.

– Verdade – disse Clark. – E eu trouxe uns DVDs que provavelmente devem estar arranhados.

– Legal. As duas coisas. Entrem.

– Cara, seus pais nunca estão em casa? – perguntou Clark, olhando ao redor.

– O tempo inteiro – respondeu ele. – Devem estar chegando a qualquer momento.

Não demorou para Solomon pedir uma revanche no Munchkin. O jogo já estava preparado, inclusive. Ele passara o dia tão nervoso esperando a chegada dos dois – caminhando de um lado para o outro e olhando as horas sem parar – que se pusera a planejar tudo o que iriam fazer naquela tarde. Primeiro viriam os jogos, claro, mas depois pensou que os três poderiam assistir a um filme ou algo assim. Claro que isso era algo que ele podia fazer sozinho, mas, desde que Lisa entrara na sua vida, ele passou a gostar de ver como ela reagia às coisas – o que a fazia rir, estremecer ou entristecer-se. Depois do filme, Solomon torcia para que os dois

ficassem até mais tarde e assistissem ao *Saturday Night Live* com ele. Embora seus pais tivessem desistido daquele programa havia anos, aquela era uma tradição semanal que Solomon se recusava a abandonar e que estava decidido a dividir com alguém.

Depois do jogo, os três foram para a cozinha comer as sobras da pizza da noite anterior. Solomon sentou-se na bancada e Clark o imitou. Lisa sentou-se num banquinho giratório e rodopiou lentamente enquanto todos conversavam e comiam. E, sabe-se lá por que motivo, Clark resolveu tocar no assunto de namoro – tema que Solomon não tinha muita certeza se estava preparado para enfrentar.

– Beleza... beleza... mas, tipo, você não sente vontade de sair com ninguém, namorar, essas coisas? – perguntou Clark.

Lisa de repente parou de girar e olhou bem fundo nos olhos de Solomon.

– Não sei – respondeu ele, pego meio de surpresa.

– Não sabe? – perguntou Clark. – Olha, tem muitos caras lá fora, Sol. *Um monte* de caras.

– É, mas eu estou aqui. E eles estão lá. É assim que as coisas são.

– Clark, deixa quieto – disse Lisa.

– Certo. Desculpa. É que... pô, você é um partidaço, cara. Boa-pinta, engraçado. E tem *todas as sete temporadas de Star Trek – A Nova Geração* em DVD.

Isso fez Solomon rir, e não demorou para o rubor sumir de seu rosto. Aquele cara não dava a mínima se ele era gay, hétero, agorafóbico ou o que seja. Ele era perfeito. E provavelmente a coisa mais próxima de um namorado que Solomon teria na vida. O que, apesar de dar a impressão de ser algo triste, na verdade mais parecia uma vitória para um garoto que havia saído do armário apenas um mês antes.

Alguns minutos mais tarde, os pais de Solomon chegaram em casa e pegaram os três brincando e comendo na cozinha.

– Encrenqueiros – disse o pai de Solomon.

– Mãe, pai, este é o Clark.

Clark pulou de cima da bancada e aproximou-se dos dois para cumprimentá-los com um aperto de mãos.

– Jason Reed. Muito prazer – disse o pai de Solomon. – Esta é Valerie.

– Oi. Muito prazer em conhecer os dois – disse Clark.

– Você tem lindos dentes – comentou Valerie. – Usa fio dental?

– Todos os dias – respondeu ele. – E nunca tive uma cárie na vida.

– Ótimo – disse ela. – Lisa, ele é um partidão.

– Soube que vocês estão construindo uma piscina – disse Clark. – É do tipo padrão, com dois metros e meio de profundidade?

– Por que, está pensando em construir uma também, Clark? – perguntou Jason, com um sorriso.

– Quem dera – respondeu ele. – Imploro por uma piscina pra minha mãe desde os cinco anos de idade.

– Venha usar a nossa sempre que quiser – convidou Valerie.

– Legal.

– É, mesmo se não gostar do Solomon – brincou Jason.

– Uau. Valeu, pai. Querem assistir a um filme ou algo assim?

– Claro – disse Lisa.

– Ah, esqueci de dizer – disse Clark. – Trouxe *Community*, para você ver o Sonhatório.

– Maneiro – disse Solomon.

– Certo, vão se divertir, o que quer que isso signifique para vocês – disse Valerie. – Tenho um livro de Pat Conroy que não vai se ler sozinho.

– E eu tenho um gramado para cortar – disse Jason, seguindo na direção oposta da esposa.

– Cara, eles são demais.

– É, até que dão pro gasto – disse Solomon.

– Não, sério. Minha mãe é uma doida, parceiro. Você se deu bem.

– Ele tem razão – disse Lisa. – Você pode ser péssimo no baralho, mas definitivamente ganhou no jogo dos pais.

– Pena que eu deixei os dois tão loucos – comentou Solomon. – Antes, eles se divertiam. Viajavam, coisas assim. A noite passada foi a mais longa que eles passaram fora de casa, sem ser a trabalho, em muito tempo.

– Eles têm medo de deixar você sozinho? – quis saber Clark. – Você parece bastante autossuficiente para mim.

– Não é isso – disse Solomon. – Eles se sentem culpados ou algo do tipo. Não sei. É como se estivessem se contendo até eu melhorar.

– Não te obrigam a se consultar com um psicólogo?

– Antes sim – respondeu Solomon. – Ela vinha uma vez por semana.

– E quando isso parou? – quis saber Lisa.

– Um pouco depois do primeiro ano. Ela me dava remédios que me deixavam enjoado. Implorei, implorei e implorei, até que finalmente disseram para ela parar de vir.

– Eu fiz terapia quando era menor – disse Clark. – Tinha medo de dormir sozinho no meu quarto.

– Mas isso é normal – comentou Lisa.

– Não quando você tem doze anos – disse ele.

– Eu uma vez perguntei pro meu pai se eu podia experimentar maconha – soltou Solomon, num rompante.

– Sério? Cara, a gente estuda no ensino médio da Califórnia. Se quiser, arrumamos um pouco pra você.

– Anotado – disse Solomon. – Se a galera vive alta e chapada, por que chamam de ensino médio e não *ensino alto*?

– Dã – disse Lisa. – Tenta outra.

– Certo... certo... ah! Upland? O lugar certo pra brincar de upa upa, cavalinho!

Clark riu, mas Lisa simplesmente balançou a cabeça e se esforçou para não sorrir. Solomon adorava o jeito como ela estava sempre fingindo que o seu senso de humor estava acima do deles, quando para ele estava na cara que Lisa adorava cada segundo das besteiradas que os dois diziam.

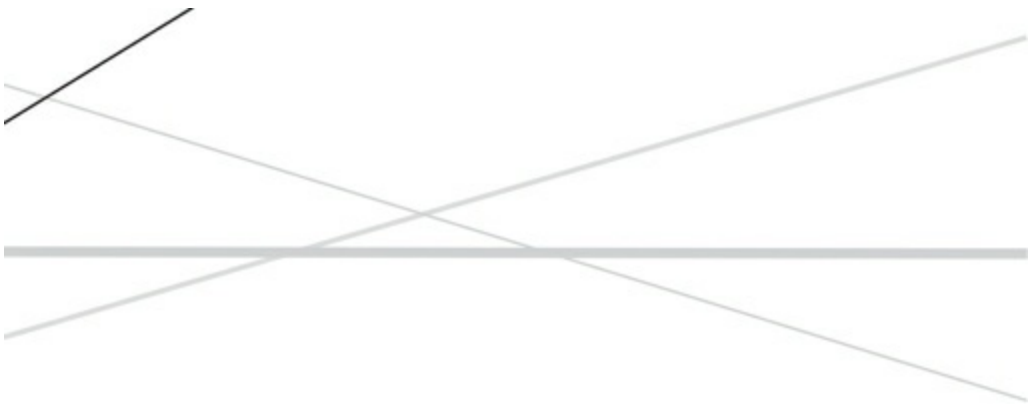
Por volta das duas da madrugada, depois de mais alguns jogos, um episódio especialmente bobo de *Saturday Night Live* e um exagero de piadas ruins, Lisa finalmente se levantou e disse que estava na hora de ir embora. Clark pareceu tão chateado quanto Solomon, mas os três estavam com aquele olhar sonolento da madrugada. Solomon acompanhou-os até a porta e eles

se despediram. Sentiu vontade de perguntar quando os veria novamente, mas no último minuto ficou com vergonha e não disse nada. Não dava para convidá-los todos os dias e esperar que nunca recusassem.

Lisa enlaçou seu pescoço antes de sair, e ele foi até Clark e lhe ofereceu a mão, mas ganhou um grande abraço. Ficou sem saber o que fazer, nem se deveria retribuir o gesto, portanto simplesmente permaneceu parado ali, com os braços ao longo do corpo, sem esboçar reação. Então Clark afastou-se e deu um enorme sorriso.

– Você é legal, cara – disse ele.

Parado à porta, Solomon observou os dois caminharem até entrarem no carro de Lisa. Esperou até ligarem o motor e acenderem os faróis, depois acenarem para ele, a mão parada no ar até eles sumirem de vista. Aquilo nunca tinha acontecido antes, na verdade, portanto ele tentou pensar em alguma outra coisa para não surtar. Só que a sensação não queria ir embora. Ele a sentia. Era pequena e complicada, mas estava ali, mesmo assim. Solomon sentiu vontade de ir com eles. Sentiu vontade de sair de casa e ir com eles até o mundo lá fora.



DEZESSEIS

LISA PRAYTOR

Aquele tinha sido um fim de semana muito importante até então e, apesar de estar perigosamente sonolenta, Lisa levou Clark para casa com uma onda de energia e empolgação pulsando em suas veias. Sabia que agora ele estava dentro, principalmente depois de ver como o namorado tinha se dado bem com Solomon. Estava tomada pela sensação de que fizera algo maravilhoso ao apresentar os dois. Agora ambos tinham com quem conversar sobre *holodecks* e naves espaciais, enquanto ela tinha sua passagem para sair de Upland. Todos saíam ganhando.

– Valeu – disse ela para Clark quando chegaram na casa do pai dele.

– Pelo quê?

– Pelo fim de semana. Por não ficar tão bravo comigo a ponto de não querer conhecê-lo.

– Ainda estou meio bravo com você – disse ele, sorrindo. – Mas eu me diverti. É tão... tranquilo ficar com ele. É como se a gente se conhecesse desde sempre. Acho que eu precisava de um Solomon Reed na minha vida.

– É mesmo?

– Ele é muito melhor que minhas outras opções.

– Que eu já conheci, é verdade – concordou ela. – TJ perguntou sobre você ontem na escola. Fez alguma piadinha idiota sobre você ser um fantasma.

– Ótimo – disse ele. – Não tenho mais nada o que conversar com esses caras.

– E por que isso?

– Porque eles são uns otários. Sério, quando não estão tirando sarro de alguém estão falando sobre qual namorada gostariam de traçar.

– Que nojo.

– É mesmo. E, sabe, eu dou risada às vezes, mas depois fico me sentindo um merda o dia inteiro. Não sou como eles. E nem quero ser.

– Também não quero que você seja – disse ela.

– Bom, enquanto você fazia companhia pro maluco mais legal da história, eu estava basicamente em casa coçando o saco. Sei que isso é muito importante para você, mas você não pode simplesmente sumir. E se eu não entrar nessa faculdade perto da tua, já pensou? Vai querer passar o nosso último ano juntos ao lado de outra pessoa?

– Olha, desculpe, mas agora você pode vir comigo. Entende? Assim a coisa toda funciona.

– Quer dizer que preciso escolher entre te dividir e ficar sozinho? – perguntou Clark, completamente surpreso.

– Não. Não foi isso o que eu quis dizer. Mas me perdoa, tá legal? Vou melhorar. Prometo.

– Tá bem. Você sabe que a Janis também está fula da vida com você, não sabe?

– As várias mensagens de texto que ela não respondeu indicam isso.
– Você devia ir vê-la – sugeriu Clark. – Sei que ela é ridícula, mas vocês duas foram amigas a vida inteira.
– Eu nem contei a ela sobre o Sol. Tipo, nem uma palavra.
– Bem, só existe uma maneira de consertar isso. Tenho certeza de que ela vai entender.
– Ela vai querer algo em troca – disse Lisa. – Justiça é uma questão muito importante para a Janis.

– Para mim também – disse Clark, inclinando-se e beijando a testa dela. – Te vejo amanhã, Dra. Praytor.

No dia seguinte, Lisa acordou com uma briga entre a mãe e Ron na cozinha. Aquela era uma das feias: bateção de armários, gritos, uma ameaça aqui e outra ali. Ficou em seu quarto até a briga acabar, mesmo assim demorou até descer as escadas, torcendo para passar despercebida.

– Lisa?

– Droga – disse ela para si mesma, fazendo a curva para entrar na cozinha. – Sim?

Sua mãe estava sentada à mesa de robe de seda e pantufas, mexendo uma xícara de café. Aquilo não seria nada agradável, Lisa sabia, mas era o que ela precisava fazer. Não podia simplesmente largar a mãe sozinha daquele jeito, não depois da briga que acabara de ouvir.

– Está tudo bem? – perguntou, sentando-se em frente à mãe.

– Já estive melhor.

– Não sei muito bem o que dizer, mãe.

– Pois é, meu amor. Nem eu.

– Ele foi embora? – perguntou Lisa, apanhando a xícara de café da mãe e dando um gole.

– ã-hã.

A mãe começou a chorar, com o queixo próximo ao peito, mas sem mexer um músculo. Era apenas um choramingo silencioso, que tirava Lisa do sério. Por que a mãe fazia aquilo consigo mesma? Por que continuava se casando com o mesmo cara, sem parar? Lisa não entendia como aquilo ainda a surpreendia tanto. Ron era uma cópia do homem que veio antes dele, e ela tinha certeza de que ambos não passavam de versões menos encantadoras do seu pai. Às vezes Lisa se perguntava se a mãe não estaria, na verdade, chorando por ele, mesmo depois de todos aqueles anos – se cada cara novo não passava de um substituto barato do primeiro homem que a abandonou.

Ela esticou o braço e pousou a mão sobre a da sua mãe. Apertou-a, o polegar segurando com força os dedos dela, depois soltou-a.

– Vou lhe contar sobre o Solomon – disse, levantando-se para servir-se de café.

– Quem?

Lisa explicou a situação para a mãe, tentando distraí-la da única maneira que sabia fazer: com algo muito parecido com uma fofoca. A mãe tinha ficado intrigada com a decisão dela de trocar de dentista, portanto aquilo servia para explicar um pouco as coisas. Lisa, é claro, não disse nada sobre a parte da redação para entrar na faculdade. Não podia arriscar que a mãe decidisse convencê-la a abandonar o plano, não depois de tudo estar indo tão bem. E agora, com Clark a bordo, tinha a sensação de que tirar Solomon de casa era algo inevitável.

– Espera aí – interrompeu sua mãe. – Você e o Clark estão saindo com esse garoto?

– Sim. Ele precisa da gente, acredite em mim.

– Que tipo de pais deixam o filho agir dessa maneira? Nunca sair de casa, nem para ir à escola? Para mim esse menino está precisando é de uma surra.

– Nossa, mãe.

– Ninguém quer ir para a escola, Lisa. Se deixar, a maioria dos jovens adoraria ficar o dia inteiro em casa. É por isso que *não* deixamos.

– Já disse, ele tem uma doença mental legítima, mãe. Seja mais sensível, por favor.

– É a mesma coisa que falam dos alcoólatras. Que eles têm uma “doença”. Tá bom! E os outros têm que sentir pena de toda essa gente bêbada? Dá um tempo.

– Você devia escrever para a *Psicologia Hoje* ou algo do gênero. Tudo o que está dizendo é muito inspirador.

– Desculpe. Bem, bom pra você. E pro Clark. Só não quero que você arrume confusão.

– Confusão? Acho que isso nem é possível, no caso de Solomon.

– Eu achava que não seria possível com três maridos diferentes, e olha onde vim parar.

– Com uma filha linda e inteligente e um emprego estável?

– Engraçadinha – disse ela. – Você sabe o que quero dizer.

– Mãe... – Lisa começou a dizer, desejando mais que tudo ser simplesmente sincera, dizer que ela precisava parar de procurar pela felicidade com aqueles trastes. Mas não conseguiu. – Eu te amo.

– Eu te amo, minha querida. Quer que eu prepare algo para você almoçar?

– Não, valeu. Preciso conversar com a Janis. Estou ignorando minha amiga há semanas e tenho certeza de que ela deve estar louca da vida comigo.

Janis Plutko trabalhava no Montclair Plaza Mall, num quiosque que vendia perfumes e relógios da Fossil. Antes de Solomon, Lisa costumava dar um pulo ali várias vezes por semana e as duas iam comer cookies da Great American Cookie Company na praça de alimentação e assistir a vídeos do YouTube no celular. Nas raras ocasiões em que Janis estava com algum cliente, Lisa o inundava de amostras grátis e em geral conseguia fazê-lo comprar pelo menos alguma coisinha da prateleira de ofertas. Os melhores dias de vendas de Janis eram quando Lisa ia visitá-la.

– Oi – disse Lisa, caminhando até o quiosque. Janis virou-se para ela e deu uma espécie de meio sorriso. – Olha, eu sei que você está uma fera comigo, mas me deixa levar você pra almoçar, para a gente conversar.

– E o que a gente tem pra conversar? – perguntou a amiga. – Algumas pessoas simplesmente se afastam.

– Ah, meu Deus. Sério?

– Lisa, faz um mês que eu quase não te vejo. Não me venha com essa de me tratar como uma pessoa irracional.

– Desculpe. Almoce comigo, só isso. Dá para você fazer uma pausa?

Janis apanhou as chaves que estavam sobre o balcão, ao lado do caixa.

– Só tenho quinze minutos.

Elas se sentaram na praça de alimentação razoavelmente lotada e dividiram uma porção de fritas e um milk-shake. Lisa não conseguiu arrancar muita coisa de Janis, mas se esforçou ao máximo. Volta e meia as duas brigavam por coisinhas bobas desde o último ano do

fundamental, mas desta vez a amiga parecia realmente chateada, e Lisa sabia que para ser perdoada precisaria falar tudo sobre Solomon.

– Você guardaria um segredo?

– Talvez – sussurrou Janis, inclinando-se sobre a mesa.

– Ando trabalhando num projeto. Para a faculdade.

– Que tipo de projeto? O seu primo? Você conversou com ele?

– Não. Você se lembra do menino da fonte?

– Claro.

– Pois é, eu o localizei. Há três anos ele não sai de casa. Faz um tempo que estou indo até lá, visitá-lo. Graças a ele vou conseguir aquela bolsa de estudos, Janis.

– Tá falando sério? – A amiga ainda estava sussurrando, mas a cada palavra o volume de sua voz aumentava. – Você *localizou* esse menino? Pirou?

– Não – disse Lisa, com a maior calma. – Eu vou salvar a vida dele.

Janis recostou-se na cadeira e balançou a cabeça por alguns segundos, sem tirar os olhos de Lisa.

– Enfim. Desculpe de verdade por ter sido tão relapsa nos últimos tempos, mas fiz enorme progresso com Solomon. Acho que talvez eu esteja prestes a fazer uma descoberta importante. Com a combinação certa de ludoterapia e exposição social de longo prazo, pode ser que até o outono eu consiga prepará-lo para enfrentar o mundo novamente.

– Lisa... você está fingindo ser amiga desse menino só pra poder escrever uma redação a respeito dele e conseguir a bolsa.

– Eu não o chamaria de menino, ele é só um ano mais novo do que a gente.

– Você entende por que isso é errado? Porque você é a pessoa mais inteligente que eu conheço, e, se não consegue perceber, então vou ser obrigada a reavaliar muitas coisas na minha vida.

– Eu entendo – disse Lisa. – Mas, como falei pro Clark: é apenas um meio para chegar até um fim. Um meio eficiente. Se der certo, se curá-lo, então que importância tem o *modo* como aconteceu? Solomon nunca vai ficar sabendo, e estará curado. A única coisa que poderia machucá-lo nessa história toda, por enquanto, é descobrir a verdade.

– E suponho que você fez de tudo para que a ideia fosse essa mesmo.

– Meu Deus, você fala como se eu fosse uma trapaceira. Quero ajudar o Solomon. Faz tempo. Você se lembra! Agora estou conseguindo fazer isso, e ainda por cima, como resultado, irei ajudar muito mais gente. Qual o problema disso, Janis?

– Me apresenta esse garoto.

– De jeito nenhum – disse Lisa.

– Por que não?

– Porque ele não está pronto. Ainda está se acostumando comigo. Além do mais, acabou de conhecer o Clark. Não posso sobrecarregá-lo.

– Ele anda vendo o Clark também? Caramba, Lisa, que espécie de terapia é essa?

– Como falei, é experimental. Ele só tem que descobrir que não precisa sentir medo do mundo aqui fora.

– Talvez ele tenha razão em sentir medo. Já pensou nessa possibilidade?

– Não – respondeu Lisa, olhando com expressão vazia para Janis.

- Quer dizer que devo simplesmente perdoar você por sumir do mapa, só porque está ajudando um garoto doido?
- Ele não é doido – repreendeu Lisa. – Só tem um relacionamento pouco saudável com o mundo.
- Há três anos o cara não sai de casa. Isso pra mim parece loucura.
- Ele tem um caso sério de agorafobia desencadeado por uma síndrome do pânico aguda. Quando sai de casa, o pânico aumenta. Qualquer pessoa faria o que estivesse ao seu alcance pra se sentir segura, exatamente como ele faz. Trata-se de instinto de sobrevivência. Mas isso não é jeito de se viver e, não importa o que ele diga, sei que seria feliz aqui fora. E nós merecemos conviver com ele.
- Certo. Beleza. Eu te perdoo, tá legal? Mas não concordo com essa história.
- Não precisa concordar. Só não conte a ninguém. Poderia estragar tudo.
- Beleza. Mas preciso de um favor seu.
- Merda – disse Lisa. – Nem quero ouvir.
- Acampamento Elizabeth. Os caras estão precisando de mais um conselheiro do penúltimo ano e eu sei que no verão passado você se divertiu, por mais que finja o contrário.
- Ai, meu Deus. Não dá. Janis, eu não marquei nada para fazer neste verão inteiro de propósito, para tentar ajudar Solomon, e eu...
- Lisa – disse Janis, cruzando os braços. – Você me deve essa. Vem comigo pro acampamento e eu esqueço que você me abandonou como um cachorro.
- Tá... calma.
- Como um *cachorro*, Lisa. Largada ao léu pra enfrentar sozinha o mundo selvagem da Upland High School. Vão ser só duas semanas, o acampamento começa no dia 15 de junho. Diga que vai.
- Certo, vou dar um jeito. Mas não vou ensinar canoagem.
- Eles precisam de você justamente para ensinar canoagem.
- Merda.

Mais tarde, depois que terminou a lição de casa, Lisa ligou para Clark para saber se podia ir para a casa dele. Considerou que, depois de passar um fim de semana inteiro ao lado de um estranho, ele merecia uma certa exclusividade. Além disso, não se lembrava mais da última vez em que os dois tinham ficado a sós, namorando.

- A gente devia visitar o Sol – disse ele.
- De novo?
- É, por que não? Tenho certeza de que ele não deve ter compromissos.
- Eu sou totalmente a favor – disse ela. – A não ser que você prefira fazer... hummm... outra coisa, se entende o que quero dizer.
- Tsc, tsc, acho que a gente devia visitar o Sol. Quem sabe mais tarde?

Meio desapontada, porém feliz de poder dar andamento à terapia com Solomon, Lisa telefonou para saber se ele estava a fim de receber visita e, a julgar pelo seu tom de voz, ele provavelmente devia ter aguardado aquele telefonema o dia inteiro. Ela não conseguia imaginar como seria a vida dele antes – como devia ser passar tanto tempo sem ter ninguém com quem conversar a não ser seus pais e sua avó. E, embora ela sentisse que fizera grandes

avanços no último mês, parecia que Clark despertara algo novo nele... um lado menos envergonhado e mais confiante. Talvez Solomon estivesse tentando impressioná-lo. Ou talvez simplesmente achasse que ele e Clark viviam no mesmo mundo, enquanto o resto das pessoas apenas iam e vinham, sem jamais entender de fato coisas como as minúcias das relações entre os klingons e os seres humanos, e que diabos vem a ser uma khaleesi.

Quando chegaram na casa de Solomon, a família inteira estava assistindo a uma partida dos Angels na televisão, na sala de estar. Todos então assistiram aos três últimos *innings* juntos. A mãe de Solomon de vez em quando gritava algo para a televisão, e, quando isso acontecia, Clark caía no riso.

– Ela leva os esportes muito a sério – disse Solomon.

– E Sol leva muito a sério o esporte de tirar sarro da sua mãe – acrescentou Valerie. – Quase tivemos outro filho, na esperança de que dessa vez viesse um fã de esportes.

– Então podem me adotar – disse Clark. – Minha mãe odeia esportes e meu pai não me ensinou nem a atirar uma bola de futebol americano.

– Isso é... bem, é triste, filho – disse o pai de Solomon, olhando para Clark e balançando a cabeça.

– Não caíam nessa – disse Lisa. – Ele tem, tipo, uns vinte irmãos mais velhos, mas todos já se mudaram daqui.

– São só três, mas é bem possível que na verdade sejam vinte mesmo – acrescentou Clark.

– Caramba – disse Solomon. – É muita gente.

– Eles estão todos na faculdade? – quis saber a mãe de Solomon.

– Dois deles estão – respondeu Clark. – O outro é tatuador em Hollywood.

– Sempre tive vontade de fazer uma tatuagem – disse Solomon.

– Ah, é? Do quê? – perguntou Lisa.

– Da nave *Enterprise*.

– É isso aí – disse Clark. – Aposto que meu irmão poderia vir até aqui.

– Nada disso – disse o pai de Solomon. – Só depois que você fizer dezoito anos.

– Ah, qual o problema? – perguntou Solomon.

Jason apenas olhou para o filho e, sem qualquer palavra de protesto, Solomon deixou o assunto de lado. Lisa ficou ao mesmo tempo horrorizada e maravilhada com a repressão de Sol. Bem, talvez algumas famílias não brigassem e pronto. Provavelmente ela jamais saberia, mas não podia imaginar aquelas pessoas gritando por alguma outra coisa que não um passe equivocado.

Aquela noite de domingo foi a primeira de muitas parecidas. Lisa e Clark sem demora tornaram-se frequentadores da casa dos Reeds, chegando depois da escola e ficando ali por horas, às vezes até a manhã seguinte, mesmo em dias de semana. A cada nova visita, Clark e Solomon descobriam um novo interesse em comum – fosse um filme B do qual Lisa nunca tinha ouvido falar ou um site de aficionados que ela não visitaria nem morta. Parecia sempre haver alguma coisa que aproximava os dois ainda mais, e, embora às vezes ela desejasse estar a sós com Clark, sabia que aquele sacrifício valeria a pena.

Além disso, todo aquele tempo segurando vela lhe permitiu observar Solomon bem de perto, provavelmente muito mais do que teria sido possível caso Clark não estivesse ali. Ela tornou-

se especialista em interpretar os humores de Solomon e estava sempre a postos para intervir e ajudar em algum surto de ansiedade. Os indícios que ele dava eram sutis, mas, àquela altura, ela os conhecia bem. Se algo ou alguém estava sendo ruidoso demais, o olho esquerdo dele tremia de leve. Isso também acontecia quando ele se sentia especialmente nervoso ou preocupado com algo que houvesse dito ou feito. Era como se estivesse reagindo a uma dor física, às vezes. Porém, em geral a coisa se resumia a isso: um ligeiro tremor do olho e pronto.

Ela só se preocupava quando ele se afastava. Afinal, ninguém precisa ir tantas vezes assim ao banheiro, e Lisa apostava que aquele era o jeito dele de recuperar o fôlego ou acalmar-se para não ser dominado por um ataque de ansiedade. Pois às vezes era até fácil esquecer que Solomon era assim. Clark parecia desconsiderar aquilo completamente, o que era bom, pensava Lisa. Ele tratava Solomon exatamente do modo como ela esperara – como um garoto normal. Talvez aquilo fizesse parte do que estava ajudando o garoto a melhorar. Se alguém como Clark podia ignorar os problemas de Solomon, talvez outras pessoas pudessem também.

Então um dia, claro, Solomon teve um surto na frente de Clark. Foi tão surpreendente quanto rápido. Os três estavam sentados na frente do computador quando de repente ele abaixou a cabeça e começou a bater os dedos no teclado bem depressa. Clark olhou para Lisa e encolheu os ombros. Recuou o corpo e observou-a, como se ela soubesse o que eles deviam fazer. E sabia mesmo. Era apenas a segunda vez que ela presenciava um ataque, mas agiu rápido e sem hesitar. Respirou fundo, inclinou o corpo para que seu rosto ficasse bem ao lado do de Solomon e começou a falar com ele com o tom de voz mais calmo do mundo: – Sol, consegue respirar fundo algumas vezes comigo?

– Consigo – disse ele. Parecia que estava chorando, mas ela não tinha certeza.

– Certo. Vou contar até dez. Inspire devagar até cinco e depois expire devagar.

Ela contava e ele respirava. Depois ela repetiu tudo aquilo. E Clark, sem saber direito o que dizer ou fazer, apanhou o celular e ficou olhando para a tela, fingindo que estava lendo algo.

– Vocês dois podiam me dar uma licencinha? – pediu Solomon, empertigando-se novamente na cadeira, mas ainda mantendo os olhos fechados.

Ela se levantou e tomou a mão de Clark, puxando-o até o corredor. Com a porta do quarto fechada às suas costas, abraçou o torso do namorado e o apertou com força.

– Tá tudo bem com ele? – sussurrou Clark.

– Acho que sim. Está envergonhado, talvez.

– O que eu digo?

– Apenas finja que nada aconteceu, a não ser que ele toque no assunto.

Quando Solomon abriu a porta, parecia melhor. Lisa percebeu que ele havia enxugado algumas lágrimas, mas não parecia particularmente triste nem nada do gênero. Talvez um pouco cansado, mas, tendo em vista o pouco de sol que tomava, estava sempre assim. Solomon pediu para os dois voltarem a entrar e então tornou a se sentar diante da mesa.

– Desculpem – disse, com um tom de derrota.

– Pelo quê? – perguntou Clark.

– Vocês não precisam fingir – disse ele. – Na verdade, não ignorar o que aconteceu até me ajuda. É estranho.

– Tá tudo bem? – perguntou Lisa.

– Tô legal. Foi rápido dessa vez.

– Com que frequência isso acontece? – indagou Clark.

– Depende. Esse foi o primeiro ataque em duas semanas.

– Que merda – disse Clark.

– Tudo bem – disse Solomon. – Eu aguento. Antes era todo dia. Todo dia. Na escola. No ônibus. De vez em quando nas fontes.

– Nunca perguntei isso – disse Lisa. – Por que as fontes?

– Por causa da água – respondeu ele. – A água me acalma.

– É por isso que você quer uma piscina? – perguntou Clark.

– É parte do motivo, acho. Mas também porque sinto saudades da água. Sinto saudades de sair.

– Eu também sentiria – disse Clark. – Então você tem *dois* bons motivos para fazer a coisa funcionar.

– E se eu não conseguir? – perguntou ele. – E se eles tiverem esse trabalhão e ficaram todos esperançosos e eu não conseguir nem botar o pé lá fora?

– Eles vão ficar desapontados – disse Lisa. – Mas vão entender. Acha que eles estão pensando que não existe chance de dar errado?

– Provavelmente não.

– Então espere para ver o que acontece, antes de achar que será um fracasso – disse Clark. – Nos dois casos você vai ficar bem. E, quando chegar a hora, se quiser nossa ajuda, estaremos aqui.

– Você só quer nadar na minha piscina – disse Solomon com um enorme sorriso.

– Pode apostar que quero mesmo, independentemente de você estar nela ou não, parceiro – disse Clark. – Eu estava pensando em me oferecer para ser o cuidador da piscina. Construir uma cabana pra mim no quintal, quem sabe.

– Sol, se não quiser mais que o Clark venha pra sua casa, é só dizer.

– Tranquilo, ele pode vir. Olha, até eu conseguir sair, vamos apenas ter esperanças mesmo que seja difícil, combinado?

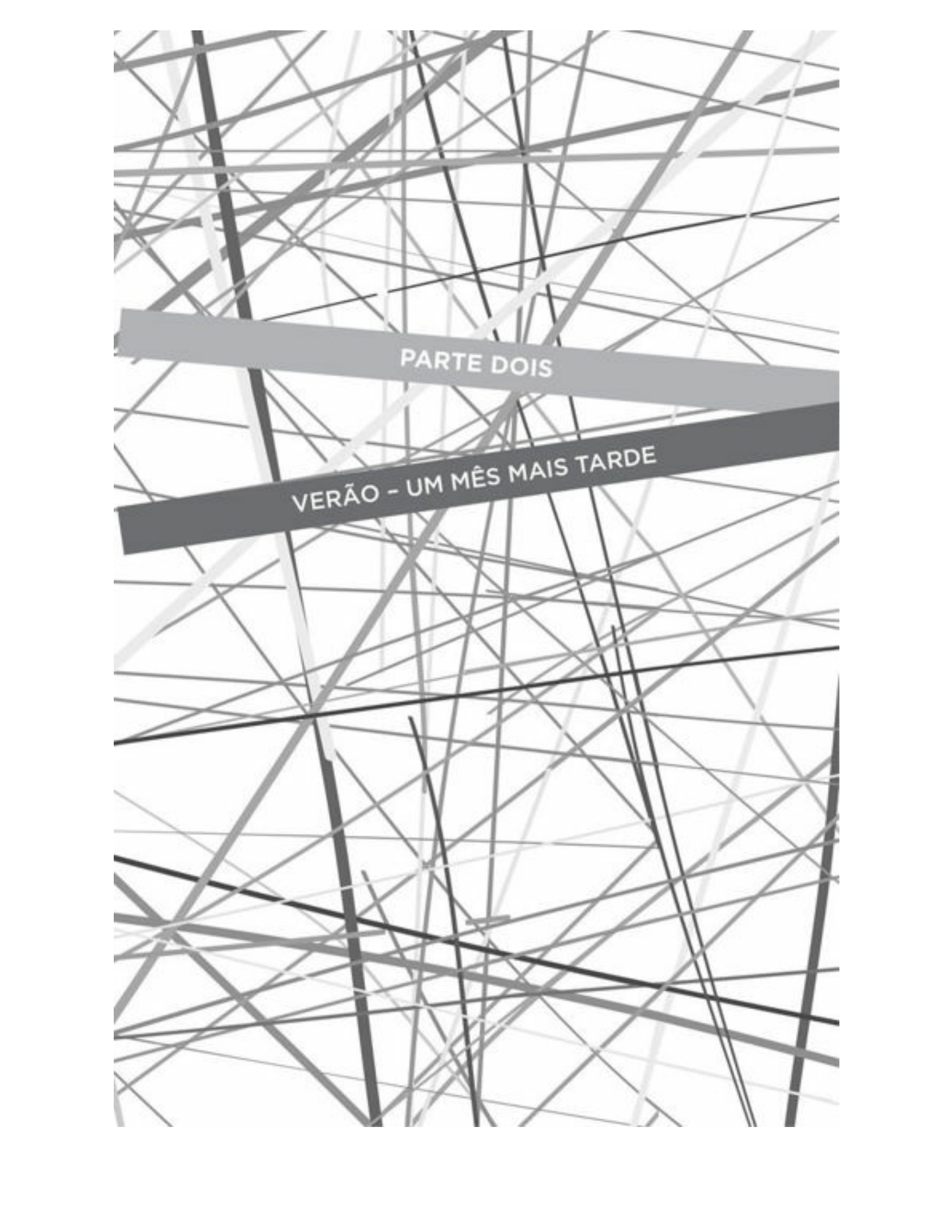
– É isso aí – disse Clark, inclinando-se para cumprimentar Solomon com um *high five*. – Espera só pra ver, cara. Vamos ter queimaduras de sol o verão inteiro.

– Eu não – disse Lisa. – Melanoma é um perigo real, e, mesmo jovens, estamos vulneráveis.

– Ela é viciada em protetor solar, falando nisso.

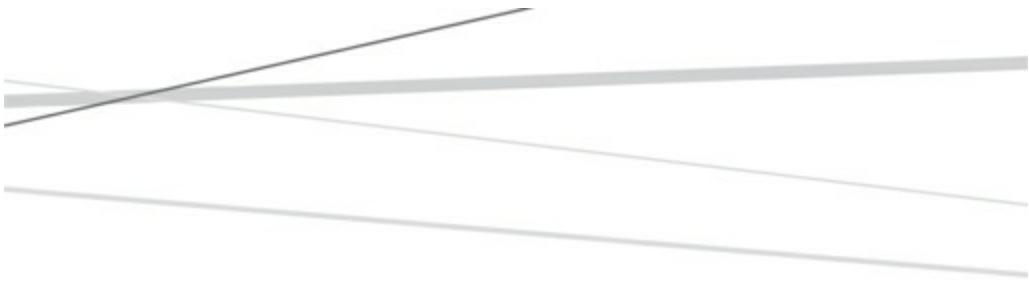
– Não fui eu que escolhi ser essa pessoa – defendeu-se Lisa. – Ela é que me escolheu.

– Ótimo – acrescentou Solomon, levantando-se. – Assim que eu te conheci soube que, mais cedo ou mais tarde, você salvaria a minha vida.



PARTE DOIS

VERÃO - UM MÊS MAIS TARDE



DEZESSETE

SOLOMON REED

O verão não significava grande coisa para Solomon. Ele continuava tendo o mesmo volume de estudos e lições em casa – plano que, segundo descobrira, lhe pouparia um ano inteiro de ensino médio. Se continuasse estudando durante os verões, teria créditos suficientes para se formar logo após completar dezessete anos. Entretanto, desde que conhecera Clark e Lisa, começara a relaxar um pouco nos estudos. Era fácil deixar-se distrair pelos dois. E eles tornavam isso ainda mais fácil, pois vinham praticamente todos os dias.

Mas nem sempre vinham juntos. Por fazer parte tanto do Conselho Estudantil quanto da equipe responsável pelo anuário da escola, Lisa de repente se viu atolada de obrigações no final do ano letivo. Portanto, Clark começou a ir sem ela. No começo Lisa fez um drama enorme por causa disso: certa tarde ligou para Solomon e, com aquela sua voz calma, explicou o quanto estaria atarefada nas semanas seguintes. Uma hora Solomon precisou simplesmente interrompê-la.

– Claro que Clark pode vir sozinho.

– Eu sei, mas precisava ter certeza. E se você secretamente o odiasse e só estivesse tolerando a presença dele por minha causa, ou algo do tipo?

– Essa é a impressão que você tem?

– Ontem vocês dois ficaram duas horas escrevendo uma canção-tema para um jogo de tabuleiro. Acho que provavelmente você é o melhor amigo que ele já teve.

– E a música ficou ótima.

No começo foi meio estranho, mas, no fim das contas, as coisas não eram assim tão diferentes sem a presença de Lisa. Solomon percebeu, no entanto, que quando ela vinha parecia ficar meio distraída, sempre quietinha observando, enquanto ele e Clark conversavam sobre coisas que ela considerava bobas. Às vezes Solomon se perguntava se ela não estaria filmando em sua cabeça um documentário do tipo “Garotos Adolescentes em seu Habitat Natural”.

Era bom que os dois tivessem se acostumado com a ausência dela, porque, assim que as aulas terminaram no início do verão, Lisa teve que ir para o Acampamento Elizabeth. Para Solomon aquilo era o próprio retrato do inferno, completo, com direito a aulas de atar nós e treinamento de sobrevivência na selva. Nas poucas vezes em que Lisa falara a respeito, também não parecera muito empolgada: pelo visto, estava indo apenas por causa de uma dívida com sua amiga Janis, que Solomon estava proibido de conhecer.

– Ela vai tentar jogar água benta em você.

– Deixa pra lá.

Nos verões, Clark trabalhava como salva-vidas na piscina do Centro Comunitário de Upland. Ele odiava, pois seu turno de trabalho era das seis às onze da manhã, cinco dias por semana. Às vezes, quando ia visitar Solomon depois do trabalho, adormecia no sofá. Houve algumas tardes em que chegou a fechar os olhos completamente bem no meio de uma frase.

Nesses momentos, Solomon ia ler um livro ou assistir à televisão até ele acordar.

– Caramba, como queria pedir demissão de lá – disse Clark certa vez. – Tô me sentindo um zumbi.

– Então fique aqui. Tem comida e Netflix à vontade, e em breve teremos uma piscina também.

– Minha mãe nunca iria deixar.

– Bem, se você não gasta dinheiro, não precisa ganhar dinheiro, certo?

– Certo, mas a questão não é só essa. Ela quer que eu aprenda a ter responsabilidades ou algo do tipo. E esse tipo de trabalho conta no processo seletivo das universidades.

– Lisa está com medo de que você não queira entrar.

– Em uma faculdade? – perguntou Clark. – *Talvez* não queira mesmo. Ainda não sei.

– E o que você faria, então?

– Isso é outra coisa que também ainda não sei.

– Tá. No que você é bom? Fora, claro, falar línguas inventadas?

– Natação – disse ele. – Mas não sou bom o bastante pra transformar isso numa carreira.

– Que merda. Tem certeza?

– Seria uma carreira muito curta. E depois?

– Talvez você conseguisse arrumar um emprego de jogador de videogame ou algo assim. Não precisam de gente pra isso?

– Ah, não – disse ele. – Não quero que o que mais gosto de fazer vire meu emprego. Seria um pesadelo. Não, muito obrigado.

– Mas você seria pago pra fazer o que gosta – argumentou Solomon.

– E se isso me fizer parar de gostar? Não posso correr esse risco, cara.

– Meu pai adora construir coisas e adora cinema, por isso virou cenógrafo. Demais, né?

– Ele parece mesmo feliz – concordou Clark. – Mas quais são as chances de alguém querer me contratar pra ficar jogando games o dia inteiro? Bem que eu gostaria que fosse uma opção realista, mas tenho certeza de que deve ser um emprego bem difícil de se conseguir.

– Eu me pergunto se eu um dia terei um emprego – disse Solomon.

– Você poderia trabalhar na internet, acho.

– Se eu nunca me curar, você quer dizer?

– Putz. Não... é que...

– Ei, tranquilo, eu já aceitei isso. Pode parecer loucura pra você, mas talvez aquele quintal seja o lugar mais distante aonde eu vá na minha vida.

– Você alguma vez pensa em sair de novo? Tipo, sair mesmo?

– Antes eu não pensava nisso – disse ele. – Não muito, pelo menos. A simples ideia já me dava um ataque de pânico.

– E agora?

– Ainda é assustador, mas pelo menos consigo falar no assunto sem chorar, portanto já é uma conquista.

– E se você simplesmente imaginar que estaria com a gente, hein? Tipo, se estivermos com você, não vai ser tão assustador.

Solomon tinha dias bons e dias ruins, mas os bons vinham superando de longe os ruins desde que Lisa e Clark passaram a visitá-lo. Às vezes, no entanto, os dois chegavam e ele

estava completamente exausto, com todo o seu charme drenado, movendo-se em câmera lenta. Os ataques faziam isso. Existe algo na resposta física ao pânico que é capaz de sugar toda a energia de uma pessoa – e não importa o que causou o ataque nem a sua duração. A doença de Solomon era tão inclemente, sorrateira e esperta quanto qualquer outra. Era como um vírus ou um câncer que permanecia escondido apenas o suficiente para enganar você, levando-o a acreditar que está curado. Aparecia na hora que bem queria, e por isso Solomon aprendera a ser sincero a respeito, sabendo que o constrangimento só fazia os ataques piorarem.

– Clark – dizia ele. – Estou meio tonto.

Era a melhor maneira de descrever aquilo. *Tonto*. Em cada pessoa a ansiedade age de modo um pouco diferente, mas com certeza sempre chega com pensamentos cíclicos. Imagens em *loop* que você não consegue controlar ou parar, pelo menos não com facilidade. Às vezes Solomon pensava na morte de um de seus pais, e em seguida aquilo se transformava no pensamento de que ambos morriam. Então, antes que se desse conta, pensamentos de alguma tragédia acontecendo com eles – acidente de carro, tiroteio, terremoto – começavam a rodopiar em sua cabeça tão depressa e tão fortemente que a única coisa que ele conseguia fazer era fechar bem os punhos e tentar respirar o mais devagar possível, para não permitir que aquilo o dominasse, para não perder o controle da mesma maneira como já havia perdido tantas vezes antes.

O jeito de Clark lidar com aquilo era dominando a arte da terapia da distração – não funcionava todas as vezes, mas a tentativa era sempre apreciada. Quando Solomon parecia particularmente ansioso, Clark se esforçava ao máximo para manter o amigo ocupado. Com o tempo, aquilo parecia estar dando certo.

– Precisamos de um projeto – sugeriu Clark no dia em que Lisa foi para o acampamento.

– Tem razão. Se eu jogar mais um jogo de cartas, vou ter um treco.

– Você sabe alguma coisa sobre carros?

– O que você acha?

– Acho que foi uma pergunta idiota – disse ele. – E seu pai, sabe?

– Sei lá, provavelmente. O seu não?

– Tô pedindo há seis meses pra ele me ajudar a consertar aquela van e nada. Por isso desisti.

– Qual o problema da van?

– Bem, o problema é que ela é uma merda. Paguei trezentas pratas por ela novembro passado e, sinceramente, não acredito como aquele negócio ainda não explodiu. Tenho medo de pegar a autoestrada porque às vezes, quando ando a mais de cinquenta por hora, ela começa a soltar fumaça.

– Isso não é bom sinal.

– Preciso dar uma limpada, também. Ela cheira a meia velha e eu desconfio que exista alguma coisa morta no banco de trás, mas tenho medo de olhar. Lisa nem quer mais saber de entrar nela.

Solomon foi até a janela da cozinha e olhou para a van de Clark, que estava estacionada em frente à sua casa. Tinha sido pintada de verde-escuro, mas não era uma pintura profissional, e só no lado que estava voltado para ele havia duas calotas descombinadas e o que parecia ser um pneu murcho.

– Dá pra estacioná-la na garagem?

– No *holodeck*, você quer dizer? – perguntou Clark, parecendo ofendido.

– Mal não vai fazer. Não posso ajudar você a consertá-la, mas posso te ajudar com a limpeza. Depois, quando meu pai chegar em casa, talvez consiga dar uma olhadinha no motor – disse Solomon.

Alguns minutos mais tarde, sob a luz de uma única lâmpada encardida de fumaça que irradiava um brilho fraco pela garagem, Clark entrou nos fundos da van. Estavanojenta, para dizer o mínimo, e por esse motivo Solomon ficou afastado com o rosto virado para o lado, segurando um grande saco de lixo preto aberto.

– Tudo bem com você? – perguntou Clark, achando graça.

– Tudo. Mas anda logo e não atira nenhuma parte de corpo morto em cima de mim.

– E parte de corpo vivo?

Meia hora depois, Solomon fechava o primeiro saco de lixo e entrava em casa para apanhar outro. Topou com o pai na cozinha e quase deu um pulo de tanto susto.

– Puta que o pariu! – gritou.

– Ei, cuidado com essa língua – advertiu o pai. – Você virou quem agora, sua mãe? E o que está aprontando?

– Estamos limpando a van do Clark.

– O Clark está aqui?

– Lá na garagem.

O pai o seguiu até a garagem e o ajudou a segurar o saco de lixo enquanto Clark atirava ali dentro latas de refrigerante, sacos de fast-food amassados e coisas estranhas aleatórias, como um par de shorts jeans rasgados e uma bola de basquete furada.

– Por acaso você é um lobisomem adolescente, Clark? – perguntou o pai de Solomon.

– Só nos fins de semana.

Mais tarde fizeram uma pausa para jantar – Clark jantava ali quase toda noite, agora. Valerie adorava aquilo, tinha a sensação de ter dois filhos totalmente normais em vez de apenas um mais ou menos problemático. Claro que ela não dizia isso em voz alta, mas Solomon era bastante esperto para enxergar aquilo no rosto da mãe. E no do pai, também. Eles ainda não tinham nem chegado na sobremesa e Clark já o havia convencido a dar uma olhada no motor da van. Quando soou a meia-noite, Jason estava coberto de óleo e graxa, dos cotovelos até as pontas dos dedos. Passara todo aquele tempo remexendo o motor e listando as coisas que eles precisavam comprar urgentemente. Solomon ia anotando tudo o que o pai dizia, contribuindo da única maneira que sabia fazer. Basicamente, porém, ficava era observando Clark enquanto o amigo assentia ao ouvir os termos ultratécnico que Jason descrevia e fingindo que estava entendendo alguma coisa.

– Talvez você precise de um carburador novo – disse seu pai.

– Certo, certo – concordou Clark. – Totalmente.

Talvez tenha sido porque Lisa estava ausente havia tanto tempo, ou por causa da fumaça que escapava do motor potencialmente tóxico da van, mas foi naquela noite que Solomon se deu conta do que de fato sentia em relação a Clark Robbins. Ele vinha ignorando aquilo tinha semanas – o frio na barriga quando Clark estava por perto, o coração acelerado que ele confundira com ataques de pânico tantas e tantas vezes e que, na verdade, era outra coisa, algo que ele nunca havia sentido antes. Clark não estava nem aí para o que ele era ou para onde iria.

E, embora Solomon receasse chamar aquilo de amor, o que mais poderia ser? Estava ali. Era real. E, se não tomasse cuidado, uma hora acabaria arruinando tudo.



DEZOITO

LISA PRAYTOR

Quando Lisa era criança, o acampamento de verão costumava ser muito divertido. Ela tinha a chance de conhecer várias meninas interessantes que vinham de lugares tão longínquos como Phoenix ou Salt Lake City, e os chalés se enchiam de vida com pequenos idiomas secretos e canções sobre a vida selvagem. Porém, à medida que foi crescendo, e atingiu a idade crucial em que sua única opção era virar monitora, Lisa se deu conta de como sentia cada vez mais saudade dos velhos tempos.

Agora, como monitora júnior, ela era responsável pelo seu próprio chalé – com direito a dez hóspedes e uma monitora sênior. E essa tal monitora sênior era Janis – alguém que sentia uma enorme dificuldade em esquecer que aquele acampamento específico, um dos três onde ela trabalhava como monitora todos os verões, não era cristão como os outros dois.

- Oremos – disse ela na terceira noite, depois que as luzes foram apagadas.
- Vamos manter as coisas laicas – sussurrou Lisa, no beliche embaixo do dela.
- Quero dizer... bons sonhos, meninas.

A primeira semana do acampamento transcorreu de modo bem tranquilo, com apenas um acidente de canoa e nenhum relato de infecção estomacal entre as meninas. Apesar de se perguntar como Clark e Solomon estariam se virando sem ela, Lisa estava se divertindo passando aquele tempo com outras garotas, para variar. Fazia sete dias que não ouvia as palavras *Star Trek*, e isso era sensacional.

A única coisa que andava meio esquisita era sua relação com Janis. Lisa sabia que não seria fácil, mas imaginou que, depois de reservar parte de seu tempo importantíssimo com Solomon para participar de última hora daquele acampamento, tudo voltaria ao normal entre as duas. Enganou-se. Janis continuava magoada e a todo momento fazia piadinhas sobre o seu sumiço. Lisa não falava nada, pois não desejava discutir na frente das campistas, porém aos poucos foi ficando cada vez mais irritada. Apesar disso, sabia que a última semana do acampamento seria muito mais fácil se mantivesse a calma (ao menos até Janis tornar isso impossível).

– Escuta – disse Lisa, sentada na frente de Janis no salão de refeições. – Precisamos conversar com a Chloe. Se ela não aprender a manobrar a canoa, vai ter que fazer o curso de canoagem novamente no verão que vem.

– Lisa, manobre a canoa para ela e pronto. Não estamos treinando essa menina para as Olimpíadas.

– Não posso fazer isso e você sabe muito bem. Cadê seu senso de orgulho do Acampamento Elizabeth?

– Você vai me desculpar, mas aquela menina é um caso perdido. Ela conseguiu afundar três canoas e um caiaque no verão passado.

– Ah, é, eu me lembro.
– E aí, está se divertindo? Feliz por ter vindo? – perguntou Janis, sem nenhuma entonação.
– Talvez – disse Lisa.
– Era o mínimo que você podia fazer, na verdade.
– O que isso quer dizer?
– Não se faça de tonta – disse Janis. – Além do mais, estou tentando salvá-la daquele garoto maluco. Tenho certeza de que você estava precisando dar um tempo.
– Ele não é maluco – disse Lisa. – E não preciso que você me salve de coisa nenhuma.
– Quer saber, acho que talvez eu seja normal demais para ser sua amiga. Não tenho problemas suficientes pra você resolver, Lisa.
– Ah, problema é o que não falta em você, pode acreditar.

Janis foi pega completamente de surpresa com o fato de Lisa estar, por fim, a enfrentando. Ela se inclinou mais para perto, apoiou as mãos na mesa e, com aquele olhar malvado que tinha antes de encontrar Jesus, sorriu de leve e então começou a falar: – Não descarregue toda a sua raiva em cima de mim. Não tenho culpa se o seu namorado está apaixonado por aquele garoto maluco. Eu bem que tentei te avisar.

– Você é ridícula.
– Você se acha tão esperta, Lisa. Sempre falando que quer ajudar os outros e se tornar uma psiquiatra sensacional um dia, mas não consegue enxergar nem o que acontece embaixo do seu nariz. Onde você acha que Clark está neste exato momento?
– Com o amigo dele. Com *nosso* amigo. Pare de inventar coisas só porque está com ciúmes.
– Certo. Eu estou fora – disse Janis em voz alta, atirando as mãos para cima.
– Está *fora*?
– Isso mesmo. Divirta-se enfrentando o Chalé Doze sozinha.

Janis saiu pisando duro e Lisa ficou em frente ao salão de refeições com um grupo de meninas jovens a encarando. Ela lhes deu um sorriso forçado e voltou para dentro, para almoçar. Manteve aquele mesmo sorriso no rosto o dia inteiro, assumindo as tarefas de duas monitoras até que as líderes do acampamento pudessem destacar outra pessoa para ajudá-la. Janis tinha ido direto até o escritório da diretora do acampamento e exigiu ser transferida para outro chalé. Lisa tinha certeza de que ela contara alguma mentira para facilitar a manobra. Mas que bem faria revelar a verdade para todo mundo? Pelo menos agora, até o fim do acampamento, ela não seria mais obrigada a ficar se lembrando a cada quinze minutos do quanto Janis a achava uma péssima amiga.

Mais tarde, enquanto as meninas jantavam e assistiam ao grupo de improvisação do acampamento, duas monitoras, Tara e Lydia, sentaram-se ao lado de Lisa com uma expressão faminta nos olhos – a mesma que assumiam sempre que alguma fofoca pairava pelo lugar.

– Ouvi dizer que ela te chamou de vaca. Foi mesmo? – sussurrou Tara.
– Não, já disse. Ela chamou o namorado da Lisa de gay – disse Lydia.
– Sério? Por que ela faria uma coisa dessas? – quis saber Tara.
– Vocês duas querem calar a boca? – disse Lisa, num sussurro um pouco mais alto que o delas. – Não foi nada de mais. Ela só está com ciúmes.
– Ouvi dizer que o seu namorado está o tempo todo com um cara gay – disse Lydia. – É verdade?

– Eles são grandes amigos – defendeu Lisa. – E ele é meu amigo também. Não tem nada de errado nisso.

– Mas eles saem sem você? – perguntou Tara.

– Claro.

Então Tara e Lydia rapidamente se entreolharam e viraram-se para Lisa com um ar triste.

– Tá tudo bem com você? – perguntou Lydia.

– Que droga! Será que vocês duas podem me escutar? Meu amigo Sol é gay. Meu namorado Clark não. Eu sei disso, porque ele namora comigo. Então cortem essa história e por favor *parem* de dar ouvidos à Janis.

– Só me deixa fazer uma perguntinha – disse Tara. – Vocês transam?

– Isso não é nem um pouco da sua conta.

– Responda a pergunta – ordenou Lydia.

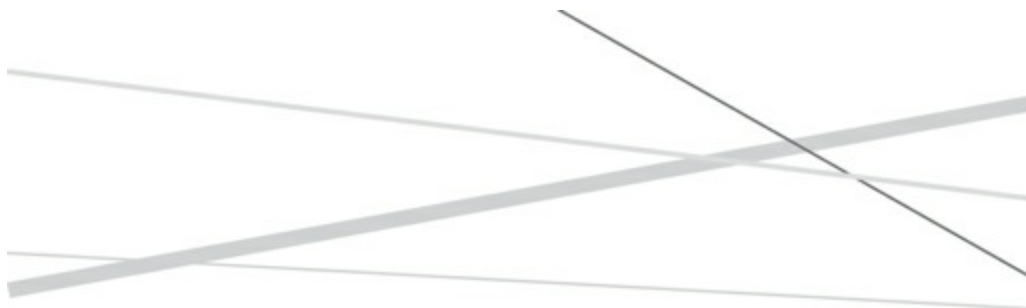
– A gente chegou perto disso algumas vezes.

– Oh, não – disse Tara, reprimindo o espanto e balançando a cabeça.

– Coitadinha – acrescentou Lydia.

Lisa olhou para elas com ar neutro e depois grudou os olhos no palco, fingindo que não estavam ali. Janis já havia contado tudo para as duas – provavelmente para todo mundo –, portanto, agora, no Acampamento Elizabeth, Lisa se transformou na garota que namorava um cara gay, não importando o quanto ela negasse. É assim que funciona a fofoca: transforma todo mundo em otário, menos a fonte de onde veio. Lisa sentiu alívio, porém, por Janis não ter dito nada sobre a redação. Talvez isso significasse que não havia perdido definitivamente a sua amiga mais antiga.

Naquela noite, ela ficou deitada na cama acordada por algum tempo depois que as luzes foram apagadas, acompanhando um vaga-lume que entrara no chalé e agora pairava acima dela. Será que Clark estava na casa de Solomon? Não conseguia parar de ficar imaginando os dois juntos. De alguma maneira, Janis e as outras monitoras haviam marcado tal imagem no cérebro dela como uma tatuagem que se faz quando se está bêbado – algo que não deveria estar ali, mas que agora era impossível apagar. E, por mais que ela tentasse se convencer de que aquilo não podia ser verdade, não parava de pensar na possibilidade de que podia, sim.



DEZENOVE

SOLOMON REED

Na véspera do dia em que finalmente encheram a piscina, Solomon telefonou para Lisa, ofegante. Desde que ela voltara do acampamento, ele torcia para que ela fosse visitá-lo e convencê-lo de que ir até o quintal não seria o fim do mundo. Enquanto escutava a sua voz calma tranquilizando-o, sentiu uma pontada de culpa por meio que gostar daquela situação. Talvez fosse apenas a versão dele de melhorar, de aceitar que, às vezes, ele precisava de ajuda. Sentira a falta de Lisa, principalmente do jeito como ela resolvia as coisas. Se Solomon não podia estar no controle, sabia que ela sim – e sem Lisa, as coisas estavam começando a ficar estranhas.

– Soube da van? – perguntou Solomon, pouco depois de haver se acalmado. – Aquele treco agora faz parte da minha casa.

– Seu pai não está conseguindo consertá-la?

– Eu conheço o meu pai. Pela cara dele quando está lá fora desmontando o motor, sei que não faz a menor ideia do que está fazendo.

– Que hilário – comentou Lisa.

– É mesmo, não é?

– Não tinha tanta importância assim pro Clark – disse ela. – Acho que ele só queria mais um pretexto para ver você.

– Você acha? Porque eu sou uma pessoa que tem uma vida social bastante disputada, certo?

– O que vocês dois fizeram enquanto eu estava fora? Além de desmontar a van.

– O mesmo de sempre – respondeu ele. – Assistimos à TV, jogamos, vimos um filme ou outro.

– Clark disse que começaram a ver *Lost* de novo.

– Pois é, estamos na segunda temporada. Acho que a série ficou ainda melhor da segunda vez.

– Queria que vocês tivessem esperado por mim.

– Ah. Desculpe.

– Tudo bem. Posso continuar a partir daí, tenho uma boa memória.

– Legal. Então, me diz de novo que eu posso fazer isso.

– Você *consegue*, Sol. Esperou meses por essa piscina e agora a única coisa que precisa fazer é se lembrar da sensação da água quando deslizamos por ela.

– *Deslizamos?*

– Estou tentando ser inspiradora – disse ela.

– Desculpe.

– Lembre que não é diferente de estar aí dentro. Não pode acontecer nada lá fora que não

possa também acontecer dentro da sua casa.

– Eu posso me afogar.

– Faz algum tempo que você não nada, suponho.

– *Muito* tempo.

– Quer que a gente esteja com você? Acho melhor, né?

– Não sei – disse ele. – Parte de mim acha que poderia ajudar, mas outra parte não quer decepcionar uma plateia muito grande.

– Não é bem assim – disse ela.

– Mas é. É, sim. E vocês teriam todo o direito de ficar decepcionados. Gostaria de dizer “beleza, eu consigo ir lá fora e entrar naquela piscina”, mas ainda não dá. Só vou saber de verdade amanhã.

– Acho que você vai se sair muito bem – disse ela. – Sério.

– Certo. Tive uma ideia. Quero que vocês venham, mas têm que me prometer que irão nadar. Mesmo que eu não consiga. Talvez isso amenize um pouco a frustração dos meus pais.

– Prometo – disse ela. – Vou falar com o Clark.

– Maneiro.

– Agora, não importa o que aconteça, você terá a chance de ver aqueles abdominais em pessoa. São majestosos.

– Posso lhe contar um segredo? Estou fazendo abdominais há semanas só para não passar vergonha demais.

– Ah, isso é hilário. E como está sendo pra você?

– Não tenho nenhum músculo – disse ele. – Aquele cara realmente veio de Krypton, não é?

– O Super-Homem jamais dirigiria aquela van – disse ela. – Ei, ele costuma falar de mim?

– Tá brincando? E quando é que ele *não* fala de você?

– Sério – pediu ela. – Quero saber se Clark fala de mim. Tanto faz se bem ou mal, mas me diga.

– Lisa, ele fala de você o tempo inteiro. E sempre bem. O que foi?

– Não foi nada, só estou com saudades de estar com a turma toda reunida. Querem companhia?

– Você sabe muito bem a resposta – disse ele. – Temos que terminar aquele torneio de Munchkin.

– É, temos mesmo. Clark está trabalhando, portanto vamos chegar aí umas cinco, tudo bem?

Naquela tarde, assim que o carro de Lisa parou em frente à casa e eles saíram, Solomon abriu a porta usando um chapéu de viking de plástico e segurando uma espada.

– Esta noite jantaremos no inferno! – berrou, enquanto eles vinham pela trilha.

– Ai, acho que erramos de casa – disse Lisa.

– Prepare-se para ser massacrada! – gritou Clark, correndo na frente dela em direção à porta, onde agarrou a espada da mão de Solomon e a apontou para Lisa.

– Boa sorte – disse ela. – Trouxe o meu melhor pro jogo hoje, rapazes. O negócio vai ser dureza.

– Ela precisa ser destruída – disse Clark, enquanto Lisa passava com ar pomposo por ele.

Na metade da primeira rodada, nenhum dos garotos tinha a mais remota chance de derrotá-la. Três partidas mais tarde, ela continuava invicta. Quando o torneio finalmente acabou,

Solomon atirou suas cartas para baixo, num acesso fingido de raiva, e Clark caiu no chão como se ela tivesse esfaqueado seu coração.

– Quem quer revanche? – perguntou Lisa, com ar maníaco.

– Preciso dar um tempo – disse Solomon. – Achei que estava com saudades de você, até este banho de sangue.

– O que eles te ensinaram no acampamento de férias? – perguntou Clark.

– A única coisa que aprendi é que a Janis é meio vaca e que sanduíches de carne moída continuam sendo uma coisa nojenta.

– Não acredito que você não quer me deixar conhecê-la – disse Solomon. – Ela parece ser tão... divertida.

– Acho que ela me odeia – disse Clark.

– Quem poderia te odiar? – disse Solomon.

– Pois é! – Clark se levantou e foi até a porta de correr envidraçada. Olhou para o quintal e depois virou-se para Solomon. – Preparado para amanhã?

– Sei não.

Solomon se levantou e foi até ele. Olhou para a piscina vazia, metade preenchida pelo luar e metade pela escuridão. E a única coisa que conseguia pensar era no quanto ela era inútil sem água – apenas um buraco de concreto de formato estranho escavado no quintal.

– E se você saísse agora, à noite? – perguntou Lisa.

– Quê? Por quê?

– Seus pais não estão em casa. Então, *essa* pressão não existe. A gente podia sair, os três, e caminhar aí fora, como se não fosse nada de mais.

– Como se não fosse nada de mais? – perguntou Solomon. – Mas é!

– Eu sei – concordou ela –, mas podemos fazer com que não seja, Sol. Vamos fazer com que não seja nada de mais.

Ela caminhou até ele e estendeu o braço, buscando sua mão. Por um instante, ele pensou em ceder, em deixar-se ser levado até lá fora, acabar logo com aquela história. *Fazer de uma vez só, como quem arranca um Band-Aid*, como diria a sua avó. Mas não conseguiu.

– Hoje não, Lisa.

– Amanhã, então – disse Clark, adiantando-se depressa para dar um tapinha no ombro direito de Solomon. – Vai ser demais, cara.

Solomon não conseguiu dormir naquela noite. Gostaria que fosse como o Natal na sua infância – a mesma empolgação nervosa que o mantinha acordado na expectativa de ver a sala cheia de brinquedos e aparelhinhos eletrônicos. Porém parecia mais um buraco dolorido em seu estômago, uma dor profunda e baixa que pulsou a noite inteira lembrando-o constantemente do que o dia seguinte iria lhe trazer.

Às três da madrugada, ele atravessou o corredor na ponta dos pés, vestido apenas com a calça do pijama. Foi até a sala e ficou olhando para a porta de vidro deslizante como se estivesse fitando as profundezas do vácuo do espaço sideral, um buraco negro que conduzia a um mundo que, por tanto tempo, estivera longe de seu alcance. Aproximou-se o bastante para segurar a maçaneta. O suficiente para enxergar a própria respiração embaçar o vidro. E, então, correu a porta até abri-la.

Não se mexeu, mas a brisa fria da madrugada rodopiou ao redor de seu rosto, erguendo mechas de seu cabelo embaraçado e fazendo-o estremecer. Ele não iria chorar nem nada disso. Nem se sentiu ansioso ou especialmente tonto, tampouco. Estava tão próximo do mundo lá fora, mas continuava parado, e aquilo ajudava a normalizar um pouco a sua respiração. O coração batia com força, mas não de modo frenético como todas as outras vezes em que ele, secretamente, desejara sair. Todas aquelas vezes que não contara a ninguém. Agora, entretanto, era diferente. Solomon estava pronto. E a dor em seu estômago começava a ir embora. Então, ele foi em frente.

Pisou lá fora. E então deu mais um passo, e outro, até descer os degraus da piscina e alcançar a parte funda. Ao chegar lá, onde o dreno aguardava novo em folha e a postos, deitou-se na superfície de seixos falsos e olhou para as estrelas.

E foi ali que o encontraram adormecido na manhã seguinte.



VINTE

LISA PRAYTOR

A maioria das pessoas de sua idade não estaria acordada às oito e meia da manhã, quando Solomon ligou para ela, mas Lisa não era como a maioria das pessoas. Já tinha tomado banho, se vestido, alisado o cabelo e comido um *bagel* com *cream cheese*. Dormir até tarde era para os desmotivados.

- Você acordou cedo – disse ela, ao atender o telefone.
- Adivinha onde eu estou.
- Muito engraçado.
- Não, sério. Adivinha.
- No seu quarto?
- Estou no quintal, Lisa.
- Cala a boca.
- Não. Não posso. Estou aqui fora. É gostoso aqui fora, né?
- Ah, meu Deus, Sol.
- Me escuta, estou bem. Por que vocês não chegaram ainda? Cadê o Clark?
- Já encheram a piscina?
- Estão começando a fazer isso. Disseram que vai dar pra gente entrar lá pra umas cinco ou seis da tarde. Não sei se vou conseguir esperar tanto tempo.
- Peraí, você está aí fora agora?
- Sim, sentado na grama. Não sabia o quanto sentia falta disso.
- Uau... isso é...
- Foi estranho. Eu não consegui pregar o olho. Nem um pouco. Por isso, de madrugada, simplesmente abri a porta e saí.
- Incrível.
- Caí no sono dentro da piscina.
- Você o quê?
- Meu pai me encontrou aqui antes de sair para o trabalho. Nunca o vi tão feliz.
- Posso imaginar – disse Lisa. – Aposto que a sua mãe chorou.
- Ela estava no trabalho, mas tenho certeza de que vai pular em cima de mim quando voltar pra casa.
- Isso é tão sensacional, Sol! Como está se sentindo agora?
- Como se tivesse passado no exame de admissão da Academia da Frota Estelar.
- Suponho que isso signifique “bem”.
- Bem não, maravilhoso! Sabia que do meu quintal dá pra ouvir o barulho da rodovia?
- Do meu também – disse ela. – Vou ligar pro Clark, acordar o rapaz e depois ir para aí. Não

se canse de ficar aí fora antes de a gente chegar.

– Tá.

Como Lisa não conseguiu falar com Clark pelo telefone, dirigiu até a casa da mãe dele e bateu na porta até alguém atender. Era Drew, e ela não estava nem um pouquinho feliz por ter sido acordada.

– Lisa? – disse ela, sonolenta.

– Oi, foi mal, mas ele tá aí? – Lisa rodeou Drew, entrou na casa e atravessou o corredor até chegar ao quarto de Clark. Pensou em bater na porta, mas não fez isso: entrou direto e o encontrou dormindo com uma das pernas penduradas pela borda da cama e o rosto completamente coberto pelo lençol.

– Clark? – sussurrou alto. Ele não se mexeu. – Clark!

Ele se levantou de um pulo e saiu da cama tão depressa que Lisa deu um salto para trás, com medo de que ele comesse a distribuir murros a esmo ou algo assim. Então ela riu, e o olhou de cima a baixo.

– Clark, você tá pelado.

– Droga. Foi mal. – Ele apanhou o lençol e o enrolou no corpo, depois sentou-se na cama.

– Isso eu não sabia sobre você. Deve ficar com frio – disse ela.

– Que horas são?

– Quinze pras nove. Eu sei que está cedo, mas Sol saiu de casa.

– O quê?

– Pois é. Ele acabou de me ligar. A gente precisa ver isso.

– Certo. Tá. Hummm... Não olha agora.

Ele se levantou depressa e colocou uma cueca boxer que estava caída no chão. Lisa fingiu que não estava olhando, mas fazia tempo que não ficava a sós com ele, e ainda mais que não via tantas partes do seu corpo assim.

– Quer dizer, acho que dá pra esperar uns quinze minutinhos – disse ela com segundas intenções, segurando o pulso dele.

– Tá brincando? – Clark puxou o braço. – Ele *saiu*! A gente precisa ir pra lá.

Com um ar derrotado, Lisa observou-o vestir um short e uma camiseta. Depois, quando se levantou para acompanhá-lo para fora do quarto, ele se virou e lhe deu um sorriso imenso.

– Preciso levar uma sunga, né?

– É. E filtro solar.

No caminho, Clark não parava de falar no quanto estava orgulhoso do amigo deles. Usou termos como *empolgadíssimo* e *alucinado de alegria* e, toda vez que falava o nome de Solomon, Lisa sentia uma pontinha de ciúmes. Ele acabara de ter a chance de transar com a namorada mas, em vez disso, preferiu ficar falando sobre outra pessoa sem parar. Lisa havia criado aquele monstro, mas já não tinha mais nenhum controle sobre ele.

– Eu disse que daria certo – falou ela.

– Você não está falando sério, né? – perguntou Clark, revirando os olhos.

– Olha só o que aconteceu graças à nossa intervenção – defendeu-se ela. – Ele saiu para o quintal. É só uma questão de tempo até ele ir mais longe.

– Certo, Dra. Praytor – disse ele, cheio de sarcasmo.

Lisa imaginou que o namorado estivesse brincando, mas, quando ia dizer mais alguma coisa,

notou o ar sério no rosto de Clark e calou-se. O resto do caminho transcorreu em silêncio, com Lisa olhando fixo para a frente e ele conferindo o celular. Quando pararam na frente da casa de Solomon, ela virou-se para Clark e não precisou dizer nada para que ele reagisse: – Lisa, escute bem o que vou dizer. Se você escrever essa redação, eu conto tudo pra ele – disse Clark, sem sequer dirigir um olhar a ela enquanto saía do carro.

Ao pisarem no quintal encontraram Solomon, de óculos escuros, deitado numa espreguiçadeira, com os braços cruzados sob a cabeça. Lisa nunca tinha visto Solomon sem camisa antes e teve toda a certeza de que ele não mentira sobre os abdominais. Clark atravessou o quintal correndo e arrancou Solomon da espreguiçadeira para dar-lhe um abraço.

– Saca só o que esse cara estava escondendo! – gritou ele para Lisa, apontando para o tronco branco e nu de Solomon.

– Você vai virar uma lagosta – disse ela. – Passou protetor solar?

– Passei. Eu juro – respondeu Solomon.

Clark levantou um dos braços do amigo e o cheirou.

– Mentira – declarou. – Aqui, a gente trouxe um.

– Valeu. – Solomon esfregou o protetor nos braços e então Lisa adiantou-se a ajudá-lo a passar nas costas.

– Se você morrer de câncer de pele, a gente vai perder nosso lugar pra nadar – disse ela.

Eles ficaram ali fora observando a piscina lentamente se encher de água. Como Solomon ainda não parecia ter se cansado do sol, Lisa e Clark imaginaram que seria melhor ficarem lá fora o quanto ele quisesse. Sempre que Solomon se levantava e ia até uma parte nova do quintal, Lisa o observava como se ele fosse um astronauta caminhando em um planeta distante, cada passo seu uma prova de que tudo é possível.

– Quanto tempo vai demorar ainda? – perguntou Solomon aos dois do outro lado do quintal, quase berrando. Lisa teve a impressão de que ele estivera observando as flores sob a janela do quarto dos pais, mas não tinha certeza.

– Bem – disse Clark em voz alta –, uma mangueira desse tamanho, de mais ou menos um centímetro e meio de diâmetro, despeja sessenta e quatro litros de água por minuto; ou seja, são três mil, oitocentos e quarenta litros por hora; então... se a piscina tem vinte mil litros de capacidade, deve demorar ainda umas cinco horas.

– Caramba – disse Solomon, caminhando até eles.

– Ele pesquisou isso tudo no celular – disse Lisa.

Clark ergueu o celular e deu um grande sorriso para Solomon. Então, pôs-se de pé num pulo e pediu para eles posarem para uma foto.

– Precisamos documentar esse importante dia histórico – justificou.

Solomon se inclinou e passou um dos braços em volta dos ombros de Lisa. Era o máximo de contato corporal que já tiveram até então, e sem querer ela estremeceu ligeiramente de espanto.

– Desculpe – disse ele, afastando-se.

– Não. – Ela puxou o braço de Solomon e o recolocou onde estava.

Clark vinha tirando fotos dos três havia semanas, mas em geral fazia aquilo de modo bem discreto, tirando uma foto rápida de Lisa e Solomon observando as cartas de um jogo ou assistindo à televisão. Lisa, porém, sempre notava aquilo. Agora se perguntou o que encontraria no celular dele depois de todo o tempo em que ficou afastada. Com certeza não

devia ter tirado fotos de Solomon sozinho... isso seria estranho, não é? Mas, mesmo que tivesse tirado, qual o problema? Amigos tiram fotos uns dos outros o tempo inteiro. Era algo perfeitamente normal. Não havia necessidade de fuçar o celular dele. Isso não ajudaria em nada. Ah, como aquilo tudo era idiota. Janis tinha mesmo conseguido deixá-la com a pulga atrás da orelha, e ela estava começando a achar aquilo mais perturbador do que divertido.

– Ei – disse. – Vamos entrar pra comer alguma coisa? Sol, venha sacrificar uns minutinhos de sol. Melhor não enjoar demais da coisa logo no primeiro dia.

– Acho que você tem razão – concordou ele, fingindo desapontamento. – E estou morrendo de fome, mesmo.

– Eu quero um sanduíche de manteiga de amendoim com geleia – disse Clark. – Com toda a manteiga de amendoim e toda a geleia que existem nesse mundo.

– Minha mãe compra a mais pra ele – Solomon contou para Lisa.

Então Clark parou diante da porta e virou-se para os dois.

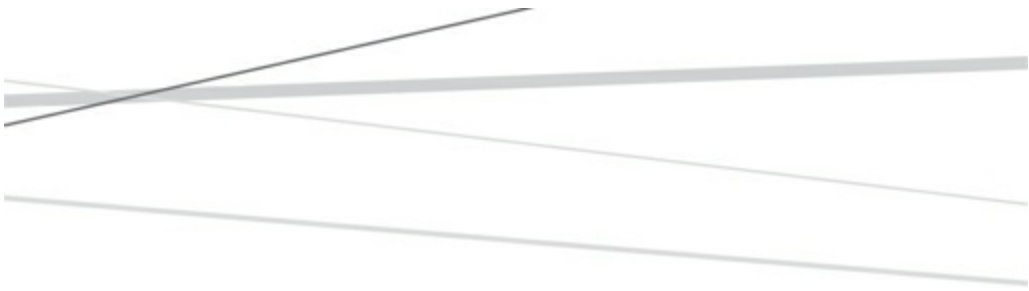
– Se a gente entrar, você não vai ficar com medo de sair de novo, né?

– Cara, fiquei fazendo isso o dia inteiro – disse Solomon, passando na frente dele e entrando na casa. – Relaxa.

Uma vez lá dentro, foram até a cozinha, onde Lisa ficou ouvindo os dois falarem sem parar sobre como é que se prepara o sanduíche perfeito de manteiga de amendoim com geleia. Ambos estavam errados: você precisa misturar a manteiga de amendoim com a geleia antes de passar no pão. Depois, eles meio que se transferiram para o mundinho deles e deixaram Lisa ali sentada, só de espectadora, incapaz de dizer qualquer coisa.

Talvez fosse culpa dela, devido a todo o tempo que passara apenas observando os dois e estudando os tiques e gatilhos dos surtos de Solomon. Era como se estivessem falando uma língua que ela acabara de esquecer: Lisa conseguia pegar uma referência aqui e outra ali, mas na maior parte do tempo ficava completamente perdida em meio aos jargões.

Portanto, uma hora ela simplesmente acabou desistindo de entendê-los e deixou que seus pensamentos voltassem até a conversa que tivera com Clark. Sabia que ele provavelmente jamais a perdoaria caso ela escrevesse a redação, mas também sabia que era o que precisava ser feito. Era uma maneira quase certa de conseguir se salvar, e ela havia chegado longe demais para desistir agora. Da mesma maneira que Solomon precisava sair de casa, Lisa precisava sair de Upland. Ele tinha melhorado. Graças a ela. E ela merecia se libertar também.



VINTE E UM

SOLOMON REED

Para Solomon, nadar era o oposto de um ataque de pânico: fluido, calmo, silencioso. O mundo ficava abafado na medida certa quando ele mergulhava, e a sensação do vento em sua pele molhada quando subia para respirar o fazia esquecer que havia se aproximado ainda mais de todas as coisas que tanto o amedrontaram, e por tanto tempo.

Assim que ele entrou na piscina pela primeira vez, sob o olhar silencioso de seus amigos e de sua família, pressentiu que iria chorar. E chorou mesmo, mas só um pouquinho, e, para não fazer grande caso daquilo, mergulhou de cabeça na água e em seguida subiu, sorrindo. Então não parou mais de nadar, a ponto de ser possível alguém se perguntar se ele estava bem. É claro que estava: nada era tão eficiente quanto a água.

Depois que o pai de Solomon caiu na piscina com uma bomba, nadou até o filho e fez uma cena tentando beijá-lo na testa. Enquanto isso, a única coisa que sua mãe conseguia fazer era tirar fotos, e, pelo seu olhar, era como se ela estivesse documentando um milagre. Finalmente, depois de passarem uma hora implorando, ela entrou na piscina e juntou-se à brincadeira de Marco Polo.

– Ele nunca vai conseguir pegá-lo – disse Solomon para sua mãe e Lisa. Eles estavam sentados na beirada da parte rasa da piscina, perto das escadas, região que o pai de Solomon apelidara de Zona dos Perdedores. Ele havia pegado os três, mas nem uma única vez chegara perto de Clark.

Clark deslizava lentamente pela água como um crocodilo observando sua presa, com o nariz acima da superfície apenas o bastante para conseguir respirar, o restante do corpo mergulhado. Deixava o pai de Solomon se aproximar quase até conseguir tocá-lo, então respondia *Polo* num sussurro e depois flutuava magicamente até o outro lado dele. Estava provocando Jason e, sempre que retirava o rosto da água, brindava a plateia com um enorme sorriso.

Solomon, Clark e Lisa ficaram na piscina até verem o sol se pôr e assistirem lentamente à lua nascer, no meio do céu. Só saíam para comer, fazer xixi ou quando seus dedos ficavam tão enrugados que começavam a doer. Por volta das dez da noite, depois que os pais de Solomon foram se deitar, os três ficaram deitados lado a lado, Solomon no meio, todos com os pés mergulhados na água e as costas deitadas sobre o piso frio de seixos que rodeava a piscina.

– Se isso fosse um filme alternativo, agora a gente começaria a conversar sobre as constelações – disse Solomon, olhando para as estrelas.

– Eu sempre achei que *Ursa Maior* seria um nome legal – disse Clark. – Oi, sou Ursa Maior Robbins. Prazer.

– Ursa Maior Reed, advogado – acrescentou Solomon. – Meu Deus, como senti saudades dessa vista.

– É demais, né? – comentou Lisa.

À meia-noite, eles por fim se despediram. Solomon acompanhou os dois até a porta, com uma toalha amarrada na cintura, e o cabelo meio úmido espetado em diversas direções. Lisa lhe deu um beijo na bochecha e sussurrou em seu ouvido: *Estou tão orgulhosa de você*. Em seguida, Clark o atacou com um abraço de urso que o levantou do chão e, apesar de aquilo machucar um pouco seus braços ligeiramente queimados de sol, foi o melhor abraço da sua vida.

Depois que eles se foram, Solomon voltou lá para fora e sentou-se à beira da água. Não havia nenhuma luz acesa no quintal, exceto a da parte funda da piscina, que lançava um brilho branco azulado sobre a pele de Solomon. Ele mergulhou os pés na água e ficou olhando os círculos que se afastavam e se transformavam em minúsculas ondinhas cintilantes, e fechou os olhos para escutar o único som que conseguia ouvir, o da água lambendo as laterais da piscina.

Pensou em dormir ali fora de novo, em se enrodilhar na espreguiçadeira e deixar-se ser despertado pela luz do sol no dia seguinte. Sentira falta do sol; percebia agora o quanto fora idiotice acreditar que conseguiria passar a vida sem isso. Sentiu uma pontada de culpa quando olhou em torno do quintal, traçando o topo da cerca com os olhos. Talvez, o tempo inteiro, fosse possível ter saído; aquilo lhe parecia tão fácil agora. A única coisa que ele precisou fazer foi dar um passo, e então foi como se nada daquilo houvesse parecido impossível antes, como se ele não tivesse passado três anos inteiros sem tocar na grama com os pés, nem sentir o sol na pele, nem estremecer com a brisa da noite. Será que isso é que era melhorar? Se ele só precisava fechar os olhos e dar mais um passo para que tudo ficasse bem, por que simplesmente não conseguia fazer isso? Por que não conseguia arrancar aquilo como um band-aid? Por que a mera ideia de atravessar a porta da entrada ainda lhe dava a impressão de que seu coração iria implodir?

– A única coisa que eu preciso é disso aqui – disse ele em voz alta para a escuridão do quintal, mas não tinha certeza se ainda acreditava naquilo.

No dia seguinte, Solomon acordou com a voz da avó ecoando pelo corredor e alcançando o seu quarto. Como seus pais estavam trabalhando, ele sabia que ela devia estar falando ao telefone com algum cliente ou coisa do tipo, provavelmente num tom de voz bem alto só para despertá-lo.

Alguns minutos mais tarde, quando Solomon entrou na cozinha, ela estava sentada na bancada com os óculos de leitura empoleirados na ponta do nariz, segurando um jornal. Por um instante não o viu e continuou lendo, cantarolando consigo mesma, baixinho.

– Vó?

Ela atirou o jornal para o canto, ficou de pé num pulo e atravessou depressa a cozinha para abraçá-lo. Plantou um enorme beijo estalado na bochecha do neto e depois tornou a apertá-lo, com tanta força que ele ficou sem ar.

– Tá bem, tá bem – disse Solomon, recuando. – A senhora está me assustando.

– Olha só pra você! Já está bronzeado!

– Eu tô é queimado de sol.

– Queimado de sol, que seja! Você está com cara de quem está é vivo, rapaz! Como se alguém tivesse te resgatado do reino dos mortos!

– Poxa, valeu – disse ele. – Trouxe maiô? Aquela piscina é sensacional.
– Não, não; preciso mostrar três casas até as cinco da tarde. Só passei aqui para ver com meus próprios olhos.
– Ver o quê, a piscina?
– Tá brincando? Piscinas eu já vi milhares nesta vida, Solomon. Eu queria ver você lá fora. Anda logo, que eu estou muito ocupada.

Ele pisou no quintal e ela repetiu mais uma vez o lance do abraço e do beijo estalado. Ele agradeceu pela piscina, mas a avó não queria saber de agradecimentos, só queria tirar fotos dele na grama, e perto da cerca, e sentado sobre o trampolim. Quando terminou a sessão de fotos, o rosto de Solomon estava dormente de tanto sorrir.

– Senti falta das montanhas – disse ele, apontando a distância.
– Nunca gostei delas – disse a avó. – Não entendo o fascínio.
– É mesmo? Eu adoro!
– Bem, quando me mudei para cá eu sempre quis morar na beira da praia. E morei mesmo, sabia? Na época em que estava tentando a carreira de atriz, eu e umas amigas alugamos uma casa em Long Beach. Não era uma praia tão linda assim naquela época, mas o lugar cabia em nosso bolso e ficava perto o bastante da cidade para podermos fazer nossos testes de escala de elenco e trabalhar em nossos verdadeiros empregos... de garçonne.

– Então por que a senhora se mudou para cá?
– Por causa do seu avô. Esta era a cidade dele e ele não queria morar em nenhum outro lugar. Deixou isso bem claro quando nos conhecemos, e, apesar de saber que não era o melhor a fazer, eu me casei com ele mesmo assim.

– A senhora sabe que o amava – disse Solomon. – Por que está sempre falando mal do vovô?

– Posso lhe contar um segredo?
– Pode.
– Porque isso torna as coisas mais fáceis. Se eu fingir que ele me tirava do sério o tempo inteiro, deixo de sentir tantas saudades. Funciona. Talvez não seja legal, mas funciona.

– Eu gostaria de ter conhecido o vovô.
– Ele adoraria você. Você é... como ele era. Reservado, na maior parte do tempo, mas, se o pegasse no humor certo, era capaz de conversar por horas e horas. Contava histórias até ficar com o rosto azul, sem ar: “Já ouviu aquela do...?” e blá-blá-blá. Eu vejo a mesma coisa no seu pai também.

– Três gerações de malucos.
– Um legado de loucura – disse ela.
– Um brasão de gente quente.
– Você venceu.
– Vai me obrigar a nadar também? – perguntou ele. – Acho que meu calção de banho está na máquina de lavar.

– Não – disse ela. – Só me prometa que não vai se afogar nessa piscina cara e maravilhosa quando estiver sozinho aqui de dia, certo? Não me faça carregar *essa* culpa pelos próximos vinte anos da minha vida.

– Aposto que a senhora vai viver mais do que vinte.

– Shhh – cortou ela. – Sou um dinossauro. Vem me dar um abraço para eu poder sair e recuperar o estrago que fiz na sua herança.

Quando ele ficou sozinho, nem se importou em apanhar o calção. Simplesmente voltou até a piscina, atirou o pijama e a camiseta no chão e saltou na água. Nadou por um tempo, de vez em quando fazendo pausas para flutuar de costas e se aquecer com o sol antes de voltar a mergulhar até o fundo e dar cambalhotas ao subir à superfície. Não ouviu a campainha tocar lá dentro, portanto tomou um susto daqueles quando subiu para respirar e viu Clark Robbins parado na beira da piscina com um sorriso enorme no rosto.

– Puta que o pariu! – gritou Solomon, cobrindo rapidamente as partes íntimas com as duas mãos e voltando a mergulhar.

Pensou que podia ser uma alucinação, algum efeito estranho de nadar depois de tanto tempo de abstinência. Porém, ao abrir os olhos, viu a imagem embaçada do seu amigo olhando para ele. Então, justamente no momento em que estava prestes a subir para respirar, Clark pulou na piscina.

Quando sua cabeça emergiu da água, ele viu as roupas de Clark, *todas* as suas roupas, no chão. Olhou para o lugar onde o amigo pulara e observou o vulto brilhante nadando até o fundo da piscina. Ficou com vergonha e paranoico demais para mergulhar a cabeça e tentar enxergar melhor, mas que pensou em fazer isso, pensou.

A cabeça de Clark surgiu na superfície perto do trampolim, em seguida ele olhou para Solomon e sorriu.

– Não me julgue, está frio pra cacete aqui.

– Não estou *olhando* – disse Solomon, depressa. – Como você entrou?

– A porta estava destrancada – disse ele, começando a nadar em direção a Solomon.

– Que estranho.

Foi a primeira vez que Solomon esqueceu-se de trancar a porta da casa. Na vida. E, se um Clark peladíssimo não estivesse nadando em sua direção, ele teria tido tempo para surtar com *aquilo* também.

– Quer dizer que toda essa historinha... de pedir uma piscina e tudo o mais... era só pra nadar pelado, hein?

– Com certeza – disse Solomon. – Você me pegou. Vou lá dentro apanhar meu calção e volto já.

– Não tem ninguém aqui, só a gente.

– E Lisa?

– Disse que não estava se sentindo bem e me falou para vir lhe fazer companhia.

Solomon, ainda nu e ainda cobrindo as partes com as duas mãos, olhou para sua toalha, que parecia impossivelmente distante, largada sobre uma espreguiçadeira. Clark estava nadando ao redor da piscina atrás dele, como se fosse a coisa mais normal do mundo.

Solomon ficou parado um instante, incapaz de se mexer, constrangido e confuso e atônito demais para fingir que não estava olhando para Clark. Mas como poderia não olhar? O cara estava pelado, nadando ao redor dele. Era tipo o sonho de qualquer gay transformado em realidade – um atleta nu flutuando pelo quintal. Ou talvez fosse apenas o sonho de Solomon com aquele atleta em particular. Enfim, não importa: aquilo estava acontecendo e seus olhos não sabiam para onde ir.

- Ei – disse Clark, nadando para perto dele. – Você está vermelho.
- É do sol – disse ele, esforçando-se ao máximo para não olhar para baixo.
- Vou pôr o short.

Com ambas as mãos, Clark se apoiou para sair da piscina e Solomon o observou enquanto ele caminhava pelo quintal, a bunda branca e nua à mostra para toda a vizinhança. Apanhou o calção de banho que deixara secando sobre a cerca na noite anterior.

E, uma vez que Clark estava olhando para outro lado, Solomon rapidamente saiu da água e enrolou na cintura a toalha mais próxima.

- Vou lá apanhar o meu – disse, atravessando o jardim e entrando na casa.

Clark estava dentro da água plantando bananeira quando ele voltou. Esperou que subisse para respirar e então tornou a entrar na piscina, depois nadou até a parte rasa e sentou-se em um dos degraus.

- Tá tudo bem, cara? – perguntou Clark, nadando na direção de Solomon.

- Tá – respondeu ele, de modo nada convincente. – Tudo ótimo.

– Ei, escuta, estou acostumado com os caras no vestiário e moro numa casa com três irmãos. Eu não devia ter feito isso.

- Não tem problema – disse Solomon. – É que... sei lá, desculpe por ter ficado estranho.

- Sol – disse Clark, aproximando-se. – Tá tudo bem. Pode olhar, só não pode tocar.

- Canalha – disse ele, sorrindo contra a vontade.

– Agora, falando sério: desculpe por te deixar constrangido. Você pra mim é como um irmão. Eu nem pensei duas vezes, só isso.

Solomon mergulhou, abriu os olhos embaixo d'água e deixou aquelas palavras ecoarem, imergirem nele e depois nadarem pelos seus pensamentos: *como um irmão*.

Afastou aquela ideia e desafiou Clark para uma corrida. Clark ganhou, óbvio, mas Solomon surpreendentemente chegou bem perto, ainda mais sendo alguém que não praticava havia tanto tempo. Além disso, por mais que tentasse não se abalar, a visão de Clark movendo-se na água o distraía. Gostava do modo como o cabelo dele ficava quando molhado, todo para trás como um astro do cinema de antigamente. E ficou fascinado com o pequeno trecho de pelos escuros que estava crescendo no meio do peito de Clark.

– Não vi esses pelos nas fotos do time de polo aquático que a Lisa me mostrou – comentou Solomon.

- É que eu raspo na temporada. Não me zoe.

- Ei, não tenho nem um pelinho sequer no meu peito, cara. Te respeito.

– Meu pai parece um urso quando está sem camisa. Tenho tanta inveja – disse Clark. – Eu queria, sabe, ser peludo como um homem das cavernas, ter aquele tipo de pelo que paira no seu corpo inteiro, sabe como é? É o mais másculo que existe.

- E por que você precisa ser tão másculo assim?

– Bom, a Lisa nunca vai admitir, mas é do que ela gosta. Ela curte um tipo de cara mais selvagem. Talvez eu devesse deixar a barba crescer.

- Acho que chamam isso de estilo *lumbersexual*, tipo lenhador – disse Solomon.

– Legal – disse Clark. – Quero ter barba e ficar bem peludo, depois vou me casar com a Lisa e a gente vai se mudar para Portland e construir uma casinha.

- Esse é seu sonho?

– Acho que sim – disse Clark, dando em seguida uma cambalhota para trás na água.

Solomon ficou quieto depois disso, mas esforçou-se para falar o suficiente para Clark não perceber nada. Sentia muita raiva de si mesmo por ter deixado aquilo acontecer, por sentir o que sentia em relação a Clark. Por mais que tentasse, porém, não conseguia deixar de sentir aquilo. E, muito tempo depois de Clark haver voltado para casa, Solomon ficou acordado na cama, sem saber se todo mundo um dia se apaixona por alguém que não pode retribuir aquele amor.



VINTE E DOIS

LISA PRAYTOR

Lisa fingiu que estava doente para não ser obrigada a passar mais um dia assistindo a Solomon Reed roubar seu namorado. E aquele tipo de pensamento lhe disse que ela precisava conversar com alguém. Esse alguém tinha que ser Janis. Não a Janis do acampamento – movida pela raiva e pelo ciúme –, mas a Janis que ela conhecera toda a vida, que às vezes era capaz de suspender seu julgamento moral o suficiente para dizer a coisa certa.

Quando Lisa bateu à porta da casa dela, fechou os olhos e virou a cabeça para o lado, quase esperando que ninguém viesse atender.

– O que é? – exclamou Janis, escancarando a porta.

– Oi.

– O que é que você quer, Lisa?

– A gente precisa conversar.

– Não precisa, não.

Lisa sabia o que tinha que fazer. A única maneira de voltar a ficar bem com alguém como Janis, que adorava um bom drama, era dando-lhe um show de descontrole emocional. Era das lágrimas que a amiga obtinha a sua força, e Lisa estava preparada para pagar o preço.

Portanto, silenciosamente deu um passo à frente e abraçou Janis pelo pescoço, apoiando o máximo do seu peso sobre os ombros da amiga. Lisa queria dar um show de interpretação, mas não esperava que a represa fosse se romper daquele modo: sem perda de tempo, ela e Janis estavam soluçando nos braços uma da outra.

Não demorou para que fizessem as pazes. Eram mais parecidas com irmãs do que poderiam admitir, e por isso já tinham tido uma boa cota de arranca-rabos no passado. Lisa convidou Janis para almoçar e ficou esperando a amiga se arrumar, depois a levou para uma sanduicheria no centro da cidade. Elas se sentaram numa mesinha ao ar livre e Lisa olhou o cardápio enquanto Janis mandava uma mensagem de texto para alguém, os dedos digitando na tela furiosamente. Em dado momento, soltou uma gargalhada e continuou escrevendo, ignorando completamente tanto Lisa quanto as pessoas ao seu redor.

– Com quem você está falando? – perguntou Lisa.

Janis pousou o celular com a tela para baixo e deu um sorriso enorme e matreiro para a amiga.

– Ah, pensei que você nunca iria me perguntar. Tô namorando.

– *O quê?* Que maravilha!

– Ele se chama Trevor Blackwell. A gente se conheceu no Acampamento Cristo Renascido.

– No ano passado?

– ã-hã. Só que ele tinha namorada, então esperei, rezei e aí, umas duas semanas atrás, ele

me mandou uma mensagem dizendo que os dois tinham terminado o namoro. Você precisa ver esse cara! Parece um modelo!

Janis pegou o celular, clicou algumas vezes e entregou-o para Lisa. O cara era bonito, mas nada de mais, do jeito como o melhor amigo de uma garota seria em todos os filmes que vocês já assistiram. Lisa, porém, inflou o ego de Janis.

– Ele é *tão* gato, Janis! Que sorriso. Nossa, acho que *eu* devia ir para esse acampamento também.

– A gente se conheceu durante uma reconstituição da crucificação.

– O primeiro encontro de vocês foi numa crucificação?

– Numa reconstituição – corrigiu Janis. – E não foi um encontro, foi amor à primeira vista.

Lisa imaginou os dois pombinhos de pé na floresta enquanto, ao fundo, dois alunos do ensino médio fingiam chicotear um cara vestido de Jesus.

– Que legal, Janis. Você parece muito feliz.

– E estou mesmo! – disse ela, apanhando o celular de volta. – Só queria que ele morasse mais pertinho.

– E onde ele mora?

– Em Tustin. Mas parece que é em Júpiter.

– Ah, não é assim *tão* longe – disse Lisa. – Fica a tipo uma hora daqui.

– Uma hora é uma eternidade quando estamos apaixonados assim! Mas a gente vai se ver no acampamento na semana que vem.

– Janis, por favor, não vá engravidar num acampamento cristão.

– Dá pra imaginar? Minha mãe me mataria.

– Você poderia chamar a gravidez de milagre, como o da Virgem Maria...

– Nossa, meu Deus, não tinha pensado nisso.

Depois do almoço, elas foram para uma sorveteria de *frozen yogurt* do tipo self-service que ficava na esquina. Teve uma época em que costumavam ir sempre ali, depois da escola e às vezes também aos domingos. Era estranho voltar lá depois de tanto tempo, e Lisa estava se sentindo meio assoberbada com todo o falatório de Janis.

– Então, como estão seus namorados? – perguntou Janis.

– Bem. É... tipo... bem.

– Escuta, desculpe pelo que eu disse, tá? Não foi justo. E não é como se eu realmente soubesse de alguma coisa, né?

– Não sei. Talvez você estivesse certa mesmo – disse Lisa, mais alto do que fora sua intenção, depois abaixou a cabeça para esconder o rosto entre os braços.

– O quê?

– Acho que pode ser que eu estivesse errada – disse ela, ainda com o rosto coberto.

– Ele é gay? – perguntou Janis num sussurro, inclinando-se para baixo.

Lisa levantou a cabeça e deslizou o corpo para baixo, na cadeira de plástico.

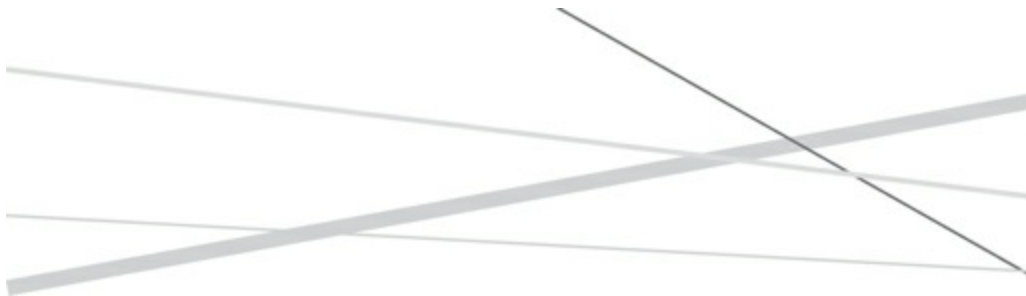
– Não sei. Ele fica o tempo todo com o Sol. O tempo *todo*! E, quando não está com ele, está falando nele ou planejando coisas para fazer com ele. Eu não percebia nada, mas agora acho que é tarde demais.

– Bem. A pessoa já nasce gay, então, se for mesmo verdade, já era tarde demais há muito tempo, Lisa.

- Acho que sim.
- Por outro lado, passar o tempo todo com o cara não significa que ele seja gay. Talvez eles sejam... dois solitários que tenham se encontrado, sei lá.
- É verdade.
- Então talvez você esteja vendo coisa onde não existe. Precisa ter certeza antes de decidir qualquer coisa.
- O que posso fazer? Eu amo o Clark, ele sabe disso. Mas estamos nos estranhando agora.
- Se Clark fosse gay, mentiria para você?
- Pois é, essa é a parte que não consigo entender. Mesmo que ele estivesse mentindo, eu não deveria ser mais compreensiva? Não posso fazer o cara sentir culpa por ser quem ele realmente é.
- Existe uma diferença entre ser você mesmo e trair alguém. Acha que o Clark faria isso com você? E quanto a você e o Solomon, não são amigos próximos? Acha que *ele* faria isso com você?
- Acho que não – disse Lisa. – Mas e se não for culpa deles?
- Então pelo menos você consegue sua bolsa de estudos.
- Pensei que você *não concordasse* com isso!
- E não concordo, mas... é uma perspectiva singular. Além do mais, você angariaria um monte de gente pro seu lado se investisse numa história do tipo “garoto maluco roubou meu namorado”.
- Clark não quer que eu leve a redação adiante. Disse que iria contar tudo para o Sol se eu escrevesse a redação. Mais um motivo para eu achar que Clark se importa mais com ele do que comigo.
- De jeito nenhum – disse Janis. – Ele só está fazendo a coisa certa.
- Eu sei. Então acho que eu devia simplesmente contar a verdade para o Solomon, né? E torcer para que isso não reverta todo o avanço que ele já fez.
- E ele fez avanços?
- Ah, sim. Agora ele já sai para o quintal.
- E você acha que isso aconteceu por sua causa?
- Acho que Sol precisava de um empurrãozinho e eu lhe dei isso – disse ela, cheia de confiança.
- Lisa, se ele descobrir que você mentiu, acha que poderia ficar pior do que estava antes?
- Não sei. É disso que tenho medo.
- Tá, espera só um segundo – disse Janis. – Quer dizer que você acha que Clark não te perdoaria se você escrevesse a redação sem a permissão do Solomon, mas isso poderia arruinar tudo?
- É mais ou menos por aí – disse Lisa, olhando para o chão, sem expressão. – E se eu escrever a redação sem o consentimento de Sol, Clark vai contar tudo para ele mesmo assim.
- Certo. Vou rezar – acrescentou Janis.

Lisa sabia que precisaria de mais do que uma oração se não quisesse abrir mão nem de Clark nem de Solomon e nem da redação. No mundo ideal, Solomon ficaria emocionado por ela ter escolhido localizá-lo e ajudá-lo. E Clark ficaria tão impressionado com a sua maturidade e sinceridade que também seria sincero com ela, ou acordaria e pararia de fingir que não estava

nem aí para o namoro dos dois. Só que este não era um mundo ideal: era o mundo do qual Solomon Reed tivera de fugir, e quanto mais Lisa pensava nisso, menos ridícula aquela ideia lhe parecia. Afinal, não é verdade que ela também estava tentando fugir daquela pequenina parte do mundo que a assustava?



VINTE E TRÊS

SOLOMON REED

Às vezes Solomon tinha crises de culpa. E não conseguia conversar com ninguém a respeito, porque receava que aquilo só fosse piorar tudo. Solomon via as coisas assim: ele não tinha nenhum problema de verdade. Tinha gente que estava morrendo de fome, gente com doenças graves, gente que perdia a casa em incêndios ou tornados ou desapropriações. Ele não passava de um garoto mimado de uma região abastada que era tenso demais para lidar com o mundo real.

Quando Lisa e Clark apareceram, porém, as coisas melhoraram. Melhoraram muito. Mas isso não ajudava a aliviar a culpa. Na verdade, sempre que eles iam embora, Solomon sentia uma dor aguda no estômago, lembrando-o de que aquilo era o máximo que ele poderia ser para os dois. E sentia medo, também. Medo de que estivessem esperando que ele mudasse ainda mais do que havia mudado. Claro que ir para o quintal o revigorara, mas não o fizera sentir vontade de sair de casa de fato. A vontade aumentou, óbvio, mas o caminho era longo e Solomon sabia disso. Agora, ele tinha tudo o que precisava para viver *e ainda por cima* amigos que vinham visitá-lo, convidados ou não. Não sabia ao certo se isso era um passo na direção que todos desejavam, mas nutria esperanças de que um dia ele conseguiria, um dia acordaria sentindo que o que ele tinha não era mais o suficiente.

Solomon não sabia como era se apaixonar. Já vira aquilo acontecer um milhão de vezes – de forma grandiosa, emocionante e bela na televisão e no cinema –, mas sempre se perguntara como seria pensar tanto assim em alguém, perder-se tanto em outra pessoa. Agora, tinha a impressão de já saber.

Um dia depois de ter nadado pelado na piscina com Clark, de improviso, Solomon telefonou para a avó. Chegou a hora, decidiu. Contaria sobre o que sentia por Clark e ela lhe diria alguma pérola de sabedoria, algum provérbio sulino que faria todo o sentido para ele e colocaria as coisas em perfeita perspectiva. Ou isso, ou ela lhe faria alguma pergunta inapropriada sobre sexo entre homens e ele ficaria constrangido demais para continuar a conversa.

– Imobiliária Joan Reed. Nós o levaremos até sua casa – atendeu ela.

– Oi, vó.

– Michael Phelps? É você?

– Engraçadinha. Quer almoçar com o seu neto?

– Ora, ora, se não é uma ótima surpresa. Finalmente você arrumou um tempinho para mim?

Que foi, os seus amigos se afogaram na piscina?

– Pensei que *a senhora* é que quisesse que eu tivesse amigos.

– E quero mesmo. Você sabe que eu só estou pegando no seu pé. O que vai ser, In-N-Out Burger?

– Leu minha mente.

Quando sua avó chegou, insistiu que eles comessem seus cheeseburgers ao ar livre, no pátio dos fundos. Solomon ficou com medo de nunca mais passar tempo com a avó dentro de casa novamente.

- O que está passando pela sua cabeça? – perguntou ela, dando uma mordida.
- Nada.
- Você não me convida para almoçar desde que tinha catorze anos. Que bicho te mordeu?
- Como é?
- O que está te incomodando? Me dá uma pista, Solomon. Uma pista.
- Desculpe. Hã... acho que estou apaixonado.
- Tá brincando – disse, deixando o sanduíche cair no prato. – Pela Lisa?
- Pelo Clark – disse ele, com a voz trêmula.
- Mentira! – exclamou ela, quase gritando. – Mal posso esperar para contar para as minhas amigas! Sou a primeira que tem um neto gay, elas vão *morrer* de inveja!
- Inveja?
- Meu querido, por favor. Sou descolada. Acha que sua avó nunca dançou em West Hollywood antes?
- A senhora dançou?
- Os gays me adoram! Acho que deve ser o sotaque.
- Com certeza é o sotaque – concordou ele. – Enfim, então... o Clark.
- Você consegue coisa melhor – disse ela, sem rodeios.
- Não, vó. Não é nada disso. Ele é hétero.
- Entendo. Isso é complicado. Além de namorar, você precisa descobrir quem joga no seu time. Deve ser muito cansativo.
- E também não quero magoar a Lisa.
- Claro que não. Ela tem sido ótima com você, Sol.
- Eu sei.
- Tem certeza de que ele não está... você sabe... parado na *sua*? – perguntou ela.
- Primeiro, por favor não fale assim. E, sim, tenho certeza.
- Bom, não sei o que dizer. Para mim, parece estranho um garoto hétero passar tanto tempo com um garoto gay. Por outro lado, só de dizer isso já acho que estou completamente enganada.
- Eu também.
- Ele é seu *melhor* amigo, Sol? – perguntou ela. – Vocês dois conversam sobre tudo?
- Quase tudo.
- Então você já sabe o que precisa fazer.
- Conversar com ele?
- Exatamente.
- Valeu, vó. Acho que você tem razão. Não quero perdê-lo.
- Mas tome cuidado. Não se magoe demais. Somos aquilo que somos. Você, mais do que ninguém, sabe disso.

Solomon sabia que, no momento em que contasse para a sua avó que era gay, aquilo deixaria de ser um segredo. Vocês se lembram de que ela gostava de fofoca tanto quanto Solomon

gostava de *Star Trek*... dessa maneira, o plano dele desde o início fora revelar o fato para todo mundo. Mas como? Como se conta às duas pessoas que sabem tudo sobre você que, na verdade, elas *não* sabem?

Entrou na cozinha e subiu na bancada. Ficou observando os pais picando legumes em silêncio, até eles perceberem sua presença.

– E aí, filho? – disse seu pai por fim.

Então foi isso o que saiu de sua boca:

– Mãe, pai. Tem um episódio de *A Nova Geração* que se chama “Inquisição”. Nele, o técnico em medicina Tarses é acusado de sabotar a nave. O investigador, um cara super linha-dura, conta para todo mundo que Tarses mentiu durante o processo seletivo para a Academia da Frota Estelar dizendo que era um quarto vulcano, quando, na verdade, ele era um quarto *romulano*.

– Que fascinante – brincou o pai.

– Certo... onde eu estava mesmo? – Solomon olhou em volta, como se as palavras estivessem passando diante dele no ar e ele estivesse tentando lê-las. – Certo. Os romulanos. Nossa, o que posso falar primeiro sobre os romulanos? Bom, as coisas não são ótimas pra eles o tempo todo, entendem? Há muito ressentimento... mas não confundam com o *Star Trek* original, porque naquela série os romulanos são *sempre* os vilões. E nas versões para o cinema, *idem*. Vocês assistiram às versões para o cinema?

– Sim – disse sua mãe, confusa. – Mas a gente não está entendendo nada, Sol.

– Enfim. Ser vulcano é... melhor, certo? Porque os vulcanos são pacíficos, lógicos, prezam a razão sobre a emoção. Enquanto os romulanos são ultraemotivos. Intensos, espertalhões. É isso que os *motiva*. Estão sempre brigando e causando um monte de encrencas. Os roteiristas foram muito inteligentes, porque fizeram os romulanos serem uma espécie de contraponto aos vulcanos, só que ambos têm a mesma ascendência. É complexo. Eu poderia ficar dias falando sobre esse assunto.

– Mas isso seria altamente ilógico – disse seu pai, com voz robótica.

– Boa! – disse Solomon. – Mas entendem como mentir que se é *um* quando na verdade se é *outro* pode fazer você entrar em atrito com a Federação?

– Claro – disse sua mãe. – Mas o que isso tudo tem a ver com a gente, Sol?

– Tem a ver com o fato de que Tarses mente a respeito de quem ele é, e dá pra ver como a culpa o corrói. Dá pra ver na cara dele. E ele diz que carregará esse erro consigo para o resto da vida.

– Desembucha logo – disse sua mãe.

– Não quero cometer esse mesmo erro, entendem? Não quero mentir sobre quem eu sou, ainda que isso não influencie em nada. É quem eu sou. É parte de mim.

– O que é? – quis saber seu pai.

– Acho que vocês já sabem.

Pouca gente diria que Solomon Reed é um cara de sorte. Ele sofria de ansiedade debilitante e problemas no estômago, e estava apaixonado pelo seu melhor amigo hétero. Só que, no departamento pais, ele tinha ganhado na loteria. E por isso sempre soube que, quando contasse tudo aos dois, eles se comportariam como se aquilo não fosse nada de mais, como se não mudasse nada. Diriam que o amavam exatamente como ele era, que não havia como não

amarem.

E foi exatamente o que fizeram.



VINTE E QUATRO

LISA PRAYTOR

Fazia dois dias que Lisa não visitava Solomon, e sabia que provavelmente ele estava meio desnorteado com isso. Ou, quem sabe, talvez não precisasse mais tanto dela. Talvez ninguém precisasse. Mas *ela* precisava dele – ao menos até conseguir dar o fora daquele lugar de uma vez por todas. Lisa precisava ser racional nessa questão e parar de deixar que sua paranoia sobre Clark e Solomon colocasse em risco todo o seu plano. Estando os dois apaixonados ou não, ela não podia permitir que Solomon descobrisse sobre a redação, caso contrário talvez ele jamais se recuperasse.

Ela precisava tentar, mais uma vez, convencer Clark de que guardar segredo era o melhor a fazer. Não seria fácil, entretanto, ainda mais se ele também estivesse guardando um segredo. Porém, por enquanto, ela precisava apostar que Clark ainda era seu e que o bom e velho charme de Lisa Praytor consertaria as coisas.

Pouco antes de sair para a casa de Clark, Lisa decidiu checar seus e-mails. O serviço de webmail estava *logado* na conta de Clark, o que não era nada surpreendente, isso acontecia o tempo todo. Como ele não tinha laptop, vivia pegando emprestado o dela quando ia para a sua casa. Depois que as aulas acabaram, ela deixava Clark levar o laptop com ele para casa quase sempre.

Ela estava prestes a fazer *logout* quando a curiosidade a venceu e ela começou a fuçar a caixa de entrada dele. A maioria das mensagens era de Solomon. Ela não ficou surpresa, porque era o mesmo com a sua própria caixa de entrada – Solomon era meio insone e por isso ficava acordado até bem tarde, enviando e-mails para os dois com links para vídeos engraçados ou artigos sobre coisas bobas como um café que se produz a partir das sementes encontradas nas fezes da civeta asiática.

Lisa leu alguns dos e-mails antes de ter a ideia de clicar na pasta Enviados. Ao fazer isso, a primeira mensagem que encontrou tinha sido escrita por Clark na noite anterior para Solomon.

Sol,

Tava pensando sobre ontem e só queria pedir desculpas de novo se eu deixei você sem jeito. Vamos nadar amanhã. De calção. Ha-ha.

Clark

Por um único segundo, Lisa pensou em chorar, mas sua síncope na casa de Janis havia acabado com seus dutos lacrimais. Então, em vez disso, ela desceu as escadas, entrou no carro e atravessou a cidade até a casa de Clark. Ficou parada diante da porta por alguns minutos antes de bater, tentando convencer-se a esperar um pouco até não estar tão magoada para

conversar com ele sobre aquele assunto. Lisa só precisava que ele confessasse. Se Clark mentisse para ela, partiria seu coração. Em determinado momento, em vez de bater, ela decidiu apenas abrir a porta – que estava sempre destrancada – e foi até o quarto dele.

– Tem alguma coisa que você queira me dizer? – perguntou ela, da porta.

– O quê? – Clark se virou rapidamente para encará-la. Estava sentado no chão, jogando videogame.

– Por que você ficou pelado na casa do Solomon?

– Tá brincando? Como ficou sabendo disso?

– Li seu e-mail. Responda a pergunta.

– Você leu meus e-mails? – perguntou ele, levantando-se do chão. – Por que você faria uma coisa dessas?

– Olha, que bom que eu fiz, porque senão você tentaria protelar isso por mais tempo ainda.

– Protelar o quê? Será que dá pra você por favor me dizer que diabo está acontecendo aqui?

– Quer me explicar o que significa aquele e-mail?

– Cheguei na casa do Sol ontem e o cara tava nadando pelado na piscina, por isso eu também tirei meu short e fui nadar junto com ele. Achei que seria divertido.

– Não é.

– Ah, é um pouco sim – disse Clark. – Sol estava ali, nadando pelado. Eu adoro aquele cara, ele é tão bizarro. Imaginei que não teria nada de mais... você sabe que eu não sinto vergonha. Passei a maior parte da vida usando sunga na frente de estranhos.

– Mas ele é gay. Não se tira a roupa na frente de garotos que curtem garotos.

– Quem você é, a minha avó? – disse ele. – Só porque sou um cara não quer dizer que ele vai pular em cima de mim!

– Tem razão – disse ela. – Só que está mais do que na cara que ele se apaixonou por você, e não tenho certeza se esse sentimento não é mútuo.

– Ah, é? – perguntou Clark, esticando as costas. Ela não sabia se alguma vez já o vira assim tão bravo. – Então o que você veio me perguntar aqui *na verdade* é se *eu* sou gay?

– A gente costumava ficar junto o tempo todo, sabe, mas agora eu só te vejo quando estamos na casa de Sol. Tenho a sensação de que é como se eu te apanhasse, te levasse pra creche e depois te trouxesse de volta pra casa. E na maior parte do tempo só fico assistindo a vocês dois suspirando um para o outro.

– Não é culpa minha se a gente curte as mesmas coisas. Foi você quem nos apresentou. E se é por causa disso que você acha que eu sou gay, então talvez você devesse ser a última pessoa no mundo a estar tentando ajudar alguém.

– Por que você não consegue simplesmente me contar a verdade, Clark?

– Você está convencida mesmo, né? Caramba.

– Bem, da última vez em que *eu* te vi sem roupa, você só queria se vestir o mais depressa possível. E agora descubro que ficou pelado na casa de Solomon como se não tivesse nada de mais.

– Porque não tem mesmo – disse ele, levantando a voz. – Sério que você é assim *tão* insegura?

Lisa ficou em silêncio por alguns segundos, observando Clark ali parado. Ele estava tão exaltado que seus olhos lacrimejavam. Ele olhou para baixo com uma expressão de profundo

desapontamento.

– Se você não é gay, então qual é o problema entre a gente? – perguntou ela, baixinho.

– Não sei – disse ele. – Você não para de falar em dar o fora daqui. E nós dois sabemos que mesmo que você consiga entrar em Woodlawn, as chances de eu estudar em algum lugar próximo são bem pequenas.

– Não tenho como pagar. Preciso da redação para ganhar uma bolsa.

– Tenho certeza de que você consegue pensar num outro jeito.

– Pouco provável – disse ela, levantando-se. – Acho que estou ficando louca, de verdade. Vejo o jeito como vocês dois se olham. O jeito como ficam quando estão juntos. É tão óbvio!

– Escuta, não é minha culpa se o Sol gosta de mim, tá legal? Não é minha culpa mesmo.

– Mas você continua frequentando a casa dele – disse ela. – Não acha que existe algum motivo pra você gostar tanto de ficar lá?

– Claro – disse ele. – É porque finalmente arrumei um amigo que não é completamente egocêntrico.

– Clark, por favor... seja quem você é que eu vou continuar te amando.

– Saia – disse ele, na mais perfeita calma. – Ah, meu Deus do céu, saia logo. Pra mim chega.

Clark fechou a porta do quarto quando ela saiu, e Lisa atravessou lentamente o corredor até chegar à porta de entrada. Passou por Drew, que estava praticando basquete e fazendo cestas na frente da casa, mas Lisa não disse oi e fingiu que a menina não estava ali. Entrou no carro e foi embora.

Se ele estivesse dizendo a verdade, então isso significava que havia deixado de gostar dela por outro motivo, mas Lisa simplesmente não estava preparada para aceitar isso. A única explicação lógica para os atos de Clark seria que as suspeitas dela estivessem corretas. Ele podia negar o quanto quisesse, mas assim que mandou Lisa ir embora, ela soube que já não o conhecia mais.

Clark obviamente sentia medo demais de admitir a verdade. E por que não sentiria? Eles moravam numa cidadezinha repleta de conservadores de classe média, e a notícia de um atleta badalado do ensino médio que resolve sair do armário causaria espanto. Além do mais, ser o único cara gay no time de polo aquático não parecia o tipo de atenção que Clark desejaria ou necessitaria receber. Lisa entendia, portanto, por que era tão difícil para ele contar-lhe a verdade e por que pedir que ela fosse embora da sua casa fora a coisa mais inteligente que Clark poderia ter feito. Agora ela poderia ajudá-lo, apesar de toda a dor que isso lhe causaria.

Ela foi até a casa de Solomon e estacionou na calçada. Sabia que provavelmente ele devia estar lá fora e não escutaria a campainha tocar, por isso ela pulou a cerca dos fundos. Imediatamente, viu Solomon flutuando num colchão inflável no meio da piscina. Como ele estava de óculos escuros, ela só descobriu se estava dormindo ou acordado quando aproximou-se e ele virou-se na sua direção.

– Lisa! Graças a Deus! Tá tão quieto aqui.

– Oi – disse ela, tirando os chinelos e sentando-se na beira da piscina. Mergulhou os dois pés, e Solomon, em cima do colchão, foi remando com as mãos até ela.

– Que foi? Cadê o Clark?

– Em casa – respondeu ela. – A gente meio que teve uma briga.

– Ah. Não sabia que vocês dois brigavam.

- E não brigamos, em geral. Sei lá, ele anda agindo de um jeito estranho ultimamente.
- Estranho como?
- Bem, eu só o vejo quando ele está aqui. E, não é que eu não goste de ficar com você e tal, mas, sabe, seria bom passar um tempo só com o Clark.
- Imagina, eu entendo totalmente – disse Solomon, com uma expressão culpada.
- Acho que Clark está a fim de você – disse ela, mordendo o lábio ao dizer aquilo de uma vez.
- O quê? – Solomon tirou os óculos escuros.
- Acho que talvez ele goste de você do mesmo jeito que gostava de mim.
- Eu não acho, Lisa. Você precisa conversar com ele.
- Conheço o Clark há muito tempo e nunca o vi tão feliz como em todas as vezes que está aqui. Quando ele fica com você, é como se voltasse a ser uma criancinha. E não venha me dizer que você não sente o mesmo, porque eu sei que sente.
- Lisa, eu...
- Tudo bem. Não estou brava. Por favor, não pense que estou brava. Eu só não estava esperando que fosse recíproco da parte dele, só isso. Achei que estivéssemos a salvo.
- A salvo? Nossa.
- Não, não foi isso o que quis dizer.
- Eu saí do armário ontem pros meus pais. E pra minha avó também.
- É mesmo? Que demais, Sol.
- É? Ou será que é “perigoso”?
- Ah, dá um tempo.
- Não aconteceu nada, se é o que você quer saber. Eu nunca faria isso com você.
- Eu sei – disse ela. – Mas talvez você devesse.
- O quê?
- Acho que ele está na dúvida. Não quer me magoar, sei lá.
- Ah – disse Solomon, deslizando de cima da boia para a água. Nadou até Lisa e encostou-se na lateral da piscina, ao lado das pernas dela.
- Você ama o Clark? – perguntou ela, olhando para Solomon.
- Isso não importa.
- Importa, sim. Ama ou não? Acho que ama.
- Eu também acho. Sim – disse ele. – Desculpe.
- A gente nunca transou, sabia? Nem uma vez.
- Eu não sabia. A gente não conversa muito sobre esse tipo de assunto.
- Nunca? Não é possível que vocês só falem de jogos e televisão o tempo inteiro.
- Mas é mais ou menos isso, juro. Clark não é do tipo que gosta de conversas sérias, tenho certeza de que você sabe disso.
- Sei. Mas acho que ele está com medo, só isso. Talvez esteja esperando um sinal seu.
- Puta merda, isso é tão estranho! O que você quer que eu faça, Lisa?

Ela nunca tinha visto Solomon tão frustrado e, de repente, percebeu o quanto aquilo devia estar pesando para ele. Talvez todo aquele tempo já estivesse apaixonado por Clark. Se Janis encontrara sua cara-metade no Acampamento Cristo Renascido, então com certeza era possível que aqueles dois se apaixonassem jogando jogos de estratégia bobos e assistindo às séries

sobre viagens espaciais.

– Conte a ele o que você sente – sugeriu Lisa, segurando as lágrimas. Só que, de alguma maneira, elas conseguiram encher seus olhos.

– E se você estiver enganada?

– Eu nunca me engano – disse ela. – Me convença de que vocês dois não formam um casal perfeito e os deixarei em paz. Posso aprender a lidar com isso. Prefiro que seja você e não outra pessoa. Aí, quem sabe, talvez a gente possa dar risada dessa história um dia. Tipo: “Ei, lembra quando o Clark namorava a Lisa? Que erro, hein?”

– Ninguém vai dizer nada disso.

Então ela viu aquele olhar no rosto dele e se preparou para ajudá-lo a contar até dez, respirar devagar e sair da piscina. Só que daquela vez não era um ataque de pânico. Ele estava chorando.

– Eu me esforcei tanto para não me apaixonar por ele, Lisa. Por favor, acredite em mim – disse Solomon, baixinho.

– Eu sei – disse ela. – Não é fácil.

– Tá vendo por que sou assim? Vocês de fora são todos complicados demais.

– Você também está fora agora, e apaixonado, ainda por cima. Virou um de nós, meu chapa.

– Merda – disse ele. – Não vou conseguir fazer isso.

– Vai sim. Eu sei que vai. E mesmo que eu esteja enganada, não vai se sentir melhor por contar tudo a ele? Para isso parar de te torturar?

– Acho que sim – disse ele. – Mas e se o Clark nunca mais quiser falar comigo?

– Ele não é desse jeito – respondeu Lisa. – Ele é o Clark. Vai encarar numa boa.

– Mas se for verdade e ele não quis te contar, por que você acha que vai contar pra mim?

– Ele não vai precisar falar nada. Vocês dois irão simplesmente saber. O amor é assim.

– Bom, desde que botei o pé pra fora de casa, tudo começou a dar merda.

– Não tem como fugir disso.

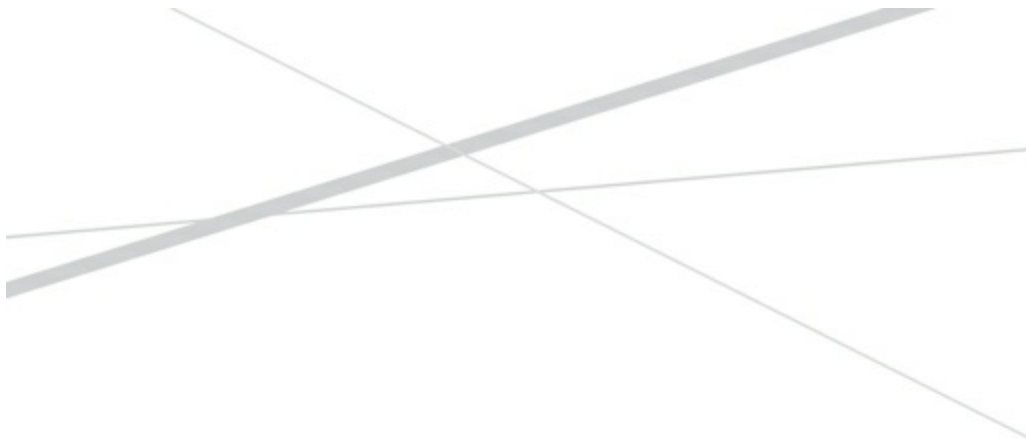
– Do quê?

– Da vida.

– Diga que você tem certeza – pediu ele. – Por favor.

Lisa considerou o pedido por alguns instantes. Tinha certeza de muitas coisas: de que queria se afastar o máximo possível de Upland, de que sua mãe sempre seria triste e solitária e de que Solomon continuaria melhorando, com ou sem ela. Eram inevitabilidades. O tempo iria provar. Mas e isso, seria inevitável também? Estariam Clark e Solomon destinados a ficarem juntos?

– Sim – disse ela. – Eu tenho certeza.



VINTE E CINCO

SOLOMON REED

Em todos os quesitos, Solomon estava se saindo melhor do que nunca. Tinha amigos, voltara a sair de casa e, em três anos, seus ataques de pânico nunca haviam sido menos frequentes. Tudo estava conspirando a favor dele, tendo em vista como havia passado os últimos anos, mas agora, ao pensar que talvez Clark secretamente retribuísse os seus sentimentos e o que isso poderia significar para os três, era inevitável que Solomon pensasse no quanto a sua vida continuaria a ser tranquila e segura se os dois nunca tivessem aparecido.

Ele não teve muito tempo para pensar no que faria, porém, porque uma hora depois de Lisa ir embora ele ouviu alguém esmurrando a porta da frente. Era Clark, coberto de suor, com o corpo dobrado ao meio, tentando recuperar o fôlego.

– Tá tudo bem? – perguntou Solomon, de dentro da casa.

– Eu... tá sim... eu só... – respondeu ele, ofegante. – Eu acabei de correr uns oito quilômetros, acho.

– Da sua casa até aqui?

– É.

– Impressionante.

– Tá fazendo um milhão de graus ou o quê?

– Entra – disse Solomon, afastando-se de lado. – Vou pegar uma água.

Clark o seguiu até a cozinha e virou dois copos cheios de água. Apoiou o corpo na bancada, o cabelo pingando de suor, e olhou para Solomon como se precisasse lhe dizer alguma coisa. Por uma fração de segundo, Solomon sentiu o coração se acelerar como se talvez aquilo estivesse prestes a acontecer – como se o mundo do qual ele fugira houvesse encontrado um jeito de enviar alguém só para ele. Clark só precisava dizer que sim.

– O que ela lhe contou? – perguntou Clark, em vez disso.

– Disse que vocês dois brigaram. – Solomon segurou as laterais da bancada onde estava sentado e tentou não deixar Clark perceber que ele estava tremendo.

– Ela contou por quê?

– Mais ou menos.

– Ela acha que estamos tendo um caso tórrido ou algo do tipo. – Clark começou a rir, mas parou quando viu a cara do amigo.

– Acho que eu te amo – disse Solomon, olhando para o chão.

– Ah. Não faça isso, cara.

– Por quê?

– Você sabe por quê.

– Ah, meu Deus – disse Solomon. – Ela se enganou.

– Desculpe – disse Clark.

– Pelo quê?

– Por... pelas coisas serem do jeito que são, sei lá. Desculpe por eu não poder ser diferente.

– Este é o dia mais bizarro da minha vida.

– Da minha também – disse Clark. – Por que ela não quer acreditar em mim?

– Não sei.

– A gente destruiu a sua vida, não foi? Simplesmente aparecemos, do nada, e trouxemos toda essa merda.

– Vocês não destruíram coisa nenhuma.

– Vai ficar tudo bem, tá legal? As coisas vão voltar ao normal e depois vamos dar risada de tudo isso.

– Vamos?

– Claro – disse Clark. – A menos que eu acorde gay um dia; aí todos sairemos no lucro.

Clark se retraiu, obviamente com medo de que aquilo não tivesse pegado bem. Mas Solomon sabia que ele estava apenas sendo Clark – o cara que sempre consegue encontrar um jeito de fazer você se sentir melhor.

– Nem pense nisso – disse Solomon. Não consigo acreditar que a Lisa tenha reagido assim.

– O que é que eu faço, cara?

– Você ainda ama a Lisa?

– Acho que sim.

– Você *acha*?

– Nunca me desapaixonei antes, por isso acho que ainda amo a Lisa, mas pode ser que eu só não saiba a diferença.

– Você saberia – disse Solomon. – Basta analisar a sua vida antes da Lisa e depois da Lisa e ver de qual das duas você gosta mais.

– Acho que não é assim tão fácil.

– Mas deveria ser, certo?

Solomon saltou da bancada e fez sinal para que Clark o seguisse. Os dois saíram até o quintal e se sentaram na beira da piscina. Por alguns minutos, ninguém disse nada. Parecia algo perfeitamente normal a se fazer ali, ficar parado tomando sol em silêncio, mas isso estava prestes a deixar Solomon maluco.

– Por que ela odeia tanto essa cidade? – perguntou.

– Ela não é como a gente, cara.

– Como assim?

– A família dela. Tem sempre algum drama rolando. A mãe dela... a mãe dela não é lá muito legal. Quer dizer, ela é OK, mas tudo tem de girar em torno dela. Se você convive muito tempo com alguém assim, passa a achar que sua melhor opção é dar o fora para o lugar mais longe possível. Acho que foi isso o que aconteceu com o pai de Lisa, mas ela nunca toca nesse assunto.

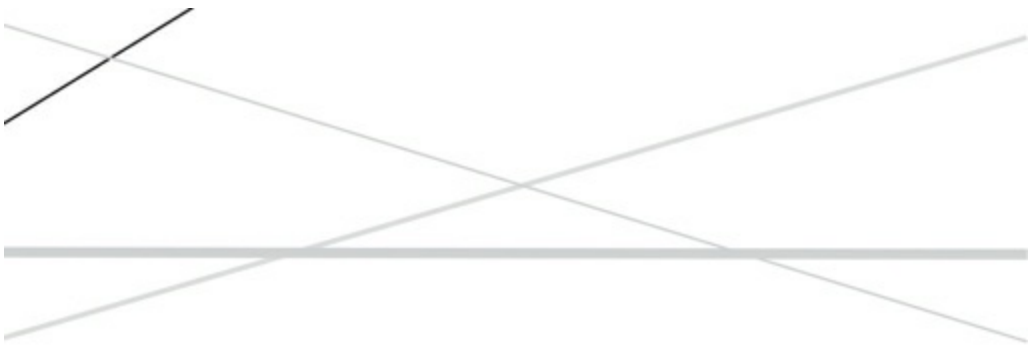
– Mas você gosta daqui.

– Gosto. É minha cidade, entende? Tenho minha família, e tenho você, agora. Não tenho motivo pra ir embora.

– Nem eu.

– Cara, espero que você não encare isso do jeito errado nem nada, mas eu trocaria de lugar com você num segundo.

Solomon acreditou nele. Era o que eles mais tinham em comum: a única coisa que desejavam era um lugar tranquilo onde pudessem ser invisíveis e fingir que o mundo não existia. E era exatamente assim, antes de tudo ficar estranho. Agora, não importa o que dissessem para si mesmos ou um para o outro, as coisas sempre seriam diferentes. Afinal, não tem primeiro amor que desapareça do dia para a noite – muito menos um que está sempre perto dos seus olhos, mas longe do seu alcance.



VINTE E SEIS

LISA PRAYTOR

— Está tudo bem? – gritou a mãe de Lisa parada em frente à calçada onde Lisa estivera sentada durante dez minutos dentro de seu carro com o motor ligado.

– O quê? – gritou Lisa de volta, abrindo a porta.

– Ah, que bom. Achei que você tivesse morrido.

– O que você está fazendo em casa?

– A gente precisa conversar.

Lisa seguiu a mãe até lá dentro e, depois de alguns minutos olhando-a mexer em coisas aqui e ali na cozinha para preparar chá, não conseguiu mais suportar.

– Mãe, meu dia foi longo e esquisito, portanto se você puder...

– Ron arrumou um emprego – interrompeu a mãe.

– Certo.

– No Arizona.

– Ah.

– E, depois de conversarmos bastante... *Bastante* mesmo... bem, decidimos que o melhor é cada um seguir seu caminho.

– Vocês vão se divorciar?

– Em algum momento, sim.

Ficou surpresa por sua mãe não estar chorando. Ela quase parecia aliviada com aquilo, portanto Lisa não tinha certeza se deveria consolá-la ou parabenizá-la.

– Você parece bem.

– Estou sim. Não era pra ser entre a gente, acho.

– Sinto muito – disse Lisa. – A gente vai se mudar de novo?

– Não, meu amor. Eu vou ficar com a casa.

– Graças a Deus.

– Você vai me contar o que está acontecendo? Por que estava tão catatônica lá fora, no carro?

– Acho que tudo acabou entre mim e o Clark.

E, *então*, sua mãe chorou. Não muito, mas definitivamente estava segurando as lágrimas enquanto ouvia a história completa. E Lisa contou tudo: cada pequeno detalhe, da redação à conversa que acabara de ter com o Solomon. E falou também sobre Clark e o segredo que estava tão convencida de que ele estava guardando.

– Não vi nada de mais – disse a mãe –, mas enfim, como posso saber? Todo mundo é gay hoje em dia.

– Acho que eu pensei que a gente ficaria junto pra sempre.

- É o que todo mundo pensa quando tem dezessete anos. Acredite em mim.
- Mas você não estava namorando meu pai quando tinha dezessete anos?
- Isso mesmo. E veja no que deu. Pensei que eu seria a sra. Praytor para sempre. Ele não era gay, era só um canalha. Mais engraçado do que qualquer cara que já conheci, mas um canalha completo.
- Clark é a pessoa mais legal que eu conheço – disse Lisa.
- E que eu também. Mas, se as coisas são assim, então o que você pode fazer? Pelo menos não é culpa sua que não deu certo.
- Pelo menos isso.
- Clark vai contar para ele? Sobre a redação?
- Acho que não. Mas quem sabe? – disse ela. – Não tive a chance de lhe pedir que não fizesse isso.
- Você quer mesmo entrar nessa faculdade, não é?
- É a segunda melhor de psicologia do país – disse Lisa.
- *Sua experiência com doenças mentais*. Você poderia escrever qualquer coisa. Parece um tema bobo, para mim.
- Eles querem a história certa – defendeu Lisa. – Algo ambicioso, corajoso.
- Mentir não é nada corajoso.
- Você, mais que ninguém, deve saber.
- Cuidado com a língua – disse a mãe. – Não comece uma briga só porque é a coisa mais fácil a fazer.
- Desculpe.
- E então, você consegue dar um jeito?
- Provavelmente não.
- Lisa – disse a mãe, olhando-a fundo nos olhos. – Nunca ouvi você dizer que não podia fazer algo. Nunca, em toda a sua vida.

Mesmo quando Lisa estava superocupada, ela e Clark sempre arrumavam uma maneira de manter contato com um telefonema rápido ou uma mensagem de texto. Só para checar como estavam as coisas. Haviam se falado até no acampamento, para dar um oi e conversarem sobre o progresso de Solomon. No entanto, um dia depois de ter sido expulsa da casa dele, Lisa não havia recebido nenhuma notícia de Clark.

Não tinha notícias de Solomon tampouco, o que a deixava ainda mais preocupada. Estariam os dois juntos agora? Talvez Solomon tivesse seguido seu conselho e declarado sua paixão, e os dois já estivessem vivendo felizes para sempre sem ela. Mas... será que Lisa não merecia ter certeza? Afinal, por causa dela os dois haviam se conhecido. E seria de imaginar que Clark, dentre todas as pessoas no mundo, teria a decência de terminar com a namorada antes de engatar com seu primeiro namorado. Que diabos estaria acontecendo?

Quando Lisa telefonou para a casa de Clark, Drew atendeu e disse que ele havia passado a noite na casa de Solomon. Agora ela tinha quase certeza de que a verdade finalmente viera à tona. Pelo que ela sabia, Clark nunca havia dormido na casa de Solomon antes, nem uma única vez. Então por que, de repente, começou a fazer isso?

Mais tarde, quando estava escurecendo, Lisa apanhou as chaves e foi até seu carro. Não

sabia o que iria fazer ou dizer, mas precisava ver os dois. E se aquela não tivesse sido uma semana tão estranha e ela não tivesse passado a tarde assistindo Ron empacotando suas coisas enquanto sua mãe chorava na cozinha, Lisa talvez não tivesse criado coragem para ir até a casa de Solomon e saltar a cerca dos fundos.

Mas foi o que ela fez. E agora estava no quintal, onde a única luz que havia vinha da piscina à sua frente. Antes que pudesse se virar para a casa, ouviu a porta de vidro correr, abrindo-se.

– Lisa? – disse Solomon. Estava parado diante da porta, de calção de banho.

– Oi – disse ela. – Tá sozinho?

Justamente quando ela fez a pergunta, Clark saiu de trás de Solomon, segurando duas latinhas de refrigerante.

– Lisa – disse, parando onde estava. – Oi.

– Acho que ninguém estava a fim de atender o telefone hoje – disse ela.

– Foi mal – disse Clark. – Meu celular morreu ontem de noite e não trouxe o carregador.

– Você dormiu aqui? – perguntou ela. Estavam todos ali de pé ainda, Clark e Solomon diante da porta, e Lisa a uns três metros de distância deles, mal iluminada pela luz da piscina.

– Ficou tarde e não quis voltar andando para casa.

– Quer sentar? – perguntou Solomon, lançando um olhar para Clark em busca de sua aprovação.

– É, vamos – disse Clark. – Tá muito frio.

Eles foram até a piscina e Clark envolveu os ombros com uma toalha. Então atirou outra toalha para Lisa e mais uma para Solomon, que fizeram o mesmo. Sentou-se entre os dois, e ambos o olharam, esperando que ele falasse primeiro.

– Você estava errada – disse Clark para Lisa, num tom quase divertido, mas ainda assim baixinho.

– Estava?

– Ele não é gay – acrescentou Solomon, balançando a cabeça.

– Merda – disse ela. Só que seu tom era baixo e fraco, não irritado. Ficou ali sentada por alguns segundos, sem olhar para nenhum dos dois. Não era de corar, mas tinha certeza de que seu rosto estava vermelho e torcia para que a escuridão encobrisse aquilo, para que ela não precisasse se sentir ainda mais mortificada.

– Pelo menos você não deixou a coisa sair do controle – disse Clark, sarcasticamente.

– Quer dizer então que você contou pra ele? – perguntou Lisa para Clark.

– O quê? Não. – Ele balançou a cabeça e arregalou os olhos, sinalizando que ela parasse de falar no assunto. Mas era tarde demais.

– Contou o quê? – perguntou Solomon.

Ela sentiu muita vontade de mentir, de passar só mais um tempinho do jeito que estava, sem ser desmascarada como um monstro completo. Porém, agora tudo estava terminado. Precisava estar.

– Sobre a redação – respondeu ela, fechando os olhos com força.

– Que redação?

– Merda – disse Clark.

– Solomon... parecia uma ideia ótima, e eu não sabia que seria assim. E não sabia que você seria assim. Que você seria você. Mas agora...

– Lisa, de que diabo você está falando?

– É uma redação para um processo seletivo numa faculdade – explicou Clark. – A Woodlawn.

– E daí? – disse ele. – Quero dizer... e o que eu tenho a ver com isso?

– Eles dão uma bolsa integral por ano para o candidato que escrever a melhor redação – explicou Lisa.

– Não estou entendendo absolutamente nada...

– O tema é a experiência pessoal dela com doenças mentais – desembuchou Clark.

– É uma faculdade de psicologia? – quis saber Solomon.

– É.

– Achei que você quisesse ser médica.

– Eu não...

– Você não disse de que tipo – interrompeu Solomon. – Então acho que eu...

– Você é a experiência pessoal dela com doenças mentais – completou Clark.

– Você estava sabendo? – perguntou Solomon.

Clark apenas assentiu, com uma expressão de derrota completa estampada no rosto.

– Melhor vocês dois irem embora – disse Solomon, em voz baixa. Seu tom era grave, triste e quase irreconhecível.

– Sol, eu... – começou Clark.

– Saiam – disse ele, levantando-se. Começou a caminhar de um lado para o outro ao longo da beira da piscina, e deixou a toalha cair dos ombros e escorregar até a água.

– Deixa que eu pego – ofereceu Lisa.

– Não! – berrou Solomon. – Saiam! Vão pra casa! Os dois! Vão pra casa!

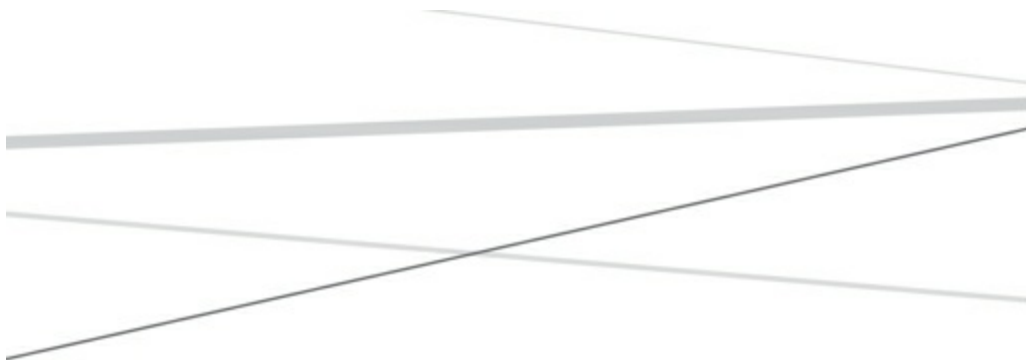
Lágrimas cobriam seu rosto e, mesmo sob a luz fraca da piscina, dava para ver o pânico em seus olhos. Lisa deu um passo na direção dele, mas Solomon se afastou num impulso, e quase caiu na piscina. Ela implorou para ele sentar e respirar fundo, assim como Clark, mas Solomon estava alterado demais. Quanto mais tentavam ajudá-lo, mais ele caminhava de um lado para o outro, e se retorcia e gritava para eles irem embora. Não demorou e seus pais saíram de casa, e, quando seu pai passou um braço em torno de Solomon, ele o empurrou, lançando-o ao chão. Então, quando o pai estava prestes a fazer uma nova tentativa, Solomon ergueu a mão direita e estapeou o próprio rosto com força. Repetiu mais uma vez, com tanta força que sua mãe choramingou e correu para segurar os braços do filho.

Dentro da casa e, depois, na porta da frente, Lisa e Clark ainda conseguiam ouvir os berros dele. Lisa fechou a porta e parou para recuperar o fôlego, como se tivesse acabado de escapar de um monstro em um sonho. Mesmo da calçada, enquanto entravam no carro de Lisa, eles conseguiam ouvir os pais de Solomon tentando acalmá-lo. Mas não havia como. Ele gritava, atirava coisas. Lisa ouviu algo atingir a lateral da casa. Talvez tivesse jogado uma cadeira em um dos pequeninos gnomos que sua mãe espalhara por todo o jardim. Então, justamente quando Lisa estava prestes a dar partida, um grito alto do pai de Solomon ecoou pela vizinhança: – Droga, Solomon! Pare! – Então fez-se extremo silêncio.

Enquanto manobrava o carro para ir embora, Lisa olhou para a casa, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Observou Clark, cuja face estava completamente coberta pelas mãos e cujas pernas tremiam demais, como se ele não conseguisse se controlar. Mais de uma vez

durante o trajeto até a casa dele, Lisa pensou ter escutado Clark chorar. O mundo de Solomon havia se tornado o mundo dele também, e pelo visto ela acabara de destruí-lo. Estava tudo terminado agora.

Depois que ela deixou um Clark ainda silencioso em casa, e sem receber nenhuma resposta pelo seu “até mais”, ela voltou até a casa de Solomon e estacionou na rua. Ficou ali, observando a casa silenciosa e escura, durante mais de uma hora. Não fez isso porque ele precisava dela. Fez porque tinha medo de que, quanto mais ela se afastasse dele, melhor ele ficaria. E, apesar de haver passado a maior parte do seu tempo pensando em ir embora, Lisa ainda não estava preparada para isso.



VINTE E SETE

SOLOMON REED

Ele batia em si mesmo daquele jeito havia anos, mas aquela tinha sido a primeira vez que o fizera na frente de pessoas que não eram da sua família. Agora nunca se esqueceria dos olhares no rosto deles... logo em seguida ao primeiro tapa.

Eles tinham sido tão reais, Clark e Lisa. Tudo parecera tão real que ele jamais parara para se perguntar por que aquilo estava acontecendo – por que motivo gastariam seu tempo com alguém como ele, para começo de conversa.

Ficou acordado, insone, e tocou a lateral do rosto algumas vezes, lembrando-se do que havia feito. Fazia tempo que aquilo não acontecia, talvez mais de um ano. Não acontecera naquele dia na escola, tampouco, mas em casa, no mesmo dia em que saltara para dentro da fonte, ele ficara tão ansioso, andando de um lado para o outro escutando seus pais tentarem acalmá-lo, que de repente simplesmente perdeu o controle e começou a estapear o próprio rosto. No mesmo instante começou a chorar, confuso e culpado, olhando para os pais como se não tivesse a menor ideia de como aquilo havia acontecido. E, na verdade, era assim que sempre acontecia quando se estapeava. Era tudo tão rápido, seu corpo tremendo para aliviar a tensão acumulada por todos os pensamentos que giravam em sua cabeça e todo o ar que ele sentia dificuldade em respirar e as batidas altas do seu coração ecoando nos ouvidos. Aquilo precisava encontrar vazão e esse era o caminho escolhido: tapas. Alívio instantâneo.

No dia seguinte, Solomon não foi para o quintal. Parecia um dia exatamente igual a todos os outros antes de conhecê-los – familiar de tal maneira que o enchia de náusea e nostalgia. Parte de Solomon desejava voltar no tempo e rasgar pela metade a carta estranha de Lisa pedindo para ser sua amiga. Pensou que talvez pudesse fingir que eles não existiam, como ele fazia com tantas outras coisas. O que os olhos não veem, o coração não sente.

Leu as orientações do processo de admissão da Woodlawn University School of Psychology e tudo sobre a Bolsa de Estudos Jon T. Vorkheim, que cobria integralmente as mensalidades e taxas do aluno que tivesse “a maior necessidade de assistência e a maior probabilidade de trazer uma nova perspectiva ao campo da psicologia, baseado em sua experiência pessoal com doenças mentais”.

– Merda – disse ele em voz alta para ninguém, a não ser a casa vazia.

Uma semana depois, ainda não havia ido lá fora. E ainda se recusava a aceitar ligações de Clark ou Lisa. Passava a maior parte do tempo enfiado em seu quarto com a porta trancada e, no geral, os pais o deixavam em paz. Conheciam Solomon melhor que ninguém e, se ele precisava ficar sozinho, não iriam impedir.

Quando Clark apareceu para apanhar sua van, Solomon não quis vê-lo. Portanto, Clark cumprimentou rapidamente Valerie e seguiu Jason até a garagem, onde ligaram o motor.

Depois que Clark se foi, o pai de Solomon bateu na porta do quarto dele de leve antes de entrar e sentar na beira da sua cama.

– Foi meio chato me despedir dela – disse.

– Do quê? Da van?

– É, eu me acostumei a ter um projeto. Aquele treco mal funciona, mas pelo menos agora funciona.

– E como ele está?

– Triste, Sol. Ele pareceu bastante triste.

– É, bem...

– Acho que ele não fez por mal – interrompeu seu pai. – Culpa por cumplicidade, talvez, mas ele foi um bom amigo para você.

– Mas ele sabia! Como posso ter certeza de que tudo foi mesmo de verdade?

– Porque você sabe, ora.

– Não sei mais o que eu sei.

– Vai voltar a ir pro quintal de novo? – perguntou seu pai, olhando o filho nos olhos.

– E que importância isso tem?

– Não tenho como responder – disse ele, indo até o corredor. – Mas quando você me disser que com certeza não tem, eu vou parar de perguntar.

Mais tarde, o pai de Solomon estava lendo um livro na sala quando o filho passou por ele, ainda com o mesmo pijama que vinha usando há dias, e um ar de culpa no rosto.

– E ele emerge! – disse seu pai. – Do antro do fedor eterno.

– Tá. Não é justo.

– Você tomou banho esta semana?

– Talvez não.

– Para onde você está indo?

– Lá fora, acho.

– Olha, desculpe por...

– Pai – interrompeu ele. – Não peça desculpas.

Solomon olhou para a água azul do outro lado do jardim e depois novamente para seu pai, que fingia não o estar observando. Depois virou-se de novo para abrir a porta, coisa que fizera centenas de vezes como se não fosse nada de mais. Só que agora, assim que o ar tocou seu rosto lá fora, seu coração começou a bater cada vez mais depressa e, de repente, ele perdeu o fôlego. Tudo ficou tão barulhento e trêmulo que subitamente a piscina pareceu estar a quilômetros de distância, longe demais do seu alcance. E, quando seu pai por fim o alcançou, Solomon estava sentado sobre o piso de cerâmica com os joelhos dobrados e o rosto enterrado entre eles.

Depois que acabou, ele olhou para o pai com uma expressão de impotência. E, naquele momento silencioso, logo antes de retornar ao seu quarto e fechar a porta, ele soube que os dois estavam pensando a mesma coisa – que, talvez, as coisas fossem ser sempre assim.

Um dia Solomon simplesmente pararia de tentar ir lá fora. A frequência dos ataques de pânico diminuiria e todos fingiriam que aqueles poucos meses não haviam acontecido, desejando não sentir a dor da saudade que tomava conta deles sempre que pensavam nos dois

adolescentes estranhos que um dia apareceram e tornaram tudo melhor.

Solomon ficou em seu quarto até sua avó chegar para jantar, naquela noite. Ele sabia que não conseguiria evitá-la, portanto estava arrumado e pronto quando ela chegou. Tentou plantar um sorriso no rosto, mas não estava dando certo e ela perceberia. Portanto, quando a avó adiantou-se para beijar o rosto dele, sussurrou *Está tudo bem* no ouvido de Solomon e deu um tapinha de leve em suas costas.

Ele não falou muito durante o jantar, o que era fácil quando sua avó estava por ali. Simplesmente mastigou sua comida em silêncio enquanto ela não parava de tagarelar sobre um novo comprador difícil com quem lidara naquele dia. Ele passara a vida inteira ouvindo a avó descrever os meandros do mundo imobiliário dos subúrbios, e a coisa era sempre mais sombriamente divertida e complicada do que poderia parecer à primeira vista. Aquela história específica envolvia um caso conjugal e, além disso, um *poltergeist*. Sério.

Depois do jantar, sua avó perguntou se ele estava a fim de ser destruído num jogo de cartas e, embora de início ele tenha hesitado, não pôde recusar. Ela distribuiu uma mão de canastra à mesa de jantar, enquanto comia a sobremesa e tomava café. Os pais de Solomon foram para a cozinha lavar a louça e, tão logo sumiram de vista, ele soube que estava em perigo. Sua avó não poupava palavras e era a primeira vez que se via a sós com ela desde que havia voltado à vida de antigamente.

– Não se esqueça, os dois e os curingas são o que há – disse ela.

– Beleza.

Cinco minutos se passaram e nenhuma palavra fora trocada entre eles. Ela costumava ser uma jogadora bastante agressiva, mas aquela mudança de contadora divertida de histórias durante o jantar para um tubarão sério de expressão impassível estava deixando Solomon maluco. Acabou não aguentando mais e, no fim de uma de suas jogadas, quebrou o silêncio: – Escuta... tenho certeza de que uma hora, mais cedo ou mais tarde, vou conseguir sair para o quintal de novo.

Ela não respondeu de início, apenas abaixou as cartas sobre a mesa e tomou um gole de café.

– Eu tentei. Hoje mesmo. Papai te contou? Aposto que contou.

– Solomon – interrompeu ela. – Não estou nem aí para isso.

– Ah – disse ele. – Achei que talvez a senhora estivesse...

– Por que não quis ver seus amigos? – perguntou ela.

– A senhora sabe por quê.

– Eles estavam ajudando, sabia? Nunca vi você tão feliz.

– Eles estavam *era mentindo*.

– Tá, então não são perfeitos – concordou ela. – Mas melhor com eles do que sem eles.

– Ela estava me usando, vó – defendeu-se Solomon. – Estava usando o seu neto “maluco” pra conseguir entrar na faculdade. O que a senhora acha disso?

– Nunca disse que foi certo. Mas você realmente acha que a coisa se resumiu a isso? Ninguém precisa passar todos os dias com alguém só para escrever uns poucos parágrafos, Solomon.

– Aí ela me disse que Clark era gay, que ela tinha certeza disso, mas, *óbvio*, no fim das contas ele *não* era, e agora estou de volta à estaca zero e a única coisa que eu queria era nunca

ter conhecido nenhum dos dois, para começar. Isso tornaria tudo melhor.

– Você deve sentir muita falta deles – disse a avó, impassível.

– Sinto.

– Vou te dizer uma coisa – falou. – Passei uma boa parte da minha vida infeliz. Fiquei amarrada na minha cidadezinha de merda por mais tempo do que achei que conseguiria suportar. Mas eu fui embora. Era questão de vida ou morte. E essa decisão me conduziu a tudo de bom que aconteceu comigo depois. Agora, eu não sei como você quer que a sua vida seja. E não vou fingir que entendo como é quando você está no seu pior. Mal posso imaginar como deve ser horrível. Porém, uma coisa eu sei: sei como é pensar constantemente numa vida que você não está vivendo. É exatamente o que eu sentia quando tinha dezesseis anos e, se houvesse alguma coisa que eu pudesse ter feito naquela época, eu teria feito. Eu sei que falar é fácil, sei disso, mas você precisa tentar, Solomon. Olhe para mim. Quanto mais envelheço, mais o meu mundo se encolhe. E não posso fazer absolutamente nada pra evitar isso. A vida é curta, filho. Você precisa pelo menos *tentar* viver a sua antes de acabar como eu: contando os dias até decidirem te colocar num lugar de onde você não tem como fugir. É isso o que me espera, entende? Que limpem minha bunda num lugar cheio de gente morrendo.

– Meu Deus, vó.

– Agora olhe só pra você – disse ela. – Jovem e inteligente. Este mundo pode ser o que você quiser que ele seja. Pode ser que meu tempo esteja contado, mas pelo menos estou vivendo. E se pra você é isso mesmo, ficar aqui dentro onde nada nunca acontece, onde você pensa estar seguro, então fique. Fique aqui e me informe se funciona pra você. Porque tenho a impressão de que nunca será suficiente.

– Talvez não.

– Acho que você consegue – disse ela. – E você tem bastante tempo até eu definir e morrer para provar que estou errada.

– Você disse que tinha mais quanto, uns vinte anos de vida pela frente?

– No mínimo. Larguei o cigarro nos anos oitenta, então talvez uns vinte e cinco ou trinta. Você já vai ter tão pouco cabelo quanto o seu pai quando isso acontecer, sem dúvida.

– Certo. Beleza. Prometo que vou sair de casa antes de você bater as botas.

– Esse é o meu garoto – disse ela, olhando para suas cartas.

Durante o resto do jogo, ele ficou imaginando a avó internada num asilo em algum lugar, triste e solitária, desejando que Solomon viesse lhe fazer uma visita, que ele *pudesse* lhe fazer uma visita. Sentia medo do mundo, medo de que o mundo encontrasse uma maneira de engoli-lo. Entretanto, todo mundo devia sentir o mesmo às vezes. Talvez a diferença seja que algumas pessoas simplesmente conseguem desligar a sensação quando é preciso.

Depois que sua avó foi embora, a única coisa em que Solomon conseguia pensar é que iria envelhecer e seu tempo estava se esgotando, portanto usou a onda surpreendente de coragem que aquilo lhe dava para voltar até seu quarto, discar o número de Clark e aguardar uma resposta.

– Alô.

– Oi – disse ele, com voz rouca.

– Tá tudo bem com você, cara?

– Acho que sim. Quero dizer, tá. Vai estar.

- Nossa, eu sinto muito, muito mesmo. Não sei o que mais posso te dizer...
- Aposto que você tentou fazer ela desistir da ideia – interrompeu Solomon.
- Algumas vezes.
- Então por que não me contou nada?
- Eu ia contar, mas aí você me disse que estava apaixonado por mim e eu... não quis piorar as coisas.
- Você quis me conhecer ou era tudo parte do plano dela? Ou sei lá o quê?
- Eu pedi para te conhecer – respondeu Clark. – Mas Lisa me falou que isso iria ajudar, também.
- Quer saber como eu sei que você a ama? – perguntou Solomon.
- Como?
- Porque você guardou segredo. Você a protegeu.
- Eu estava protegendo a Lisa e você também – corrigiu Clark.
- Já falou com ela?
- Não. Ela me manda mensagem toda manhã, mas não respondi ainda.
- E vai responder?
- Depois de tudo o que ela fez?
- É.
- Provavelmente. Ridículo, né?
- Nem um pouco – disse Solomon. – Eu também o perdoaria se tivesse feito isso.
- Você sabe que fui aí pegar minha van, não sabe?
- O *holodeck* não é mais o mesmo sem ela.
- Como está se sentindo?
- Você quer mesmo saber ou só está perguntando por causa da Lisa? Para ela poder anotar isso no caderninho?
- Não sei no que ela estava pensando – disse Clark. – Mas sei que ela queria te ajudar. Não era só por causa da redação, cara. Se é que existe um jeito de fazer você acreditar.
- Vou pensar – disse Solomon. – Melhor desligar agora. Valeu por conversar comigo.
- Ah. Sim. Claro. Eu realmente...

Solomon desligou porque sabia que se escutasse mais alguma coisa, começaria a sentir pânico. E então quem sabe quanto tempo levaria até sua respiração se normalizar e ele parar de andar de um lado para o outro pelo quarto, chorando.

Ele sabia que uma hora, quando estivesse preparado para ver e conversar com Clark sem perder a cabeça, as coisas entre os dois ficariam bem. Quanto a Lisa, porém, não tinha certeza de quando se sentiria preparado para vê-la de novo – nem se isso um dia sequer chegaria a acontecer. Porém, pensar em sua vida sem Lisa o deixava triste. Ela seria como aquela peça faltando no quebra-cabeça de que você tenta se esquecer, ou que tenta substituir, mas nunca consegue afastar a lembrança de fato. E se sentia tanta saudade dela depois de uma semana, então como se sentiria dali a um mês, ou um ano? Talvez ele jamais fosse obrigado a descobrir. Pelo menos é o que grande parte dele esperava.



VINTE E OITO

LISA PRAYTOR

Duas semanas de silêncio da parte de Clark e Solomon colocaram Lisa num lugar bastante solitário e estranho. Ela chegou a ficar acordada até tarde várias noites seguidas para assistir a reprises de *Star Trek: A Nova Geração* na TV a cabo. Gostava de imaginar que pelo menos um dos dois estava assistindo com ela, ou que talvez estivessem assistindo juntos, apesar de tudo pelo que ela os fizera passar. Não era uma série tão ruim assim, descobriu. Tinha umas partes meio bregas em praticamente todos os episódios, mas quando ela finalmente conseguiu desconsiderá-las, começou a entender por que Solomon e Clark gostavam tanto da série.

Ela totalmente esperava que Solomon fosse riscá-la da sua vida – o que fizera com ele era imperdoável, e ela sabia que ficaria um bom tempo sem vê-lo, isso se chegasse a vê-lo novamente. Mas agora que Clark ignorava suas mensagens e seus telefonemas, Lisa começara a ter medo de tê-lo perdido também, de vez.

Por isso, após treze dias se contendo, Lisa foi até a casa de Clark e subiu os degraus até a porta de entrada. Bateu três vezes, torcendo para que não a deixassem ali fora, como ela bem merecia. Quando o pai de Clark abriu a porta, ela não se conteve e o abraçou.

– Ah, oi, Lisa – disse ele, dando um tapinha nas costas dela com uma das mãos. – Tire ele de casa, sim? Ele está me deixando maluco.

Ela percorreu lentamente o corredor e empurrou a porta semiaberta do quarto de Clark, devagar. Aguardou que ele a visse. O quarto tinha o cheiro dele: o odor de seu desodorante e daquele perfume que sua mãe lhe dava todo Natal. Ele estava sentado no chão, com as costas apoiadas na cama, lendo um livro. Quando a viu, e seus olhos se encontraram, ele não se mexeu. Por um segundo, Lisa pensou que ele fosse rir ou algo do tipo. Se os dois decidissem considerar tudo aquilo uma grande piada, talvez sobrevivessem à crise.

– Quer sentar? – perguntou ele, afastando as pernas para abrir espaço.

Lisa sentou no chão, em frente a ele, e, instintivamente, começou a levantar as pernas para pousá-las sobre as de Clark, mas parou antes que ele notasse. Ela havia planejado começar com um pedido de desculpas, que seria a primeira coisa que sairia de sua boca, mas Clark sabia que estava arrependida. Ele sabia tudo sobre ela.

– Você conversou com ele? – perguntou, em vez disso.

– Uma vez.

– E ele tá bem?

– Acho que sim. Foi rápido.

– Clark, escute, eu...

– Me faz um favor, Lisa?

– Claro.

– Não peça desculpas.
– Certo – respondeu ela, pouco acostumada a esse tipo de assertividade da parte dele.
– Ótimo – disse Clark. – Depois a gente resolve essa parte.
– E o que vamos fazer em relação ao Sol?
– Aquilo foi a coisa mais assustadora que eu já vi – disse ele. – O cara simplesmente perdeu o controle.

– Eu sou uma idiota – disse ela.
– Era pra você ter mudado de ideia.
– É?
– É! – disse Clark, levantando o tom. – Meu Deus.
Lisa nunca o ouvira falar daquele jeito antes, com tanta decepção e raiva. Ficou meio assustada em ver este lado dele, que ela não conhecia.

– Acho que lhe dei mais crédito do que você merecia. Agora eu também sou um babaca – disse ele.

– Uau, valeu.
– Disponha – disse ele, ríspido.
– Não sei o que aconteceu. Fiquei tão envolvida. E então Janis disse que...
– Você está cansada de saber que ela me odeia. Por que foi dar ouvidos a ela?
– Sei lá – respondeu Lisa, num rompante, escondendo o rosto entre as mãos.
– Mesmo que você estivesse certa, acha que eu iria te trair? É como se tivesse esquecido quem eu sou, ou algo assim.

– Achei que a gente ia resolver essa parte mais tarde.
– Talvez não exista mais esperança.
– Pra nós?
– Pra todo mundo – disse ele. – Aposto que o Sol não está muito melhor do que estava uma semana atrás, e, pela voz dele, deu pra perceber que ele mal está se mantendo de pé.
– Merda – disse ela, baixinho. – Eu sou mesmo uma babaca. Uma babaca completa.
– Você *não* é uma babaca completa.
– Eu te acusei de me trair e, como se não bastasse, ainda achei que você fosse gay.
– Só uma dessas coisas faz de você uma babaca – disse Clark. – Eu devia ter percebido que você estava se sentindo excluída. Sinceramente, achei que você não estava ligando muito.

– Por que eu não ligaria?
– Porque, como eu disse antes, a única coisa em que você pensa é em dar o fora.
– Daqui a um ano.
– É. Bem, não tô a fim de passar o próximo ano com alguém que vai embora e se esquecerá de mim.

– Quero que você venha comigo – disse ela. – Já pesquisou alguma faculdade?
– Não – disse ele. – Eu gosto daqui. Não sei se estou a fim de estudar em outro lugar.
– Ah. Bem, se é assim por que faz polo aquático então?
– Porque eu *gosto*! – respondeu, frustrado. – E não fico preocupado se cada coisinha que eu faço serve ou não pra me ajudar a dar o fora dessa cidade. Isso é coisa *sua*, não minha.

Ela apenas o olhou por um segundo, desejando que ele retirasse o que havia dito e contasse que andara se inscrevendo em processos seletivos em Maryland ou DC em segredo. Em vez

disso, porém, Clark olhou para o outro lado assim que seus olhos se encontraram com os dela.

– Ele confessou que está apaixonado por você? – perguntou Lisa.

– Pode apostar.

– E?

– E foi *estranho*, tá legal? Eu fiquei arrasado. Aposto que esse tipo de coisa acontece o tempo inteiro.

– Provavelmente – disse ela. – Você fica tão... sei lá, tão *feliz* quando está com ele. Tipo, nem um pouco entediado e rabugento, como quando está com seus outros amigos.

– Valeu – disse ele. – Mas isso não significa que eu seja gay.

– Claro que não.

– Olha, eu entendo. Não é loucura, só é frustrante. Você *me conhece*. Eu não passei a guardar segredos do dia pra noite. Ele é meu amigo, ele é *nosso* amigo. Eu só estava retribuindo a amizade dele.

– Acho que ele só saiu até o quintal por sua causa – disse Lisa. – Como se, melhorando, vocês dois pudessem...

– Como você pode ter *certeza* de uma coisa dessas? – interrompeu ele. – Tinha gente cavando uma merda de buraco no quintal antes mesmo de nós aparecermos! Eu não fiz nada pra ajudar o Solomon.

– Bem, então somos dois.

Um silêncio caiu no quarto depois que as palavras saíram de sua boca – o tipo de silêncio em que você tem certeza de que a outra pessoa vai dizer alguma coisa que você não quer ouvir.

– Não dá pra gente simplesmente aparecer por lá, né? E esperar que o cara não surte? – perguntou Clark.

– Não – disse ela. – Pelo menos eu não posso fazer isso.

– Eu não vou sem você.

– Estou tão confusa. Ainda estamos juntos?

– Não sei – respondeu ele. – Você é que quer ser psiquiatra. Vai me dizer que esse negócio não parece meio autossabotagem?

– Você conviveu demais comigo.

– Sou bom ouvinte. Mesmo quando você acha o contrário.

– Eu te amo, sabia?

– Lisa – disse ele, fechando os olhos por um segundo e respirando fundo. Ela nunca o tinha visto tão frustrado. – Duas semanas atrás você tinha tanta certeza de que eu era gay que contou isso à única pessoa que não deveria ter contado. Não sei se este continua sendo um relacionamento saudável.

– Mas antes era – defendeu-se ela.

– Lembra quando a gente se conheceu?

– Claro. Na aula de biologia.

– Física – corrigiu ele. – Eu sei, porque troquei de horário para ficar com você.

– Hã?

– Foi a única coisa boa que Janis Plutko fez na vida.

– Eu não fazia ideia.

– Vocês duas estavam sempre juntas, por isso finalmente reuni coragem pra pedir o seu

número na sala de orientação. Ela me entregou sua agenda de aulas, em vez disso.

– Ah.

– Eu meio que me apaixonei por você naquele seu discurso no primeiro ano.

– Foi meu terceiro melhor discurso até agora – disse ela.

– Você falou em *mudança social* e eu achei isso tão engraçado. Estava disputando, *sem concorrentes*, uma vaga de representante do *primeiro ano* no conselho estudantil... e estava levando aquilo tão a sério – disse ele.

– Talvez você devesse ter encarado isso como um aviso.

– Talvez. Mas foi legal, né?

Lisa sabia um monte de coisas sobre Clark que ninguém mais conhecia. Sabia que ele telefonava para o avô todo domingo, sem falta. E que nunca bebera nem uma gota de álcool, apesar de ter três irmãos mais velhos (ou talvez *por causa* disso). E sabia que, por mais que ficasse frustrado com sua mãe, nunca respondia nem chegava um minuto depois do horário que ela mandava chegar. Clark Robbins era honesto e verdadeiro, como uma encarnação esquisita de Abraham Lincoln. E, se não tivesse um empurrãozinho, arrastaria aquela história de término do namoro para sempre, para não magoá-la.

– Foi demais – disse Lisa. – Escuta, eu sei que não tenho sido a melhor amiga de todos os tempos ultimamente, mas acho que Solomon precisa da gente. De nós dois.

– Desde quando ele bate em si mesmo?

– Talvez desde sempre – respondeu ela. – Eu saberia, se tivesse tentado ajudá-lo de verdade, como era a minha ideia inicial.

– Isso não é tarefa sua.

– Não, não é – concordou Lisa. – Então... hummm...

– Não quero decidir agora – disse ele. – Em relação a terminar ou não o namoro.

– Certo.

– Tá a fim de ver o que eu ando fazendo?

– Claro. Só não me manda pra casa ainda.

Ela seguiu Clark até o estacionamento do prédio e não acreditou quando, ao virar, viu a velha van verde dele, tão horrorosa quanto sempre.

– Você trouxe a van pra cá.

– Mas só vi os pais dele quando fui até lá. Eles me disseram que Solomon não estava se sentindo muito bem. Depois ele me telefonou mais tarde, naquela noite mesmo, só que desligou antes que eu conseguisse lhe pedir desculpas.

– Provavelmente ele deve estar com vergonha – disse Lisa.

– Claro que deve. Eu parti a porra do coração dele!

– Acho que eu nunca tinha ouvido você dizer “porra” antes.

– Eu xingo quando estou triste.

– Acho que nunca vi você triste, também.

– É a única coisa em que consigo pensar – falou Clark, encostando-se na van. – Solomon trancado naquela casa pra sempre sem ninguém com quem conversar. *A gente* fez isso com ele. Provamos que ele tinha razão. Agora precisamos encontrar um jeito de consertar as coisas, senão nunca mais vou conseguir dormir.

– Clark, o Sol tem uma síndrome muito complicada que é, por sua própria natureza,

imprevisível.

– Você ainda não é médica, Lisa. E todo mundo tem acesso à Wikipédia.

– Justo – disse ela. – Mas não existe nada que a gente possa fazer para curá-lo, é só isso que estou dizendo. Ele precisa de anos de terapia. Talvez décadas. Ficar trancado em casa é uma coisa, espancar a si mesmo é outra.

– Você teria contado tudo mesmo assim? Se soubesse o quanto ele estava mal?

– Provavelmente – respondeu ela. – Mas é óbvio que meus critérios de decisão são questionáveis.

– Pelo menos você é honesta – disse ele. – Pronta para ver?

Clark rodeou a van até os fundos e abriu as portas duplas pesadas. Todo o carro tinha sido pintado de preto – o piso, o teto e as paredes. Enquanto ela olhava, Clark simplesmente ficou ali parado com uma expressão de orgulho no rosto.

– Não acredito – disse Lisa.

– A gente arrancou tudo. Tirou os dois bancos de trás. A espuma do forro estava podre, devia ser por isso que aí dentro fedia a coisa morta.

– Meu Deus, fico feliz porque não era um bicho nem nada assim.

– Eu também. Depois arrancamos aquele carpetenojento e rasgamos o tecido do teto.

– Vou sentir saudades daquele desenho de pinto que seu irmão fez com a caneta permanente – disse Lisa.

– É... o pai de Sol achou superengraçado e me perguntou se eu queria conservá-lo. Enfim. Também trocamos a bateria e todas as correias. Agora ela roda um pouquinho melhor do que antes, mas acho que ainda precisa de muito trabalho.

– E essa tinta preta?

– Pinteí ontem – respondeu, mostrando para ela as mãos manchadas de tinta spray. – Podia ter morrido com os vapores tóxicos, mas tive a ideia e decidi mandar ver. Só que vou precisar da sua ajuda na última parte.

Cerca de uma hora mais tarde, Lisa observava os fundos da van enquanto balançava a cabeça, com Clark de pé ao lado dela a imitando. Ela pensou, por um segundo apenas, que ele seguraria sua mão e a apertaria como costumava fazer antes – um pequeno gesto que silenciosamente os levaria de volta ao passado.

– Não sei se vai dar certo – disse ela, ainda olhando.

– Talvez não precise dar – afirmou ele. O que vale é a intenção, sabe como é.

Lisa ficou na casa dele mais um tempo. Pediram comida pelo telefone e assistiram na TV a um programa de reforma de casas que a irmã dele escolheu. Foi como nos velhos tempos, na verdade, exceto pelos olhares desconfiados que Drew lhe lançava. Lisa sabia que ela era meio superprotetora em relação ao irmão mais velho, mas dessa vez a coisa parecia mais pessoal, como se Drew estivesse chateada porque Lisa não estava vindo com a mesma frequência de antes. Por isso, quando Clark saiu da sala para atender um telefonema, Lisa não esperou muito para se levantar em silêncio e ir atrás dele.

– Você está na linha, cara? – disse Clark ao telefone quando ela entrou no quarto dele.

– O que aconteceu? – sussurrou ela.

– Ouvi a voz do pai dele e então ele desligou.

Clark afastou o fone do ouvido, olhou para a tela e depois para Lisa.

– Você acha que está tudo bem? – perguntou ela.

Então o telefone tocou e os dois viram o nome de Solomon na tela, mas, assim que Clark atendeu, teve de afastar o fone porque Solomon estava praticamente berrando do outro lado.

– Você precisa vir pra cá. Dá pra você vir pra cá? Preciso que você venha pra cá *agora!* – repetia Solomon freneticamente.

– Lisa vai comigo, tá?

– Tanto faz. Mas venha, por favor! – disse ele antes de desligar.

– Vamos com a van – falou Clark, e disparou pelo corredor.

– Mas ela quase não anda.

– Ela *anda* – disse ele, virando-se para ficar de frente para Lisa.

Quando chegaram na casa de Solomon, todas as luzes estavam acesas e eles viram o garoto diante da janela da frente, de pé. Lisa saiu do carro e correu até a porta, e, sem pensar, escancarou-a e deu de cara com Solomon. Ele estava branco como um fantasma, mas nem se ela se esforçasse muito conseguiria ignorar as marcas vermelhas de dedos do lado direito do seu rosto. Sem saber o que fazer, ela ficou parada esperando que ele dissesse alguma coisa, explicasse o que estava acontecendo. Ele, porém, não falou nada, nem mesmo quando Clark aproximou-se por trás dela e perguntou se ele estava bem. Em vez de responder, Solomon deu dois passos para a frente e caiu nos braços de Lisa, enterrando o rosto em seu ombro.



VINTE E NOVE

SOLOMON REED

— Sol? – chamou Lisa.

Ele a soltou e endireitou o corpo, tentando acalmar-se e organizar as ideias para conseguir falar coisas com sentido. Clark tomou a dianteira e passou o braço em torno dos ombros dele, depois o conduziu até o sofá para que se sentasse.

– Minha avó – disse Solomon por fim, com a voz trêmula.

– Ah, meu Deus – disse Lisa. – Ela está bem?

– Não sei – ele conseguiu dizer, fechando os olhos com força. – Meu pai passou rápido aqui, disse que ela sofreu um acidente de carro e depois tornou a ir embora. Depois minha mãe telefonou e disse que ela está internada no Mountain View Medical.

– O que precisamos fazer? – perguntou Clark.

– Eu prometi pra ela – disse Solomon, freneticamente. – Prometi que antes de ela morrer eu sairia de casa.

– Sol, não... – tentou dizer Lisa.

– Preciso ir – interrompeu ele, levantando-se. – Preciso ir, não é? E se ela estiver morrendo? E se essa for a minha última chance?

Ele começou a caminhar de um lado para o outro, olhando para os dois, com um pânico que ainda era grande demais para permitir que lidasse com os outros sentimentos que vieram à tona assim que os viu. Mas eles estavam ali. Isso ele sabia – e não tinham a menor obrigação de estar.

– Não vou conseguir – disse Solomon. – Eu prometi a ela, mas não vou conseguir. De jeito nenhum. Eu nem consegui voltar ao quintal depois que vocês foram embora.

– Caramba – disse Clark de repente, olhando para Lisa. – Está pensando o mesmo que eu?

– Provavelmente não.

– A *van*! – disse ele, arregalando os olhos.

– A van? – perguntou Solomon.

– Meu *Deus*, a van! – exclamou Lisa.

– O QUE É QUE TEM A VAN? – berrou Solomon, atirando os braços para o alto.

– A GENTE FEZ UM *HOLODECK* DENTRO DELA! – berrou Lisa em resposta, assustando os dois.

– É mesmo? – perguntou Solomon.

– É! – disse Clark. – Tipo, hoje. Era para ser uma surpresa para você.

– Vai dar certo? – quis saber Solomon, virando-se para Lisa.

– Não sei.

– Ei, você não vai ser psiquiatra ou coisa assim? – perguntou Solomon. – Diga que vai dar

certo.

– Vai dar certo.

Solomon e Lisa esperaram na lavanderia enquanto Clark entrava com a van de ré na garagem. Alguns segundos mais tarde, as portas de metal barulhentas se abriram e, de onde eles estavam, era difícil dizer onde terminava a garagem e onde começava o interior da van. Eles o haviam pintado de preto chapado e usado fita amarela para fazer quadrados amarelos. Havia inclusive uma espécie de cortina preta para separar a frente dos fundos da van, por isso, quando Solomon olhou ali dentro, a única coisa que via era o mesmo padrão que o rodeava na garagem.

– Achei que ficou bem legal – disse Clark.

– Vocês fizeram isso tudo pra mim?

– Ou talvez também porque eu quisesse um *holodeck* próprio – disse Clark, com um sorriso.

– Você o ajudou? – perguntou Solomon.

– ã-hã. E aí, o que achou?

– Perfeito – disse ele.

Entrou, abaixando a cabeça até ficar no meio da van, em seguida se sentou. Primeiro olhou ao redor e depois para os dois, que o observavam de fora.

– Como está se sentindo? – perguntou Clark.

– Meu coração está alucinado – respondeu Solomon. – E aqui dentro tá cheirando a tinta.

– Foi mal.

– Precisamos nos apressar – disse Solomon. – Eu vou conseguir, né?

– Quer que eu vá atrás com você? – ofereceu Lisa.

Ele concordou e deu um tapinha ao seu lado no piso frio e preto. Por ora, esqueceria quem ela era. Esqueceria o que ela tinha feito só até aquilo tudo acabar. Precisava fazer isso. Precisava dela. Solomon se sentiu melhor assim que ela apareceu na porta da sua casa e, se existia alguém no mundo que poderia ajudá-lo naquele momento, era Lisa.

Assim, ela entrou e os dois se sentaram lado a lado, de frente para as portas de trás. Quando Clark as fechou, a única coisa que conseguiam enxergar eram quadrados amarelos preenchidos por uma escuridão oca. Lisa apoiou uma das mãos ao lado do corpo e, assim que Clark ligou o motor, a mão de Solomon pousou sobre a dela.

– Tá tudo bem – disse Lisa, com calma. – Vamos apenas respirar e fingir que ainda estamos em casa.

– E quando a gente chegar lá?

– Preparados, galera? – gritou Clark, do banco da frente.

– Um segundinho – pediu Lisa. – Olha, pode ser que a adrenalina te ajude e aí tudo fique bem. Já ouviu essas histórias, né? De mulheres que levantam carros para salvar os filhos e coisas do tipo? Talvez aconteça algo parecido.

– Não vai acontecer – disse ele.

– Bem, a gente só vai descobrir quando chegar lá – respondeu ela. – Estamos prontos!

No começo, ao perceber que a van começara a se mover, Solomon fechou os olhos. Fazia muito tempo que não entrava em um veículo, que não o sentia mover-se embaixo e ao seu redor. A entrada de sua casa era uma inclinação, portanto ele soube quando Clark saiu dela e pegou a rua. Foi quando abriu os olhos e segurou a mão de Lisa com um pouquinho mais de

força, olhando para a frente, para o padrão familiar, mas sabendo muito bem onde ele estava: no mundo lá fora, como o resto das pessoas.

– Ah, não – disse, sob o som da sua respiração ofegante. – O que eu estou fazendo? O que eu estou fazendo?

– Vamos contar até dez, Sol – disse Lisa.

– Não! – gritou ele. – Desculpe, eu quis dizer... não posso... talvez seja melhor a gente voltar.

– Clark, vá mais devagar. – Lisa se agachou na frente de Solomon para olhar dentro de seus olhos, o nariz a centímetros de distância do dele, o branco de seus olhos cintilando no escuro. – Escute o que vou dizer – sussurrou ela. – Você consegue fazer isso. Já *está* fazendo isso. Segure minha outra mão.

Ele segurou sua mão e então os dois ficaram ali sentados no piso duro da van barulhenta e sacolejante, de mãos dadas como se estivessem prestes a fazer uma sessão espírita ou algo do tipo, e a cada sacolejo, Solomon sentia seu corpo se tensionar. Aquilo ali não era sessão espírita coisa nenhuma. E estava ficando cada vez mais difícil respirar, como se ele tivesse sido levado para fora de casa numa correia e a coleira o estivesse sufocando cada vez mais à medida que ele se afastava.

– Sol – disse Lisa, com toda a calma. – Estamos aqui. Estou aqui. Você está aqui. Estamos aqui e estamos a caminho. Não vai acontecer nada de ruim. Clark é ótimo motorista. Não é verdade, Clark?

– Excelente! – gritou ele em resposta.

– E a gente vai te levar para ver sua avó, certo? Mas você precisa me fazer um favor.

– O quê? – perguntou ele, entre um ofego e outro.

– Você precisa contar junto comigo. Vamos lá. Um...

Ele murmurou os números em meio à respiração alucinada e, sem que ela precisasse falar nada, começou a respirar mais devagar e profundamente.

– Ótimo – disse ela. – Onde estamos?

– Na van do Clark.

– Nada disso. Estamos na garagem. – Ela foi para o lado dele novamente e soltou uma das mãos, mas ainda segurando com força a outra. – E, aqui, podemos relaxar.

– Lisa... eu...

– Aqui, podemos ser o que quisermos. Você quer estar em casa? Então esteja.

– Eu quero estar no jardim – disse ele, a voz trêmula com uma sensação de fatalidade iminente.

– É um jardim e tanto...

– Nadando – interrompeu ele. Depois fechou os olhos novamente. – Embaixo d'água. Sabe quando você tenta ficar no fundo da piscina e olha ao redor? Como é silencioso?

– Sei – disse ela. – Adoro.

– Eu também. Adoro como existe um limite para a nossa velocidade embaixo d'água, sabe? Quando a água está ao seu redor, você está meio que protegido de tudo.

– O ar também pode ser assim – disse ela. – São partículas. É mais parecido com a água do que com qualquer outra coisa.

Solomon abriu os olhos e virou-se para ela. Sorriu, mas apenas por um instante, depois

pensou no ar entre eles – como ele conseguia ver através do ar e como ela conseguia vê-lo, também. Com certeza dava para sentir o cheiro do ar, e ele se perguntou por um breve segundo se talvez o que de fato o estivesse sedando fosse o vapor da tinta, e não a terapia de distração de Lisa.

– Vai demorar? – perguntou ele.

– Mais dez minutos, no máximo.

Lisa apanhou o celular e localizou o telefone de Valerie Reed. Enquanto esperava ela atender, continuou segurando com força a mão de Solomon e ficou de olho se ele estava respirando direito.

– Caiu na caixa postal – falou, ainda com o celular junto ao ouvido.

– Merda merda merda merda – disse Solomon, balançando o corpo para trás e para frente.

– Dra. Reed, aqui é a Lisa. Estamos com seu filho. Estamos a caminho. Por favor, ligue assim que possível.

– Que ótimo – disse Clark. – Agora viramos sequestradores.

– Ela vai morrer sem ficar sabendo – disse Solomon.

Ele tentou se concentrar na respiração. E em contar, coisa que nunca parou de fazer na sua cabeça durante todo aquele trajeto. Inspirava devagar, expirava quando chegava no cinco e depois repetia tudo de novo. Fez aquilo sem parar, até sentir que a van estava parando.

– Chegamos! – disse Clark.

– Não abra as portas – sussurrou Solomon, tentando se acalmar.

– Elas vão ficar trancadas até segunda ordem, cara – disse Clark.

– O que quer fazer, Sol? – perguntou Lisa.

– Tem como você ir lá procurar meus pais? Pra checar se minha avó está bem? O nome dela é *Joan Reed*.

– Joan. Beleza – disse ela, levantando-se. – Não vire.

Ela abriu a cortina e espremeu-se para passar por Clark, enquanto ele fazia o caminho oposto para sentar-se no fundo da van. Foi para o lado de Solomon, que continuava olhando para a frente, fingindo que ele não estava ali. Portanto, Clark apenas olhou em torno e depois novamente para o amigo, antes de soltar um suspiro alto e virar-se para ele.

– Que foi? – disse Solomon.

– Você tá aqui fora, cara. Estranho, né?

– Você deveria estar me distraindo.

– Ah. Hummm...

– Você e a Lisa estão bem?

– Ainda não sei – respondeu Clark.

– Valeu – disse Solomon. – Por tudo isso.

– Wesley Crusher, certo? Sempre salvando o dia.

– Não vou conseguir sair da van, Clark.

– Eu sei, Sol. Mas você já percorreu um longo caminho.

Então o celular de Clark tocou e justamente quando ele atendeu, Solomon arrancou-o da sua mão.

– Mãe? Ela está bem? O que aconteceu?

– Ela está na sala de cirurgia. Tem muitos hematomas e alguns ossos quebrados, mas vai

ficar bem. Cadê você?

- Aqui fora – disse ele, sufocando o choro. – No estacionamento.
- Ao lado da emergência – sussurrou Clark.
- Ao lado da emergência. Mãe? O papai está bem?
- Nós dois estamos bem. Lisa acabou de aparecer. Eu não estou *acreditando*.
- Nem eu – disse ele. – Você conta pra ela que eu vim pra cá?
- Assim que ela acordar. Primeiro vou aí te ver. Não saia daí.

Eles ficaram sentados sozinhos no escuro por algum tempo e, depois de uns minutos, apesar de continuar contando mentalmente e tentando se concentrar na respiração, Solomon olhou em torno, sorriu de leve e depois virou-se para o amigo.

– Estamos bem, Clark – disse, dirigindo-lhe o melhor sorriso de que era capaz. – Estamos bem.

De repente eles ouviram a porta dianteira da van se abrir e então, assim que Solomon se virou, viu a mãe vindo em sua direção. Ela pediu que Clark lhes desse licença e, quando eles se viram a sós, agachou-se um pouco mais perto de Solomon e o olhou fundo nos olhos.

– Sua avó é durona – disse ela. – Daqui a um mês, vai estar se gabando do carro novo e do quadril novo.

Solomon sorriu para a mãe, mas ainda não conseguia relaxar o bastante para demonstrar muita emoção. Traçou os quadrados amarelos atrás dela com os olhos até ela se aproximar ainda mais, bloqueando completamente sua visão. Ela não desmanchou em lágrimas, nem contou que estava orgulhosa dele, nem prometeu que tudo iria ficar bem. Apenas o olhou do mesmo modo de sempre, como se Solomon fosse a única pessoa no mundo. Em seguida, deu um tapinha na perna dele e disse: – Vamos pra casa.

Quando Lisa voltou, sentou-se na frente de Solomon e segurou sua mão como antes, mas ele a retirou depressa e, em vez disso, inclinou-se para a frente e enlaçou seus ombros. Foi um abraço rápido e silencioso, mas era exatamente o que precisava ser. Então ele a soltou, apertou sua mão e fitou os olhos da amiga enquanto o motor dava partida e botava a van para chacoalhar.

De volta à casa, eles esperaram até a porta da garagem estar completamente fechada antes de deixarem Solomon sair. Então Lisa e Clark o seguiram sem dizer uma palavra. Ele atravessou a lavanderia e foi direto até a sala, abriu as portas de correr e entrou no quintal. E quando Lisa terminou de acender as luzes lá de fora, ele já tinha saltado para dentro da piscina, ainda completamente vestido.

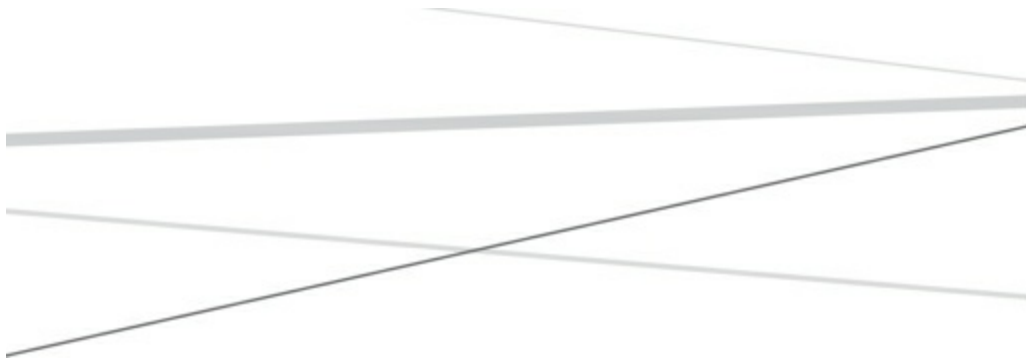
Alguns segundos depois, Solomon emergiu do mergulho espirrando água para todos os lados.

- Isso acabou mesmo de acontecer? – berrou, enxugando a água dos olhos.
- Isso acabou mesmo de acontecer – disse Clark.

Talvez aquele tenha sido o momento mais feliz da sua vida, mas Solomon não podia ter certeza absoluta. E se ele não estivesse atento, talvez tivesse passado despercebido, mas logo antes de Lisa e Clark atirarem os celulares no gramado e caírem na piscina ao seu lado fazendo uma bomba, ele os viu segurarem a mão um do outro rapidamente e as apertarem antes de as soltarem de novo. Ele tinha saído de casa. Tinha sobrevivido. Mas, cara, como era maravilhoso estar de volta à casa, estar dentro d'água, estar com eles. Solomon não precisava ir a lugar

nenhum. Ali era seguro. Era previsível. Era apenas um minúsculo quadradinho num canto do mundo, mas ele jamais precisaria sair dali novamente.

O que não significa, porém, que ele nunca tenha feito isso.



TRINTA

LISA PRAYTOR

MINHA EXPERIÊNCIA PESSOAL
COM DOENÇAS MENTAIS

Meu nome é Lisa Anne Praytor e sou aluna do último ano da Upland High School em Upland, Califórnia. Certa manhã, quando eu estudava no ensino fundamental, um menino que eu não conhecia tirou as roupas e saltou para dentro de uma fonte na frente de todo mundo da escola. E depois ele desapareceu. Durante três anos, eu não soube mais nada a seu respeito. Absolutamente nada. Até que, num dia da primavera passada, eu o localizei. Ele se chama Solomon Reed, e é a minha experiência pessoal com doenças mentais.

Porém, não deveria ser. Eu não tinha o direito de fazer o que fiz, mas Solomon me garantiu que não havia problema. Que eu podia escrever esta redação. Não porque localizá-lo tenha sido a coisa certa a fazer nem talvez porque isso o acabou ajudando, mas porque, apesar de Solomon Reed haver se ausentado do mundo por três anos, ele criou o seu mundo próprio – um mundo que salvou sua vida. E imagino que ele deseje que vocês saibam disso.

Na primeira vez que fui até a casa dele, eu queria curá-lo. Encontrá-lo, curá-lo, e conseguir uma bolsa na faculdade. Esse era o plano. Mas ele não era um paciente e eu não era psicóloga, portanto em vez disso nos tornamos amigos. E então, antes que eu me desse conta, ele começou a melhorar – e não foi por causa do meu talento natural para aplicar os princípios da terapia cognitiva em agorafóbicos de dezesseis anos com síndrome do pânico. Foi porque, agora, ele tinha uma razão para melhorar. Por isso, pensei em acrescentar mais uma: o meu namorado lindo e sensível, Clark. Que maneira melhor de incitar um recluso homossexual a sair de casa, não é mesmo?

Não tenho muita certeza de por que cheguei a pensar que estava qualificada para ferrar a vida de outra pessoa, como eu fiz. Eu poderia jogar a culpa na minha idade, mas seria muito fácil. Ambição, será? Afinal, tudo isso era para eu entrar nessa faculdade (e, esperava eu, ser capaz de pagar por ela). Mas não posso simplesmente culpar vocês, posso?

Eu culpo todos nós.

Nunca vou me esquecer do dia da fonte. Os outros alunos riam e cochichavam, mesmo depois de o diretor o tirar da água e envolvê-lo com seu paletó. Eles simplesmente continuaram rindo e apontando, enquanto Solomon ia embora, pingando, sem desviar os olhos do chão. Quase todo mundo que eu conhecia tinha ouvido alguma fofoca ridícula sobre ele no fim daquele dia. Mas então, dali a poucas semanas, era como se ele jamais tivesse existido. E foi quando eu mais me entristeci. Aquele garoto nunca voltou para a escola. Era como se nós pertencêssemos àquele lugar e ele, a outro. Não é muito difícil desaparecer quando não existe

ninguém procurando por você.

É o que fazemos, às vezes. Deixamos as pessoas desaparecerem. Queremos que desapareçam. Se elas simplesmente ficarem quietas e fora do caminho, então o resto de nós pode fingir que está tudo bem. Mas não está tudo bem. Não enquanto pessoas como Solomon tenham que se esconder. Precisamos aprender a compartilhar o mundo com elas.

Sei que eu não posso falar nada. Do ponto de vista ético, profissional e moral, eu fiz tudo errado. Fui uma amiga de merda e uma namorada de merda, e fiz isso tudo para que meu futuro fosse diferente do meu passado. Eu queria fazer parte desta faculdade para poder ajudar os outros. E, nesse processo, acabei magoando as pessoas que me são mais próximas.

Porém, elas continuam aí. E Solomon ainda abre a porta para mim sempre que vou visitá-lo. Ainda nadamos juntos. Ainda assistimos a filmes, ainda jogamos diversos tipos de jogos. Ele não é o garoto maluco da fonte. As pessoas malucas não sabem que são malucas. E, porque Solomon sabe o que o faz perder o controle, pode aprender como aumentar os limites de seu mundo sem ser soterrado por ele.

Acho que não serei admitida em sua faculdade, e com toda certeza não serei premiada com a Bolsa de Estudos Jon T. Vorkheim. Mas, mesmo assim, eu gostaria de agradecer aos senhores. Se não fosse sua redação, Solomon teria continuado invisível. E provavelmente eu ainda estaria acreditando que entrar nesta faculdade seria a única maneira de ser feliz. Não é. Por mais inteligente que eu seja, foi preciso que um garoto enfurnado em casa me ensinasse que às vezes o lugar onde você está não tem a menor importância. A única coisa que importa é quem está ao seu lado.

É como em *Star Trek: A Nova Geração*, na verdade. Estamos apenas flutuando no espaço, tentando descobrir o que significa ser humano. E obviamente preciso passar mais tempo flutuando. Quando eu estiver preparada para dar um passo, entretanto, Sol estará ao meu lado para me ajudar. E Clark também. O mundo é grande, assustador e cruel, mas podemos sobreviver aqui fora. Solomon Reed conseguiu. Segurei suas mãos e contamos até dez, e foi lindo. Ele era um astronauta sem traje espacial, mas continuou respirando.

F I M

AGRADECIMENTOS

Devo uma quantidade absolutamente lógica de gratidão às várias pessoas que tiveram que lidar comigo enquanto eu escrevia este livro.

A principal delas é Namrata Tripathi, minha editora, que sempre pergunta o motivo de tudo e não deixa eu me safar sem lhe dar uma resposta. Jamais. A capacidade de Nami de abrir minha cabeça e extrair dela narrativas coesas é impressionante, e tenho muita sorte de trabalhar com ela.

Em seguida vem Stephen Barr, meu agente, cuja gentileza e cujas sacadas só podem ser medidas em tacos. Stephen é o cara: um agente que sempre atende telefonemas e nunca poupa palavras. Repito, sou um sujeito de sorte.

Também gostaria de dizer um imenso OBRIGADO a todos na Dial Books e na Penguin Random House por me receberem de braços tão abertos.

É a mais completa verdade que eu não seria ninguém sem bibliotecas, portanto desejo fazer um agradecimento especial a todos os bibliotecários que passam seus dias colocando livros nas mãos dos jovens. E a todos os livreiros que se dão ao trabalho de combinar o livro certo com o leitor certo.

E, por fim, agradeço à minha família e aos meus amigos. Tenho sorte de dizer que vocês estão em número maior do que eu poderia citar aqui, mas vocês sabem quem são e o que significam para mim. Tenho uma profissão muito show de bola, mas ela requer bastante inspiração e material da vida real. Todos vocês me dão isso. Não tenho como agradecer o suficiente.

HIGHLY ILLOGICAL BEHAVIOR

Copyright © 2016 by John Corey Whaley

Todos os direitos reservados.

Star Books Digital

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Direitos para a língua portuguesa reservados com exclusividade para o Brasil à EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro, RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Preparação de originais

VANESSA RAPOSO

Coordenação Digital

MARIANA MELLO E SOUZA

Assistente de Produção Digital

MARIANA CALIL

Revisão de arquivo ePub

MARIA FERNANDA SLADE

Edição digital: junho, 2017.

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou foram usados de forma fictícia, e qualquer semelhança com pessoas atuais, vivas ou não, empresas comerciais, companhias, acontecimentos ou locais é mera coincidência.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

W565c

Whaley, John Corey

Comportamento altamente ilógico [recurso eletrônico] / John Corey Whaley ; tradução Ana Carolina Mesquita. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Jovens Leitores, 2017.
recurso digital

Tradução de: Highly illogical behavior

ISBN 978-85-7980-355-0 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Mesquita, Ana Carolina. II. Título.

16-38663 CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

O texto deste livro obedece às normas
do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

O AUTOR

JOHN COREY WHALEY cresceu na pequena cidade de Springhill, Louisiana, onde aprendeu a ser sarcástico e a contar histórias. Começou a escrever sobre aliens e civilizações submersas quando tinha dez ou onze anos, mas agora escreve ficção realista para jovens adultos (algumas delas incluem zumbis). É obcecado por filmes, música, e viajar para lugares novos. John adora beliscar comidinhas e nunca tomou um soco na cara, apesar de já chegado bem perto. Sua palavra favorita é *defenestration*, defenestração. Sua cor favorita é verde. Seu cheiro favorito é o de livros. Atualmente mora no sul da Califórnia.

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[Parte um: Primavera](#)

[Capítulo 1 - Solomon Reed](#)

[Capítulo 2 - Lisa Praytor](#)

[Capítulo 3 - Solomon Reed](#)

[Capítulo 4 - Lisa Praytor](#)

[Capítulo 5 - Solomon Reed](#)

[Capítulo 6 - Lisa Praytor](#)

[Capítulo 7 - Solomon Reed](#)

[Capítulo 8 - Lisa Praytor](#)

[Capítulo 9 - Solomon Reed](#)

[Capítulo 10 - Lisa Praytor](#)

[Capítulo 11 - Solomon Reed](#)

[Capítulo 12 - Lisa Praytor](#)

[Capítulo 13 - Solomon Reed](#)

[Capítulo 14 - Lisa Praytor](#)

[Capítulo 15 - Solomon Reed](#)

[Capítulo 16 - Lisa Praytor](#)

[Parte dois: Verão - um mês mais tarde](#)

[Capítulo 17 - Solomon Reed](#)

[Capítulo 18 - Lisa Praytor](#)

[Capítulo 19 - Solomon Reed](#)

[Capítulo 20 - Lisa Praytor](#)

[Capítulo 21 - Solomon Reed](#)

[Capítulo 22 - Lisa Praytor](#)

[Capítulo 23 - Solomon Reed](#)

[Capítulo 24 - Lisa Praytor](#)

[Capítulo 25 - Solomon Reed](#)

[Capítulo 26 - Lisa Praytor](#)

[Capítulo 27 - Solomon Reed](#)

[Capítulo 28 - Lisa Praytor](#)

[Capítulo 29 - Solomon Reed](#)

[Capítulo 30 - Lisa Praytor](#)

[Agradecimentos](#)

[Créditos: Star Books Digital](#)

[O Autor](#)